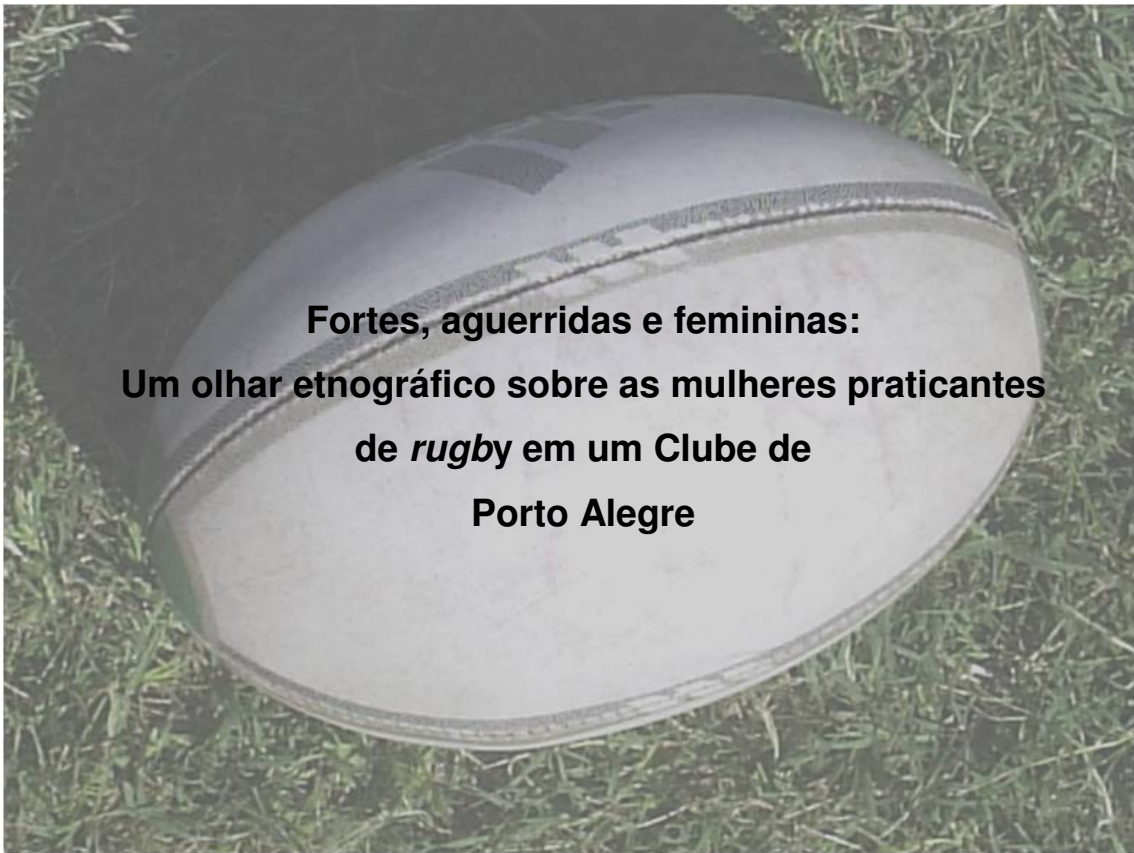


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO**

Thaís Rodrigues de Almeida



Porto Alegre

2008

Thaís Rodrigues de Almeida

Fortes, aguerridas e femininas:

**Um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de *rugby*
em um Clube de Porto Alegre**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A447f Almeida, Thaís Rodrigues de

Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de *rugby* em um clube de Porto Alegre. / Thaís Rodrigues de Almeida. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

140 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2008.

1. Esporte : mulheres. 2. Copo. 3. Gênero. 4. Sexualidade. Título. II. Goellner, Silvana Vilodre, orientadora.

CDU: 796.333-055.2

Thaís Rodrigues de Almeida

Fortes, aguerridas e femininas:

**Um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de *rugby*
em um Clube de Porto Alegre**

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Simone Vione Schwengber

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Prof^a. Dr^a. Vera Brauner

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a minha orientadora Silvana Goellner, por ser além de referência, uma incentivadora dos meus trabalhos desde a graduação, pelo estímulo, pelas oportunidades, pela paciência, muito obrigada!

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelo apoio financeiro através da bolsa de mestrado.

Meus agradecimentos se direcionam também às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e do Programa de Pós-Graduação em Educação, que através das conversas e discussões nas disciplinas as quais eu cursei, tiveram um papel fundamental para a construção deste trabalho.

Às funcionárias do Centro de Memória do Esporte Helô e minha grande amiga Leila (Leiloca), obrigada pela ajuda, pela escuta, pelo apoio em tantas tardes passadas na ESEF.

Meus coleg@s de GRECCO, André, Angelita, Márcia, Renato, obrigada por serem minha família esefiana.

Às jogadoras do Charrua e demais integrantes do Clube, agradeço por terem me acolhido, pela pronta colaboração, pelos ensinamentos, pela parceria, por fazerem do meu tempo com vocês uma parte (das mais agradáveis!) e inesquecíveis de todo processo investigativo.

Minhas amigas Johanna, Carolina, Fernanda, Graziela, Priscila Baiana, Luciene, Amanda, Cíntia – dentro e fora do universo acadêmico, “mulheres admiráveis”, verdadeiras batalhadoras, e grandes incentivadoras das minhas aspirações pessoais e profissionais, parceiras que levarei pela vida afora, obrigada por tudo, sempre!

Para a família Rodrigues de Almeida, Minhas irmãs Mayara, Virgínia e Denise, meu pai Mathias e a primeira feminista que conheci na vida (mesmo que não se considere uma), minha mãe Anete, vocês são meu chão, minhas raízes, minha essência.

Por fim, agradeço ao homem que mudou a minha vida e me faz querer ser uma pessoa melhor a cada dia, meu filho Matheus, meu melhor professor, meu amor maior.

"Depois de várias tempestades e naufrágios, o que fica de mim em mim é cada vez mais essencial e verdadeiro." (Caio Fernando Abreu)

RESUMO

Esta pesquisa teve como foco de investigação, o grupo de mulheres que formam a única equipe de *rugby* feminino do Rio Grande do Sul, vinculadas ao Charrua *Rugby* Clube da cidade de Porto Alegre. Ao eleger a prática deste esporte como objeto de estudo, considerei o mesmo um universo cultural permeado de símbolos e representações, historicamente construído tendo os homens e as masculinidades como referência normativa, a qual permanece nos dias atuais. Embasada por uma perspectiva feminista e pós-estruturalista dos estudos de gênero, lancei o olhar para as praticantes de *rugby* com o objetivo de: compreender as formas particulares como as mulheres vivenciam esse esporte dentro e fora do campo de jogo, tendo em vista as representações de corpo, gênero e sexualidade que as atravessam no contexto investigado. Para tanto, foi realizado um trabalho etnográfico, construído pela observação participante, e a realização de entrevistas semi-estruturadas com mulheres intencionalmente escolhidas no grupo. As categorias de análise formuladas através da articulação com os dados empíricos e referenciais teóricos incidiram em três eixos temáticos: a construção de uma jogadora de *rugby*; as discussões referentes ao corpo, gênero e sexualidade; e a negociação de espaços no clube e permanência no esporte. Tais categorias possibilitaram a compreensão da multiplicidade de experiências e sentidos vivenciados pelas mulheres praticantes de *rugby*. Essas que, por vezes resistem, transgridem a determinados discursos que as interpelam desde o lugar onde se situam e, ao mesmo tempo, podem ser disciplinadas, docilizadas e assim, aceitar algumas das normatizações impostas ao se dedicarem à este esporte.

Palavras Chave: Mulheres e esporte; rugby; corpo; gênero; sexualidade.

ABSTRACT

This research investigates a group of women that form the only female rugby team in the state of Rio Grande do sul, the Charrua Rugby Club, located in the capital city of Porto Alegre. Choosing the practice of rugby as the focus of this study, such practice is here defined as a cultural field (universe) composed by symbols and representations historically built, and which has men and masculinity as the normative reference in current time. Based upon a feminist and post-structural perspective of gender studies, the objective of the present study was to understand the peculiar ways in which these women experience this sport in and out of the matches, specially thinking about how bodily representations, gender and sexuality affect them in this context. Bearing in mind such goal, the field work made was ethnography, and consisted in participant approach and interviews with some chosen women in the group. The analytical categories were built through the articulation of the empirical data obtained and the theoretical approach chosen. Therefore, three categories were obtained: the making of a female rugby player; a discussion concerning the topics of body, gender and sexuality in the context of post-structuralism; the negotiation of space for the practice of rugby by women and the permanence of such practice in the club. Such categories allowed the understanding of the multiple experiences and meanings that are part of the life of these female players. As such, these are stories that entwine resistance and transgression, as well as subjection to the normative discourses to which these women are subject, considering the social place they occupy in society.

Keywords: Women's Sports; rugby; body; gender; sexuality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –Folder do Circuito Brasileiro de <i>Rugby</i>	54
Imagem 2 – Cartaz de Divulgação do Clube Charrua	64
Imagem 3 – Equipe feminina do Charrua em campo – Arquivo pessoal	88
Imagem 4 – Aquecimento antes dos jogos (campeonato Valentin Martinez 2007) – Arquivo pessoal.....	90

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
1. Aproximações teóricas e apontamentos em torno do tema.....	18
1.1 Dialogando com os Estudos de Gênero e seus desdobramentos.....	21
1.2 As Mulheres e as Práticas Esportivas	31
1.3 Aproximações com o Rugby Feminino	40
2. A construção do caminho investigativo.....	52
2.1 Notas etnográficas de uma novata em campo no rugby.....	54
3. Como se constrói uma jogadora de rugby: o sangue nos olhos e a doce bravura dessas moças.....	65
3.1 Ser ou não ser novata?.....	66
3.2 A formativa: ensinando a ‘jogar’ e ‘ser’ jogadores(as) de rugby.....	70
3.3 Depois da formativa: o aprendizado continua.....	77
4. “Jogamos Rugby mas gostamos de homem”: corpo, gênero e sexualidade em jogo	86
4.1 A força dos discursos materializada nas práticas e corpos das guerreiras Charruas	86
4.2 Para olhares desconfiados, afirmações necessárias: quando gênero e sexualidade atravessam as praticantes dentro e fora de campo.....	92
5. Não tá morto quem peleia! A negociação de espaços e permanência no clube e no esporte	99
5.1 A estrutura da Família rugby.....	100
5.2“ Afinal queres ser Doutora ou jogadora de rugby?” Negociando a permanência no esporte	113
Considerações finais: para prosseguir... ..	125
Referências	128
Apêndice	134
Anexos	137

Apresentação

Abordar a temática “mulheres e esporte” é um desafio, o qual já há algum tempo vem ocupando meu interesse e sendo alvo de muitas das minhas inquietações, e isso posso afirmar, tem estreita relação com o lugar onde encontro-me hoje, e assim, localizo minhas falas: subjetivada por experiências adquiridas no meio esportivo, pela análise crítica de tais vivências, e pela constante busca de referenciais que contemplem meus desassossegos relativos às mulheres e as práticas esportivas.

Parece-me pertinente, antes de expor as justificativas sobre a escolha do tema desta investigação, assim como a apresentação dos conteúdos que permearão os capítulos deste trabalho, demarcar parte da minha trajetória pessoal, e o quanto isso reflete-se nas minhas opções e formas de conceber o fazer investigativo. Neste sentido, considero meu interesse em debruçar o olhar sobre as mulheres nas práticas esportivas, estreitamente vinculado ao fato de ter sido praticante de esportes representados socialmente como masculinos e masculinizadores (lutas como judô e Jiu-jitsu). Essa prática, aliado à minha formação como professora de Educação Física, fez com que meu envolvimento com o universo esportivo, fosse ampliado e assim também, produzisse novas percepções acadêmicas e pessoais relativas ao mesmo.

As discussões que faziam parte do meu cotidiano, tanto das disciplinas da graduação quanto da rotina de treinamentos, passavam muitas vezes pelo questionamento das atividades ‘mais indicadas’ ao corpo feminino, as que poderiam oferecer riscos para além dos físicos, e a imediata relação entre esportes tidos como masculinos (por exemplo o futebol e as lutas), com a subsequente masculinização das suas praticantes. Acredito que através da mudança de enfoques, observando novamente as diversas situações pelas quais passei enquanto esportista e estudante, vi despertado meu desejo de

questionar e problematizar os discursos que permeiam as mulheres inseridas em práticas esportivas, fundamentalmente aqueles relacionados às representações de gênero.

A mobilização para investigar tais discursos, referentes as mulheres no esporte, se concretizou com a minha primeira aproximação teórica abrangendo os estudos de gênero, a qual se consolidou na realização do trabalho¹ de conclusão da minha graduação em Educação Física. Com isso, além de vislumbrar novas possibilidades de pesquisa, também tive a consciência de que havia entrado num campo de estudos que me despertava mais questionamentos do que certezas. Por certo, que as pesquisas partem de problemas, e percebi desde cedo, o quanto esse não é nunca um caminho tranqüilo, estável, mas envolto por mobilidade, instabilidades, e possibilidades para a troca de rumos.

Especificamente, ao olhar para as mulheres no esporte, numa perspectiva feminista e pós - estruturalista dos estudos de gênero, partilho do pressuposto de um fazer científico que não é neutro, desinteressado, pelo contrário, é permeado por opções individuais e políticas. A partir disto, me permito articular as discussões envolvendo a prática feminina do *rugby*, tendo em vista justamente a fluidez de discursos, a não generalização, a centralidade da linguagem que, em meio a relações de poder, institui as representações de feminilidades que interpelam as mulheres esportistas.

Tendo em vista as perspectivas teóricas através das quais nutro minha forma de observar, questionar e interpretar, não é sem propósito que constantemente farei referência à “mulheres”, no plural e não no termo “mulher”. Ao me referir desta forma, rejeito perspectivas essencialistas contidas no termo em forma singular, para conceber e valorizar as mulheres como sujeitos plurais, constituídas por experiências múltiplas, diversas, de ser e estar no mundo, e assim, de viverem suas feminilidades. Cabe ressaltar que

¹ Especificamente sobre mulheres lutadoras, intitulado “Por trás do quimono: representações sociais das mulheres praticantes de Jiu-jitsu”, realizado sob a orientação do prof. Dr. Marco Paulo Stigger e concluída no final de 2004.

aqui, interessa-me o quanto essa pluralidade “mulheres”, pode ser expressa através das práticas esportivas que optam por realizar, e os atravessamentos de corpo, gênero e sexualidade decorrentes.

Quando direciono minha atenção para as mulheres que se inserem no universo das práticas esportivas, creio ser necessário apontar que, considero este, como um lócus constituído por lutas, contestações, interesses, repleto de símbolos e representações, as quais por muito tempo, e ainda hoje, com freqüência privilegiam os homens e as masculinidades. Representação esta, que não raras vezes, remeteu e remete as mulheres seduzidas pelo esporte à uma longa trajetória de lutas, conquistas, avanços e retrocessos, para legitimar constantemente seus espaços, bem como sua valorização e permanência neste território.

É envolta por essas concepções, que inicio a apresentação do meu objeto de estudo, um esporte que possui suas origens e prática, voltadas à referenciais masculinos, e ainda, uma atividade onde freqüentemente se reafirmam as masculinidades em detrimento das feminilidades – o *rugby*. É pertinente demarcar neste momento, que ao longo do texto irei me referir ao esporte *rugby*, assim grafado na língua inglesa, apesar de já existir na língua portuguesa o termo “rúgbi” para nomear esta prática, e ainda no português de Portugal a designação “râguebi”. Justifico minha opção por manter a expressão em inglês *rugby*, não como uma afronta ao idioma nacional, mas por sentir-me condizente ao fato de que todos os lugares envolvidos com esta prática pelos quais circulei, tais como clubes, federações e a própria associação Brasileira de *Rugby* mantêm em seus escritos, manuais, regulamentações, a grafia assim representada, e mantida por mim, ainda que em itálico para situar ser esta uma palavra de origem estrangeira.

Minha aproximação e interesse por investir o olhar sobre esta prática, ocorreu a partir das informações a que tive acesso, sobre a existência de um grupo de mulheres que jogavam *rugby* sistematicamente em Porto Alegre, vinculadas ao Charrua *Rugby* Clube e tendo como sede as dependências da

Escola de Educação Física (ESEF-UFRGS). A observação do jogo em si, seus embates, lances de forte intensidade, que, aliados à receptividade que encontrei junto às mulheres desse grupo, desencadeou em mim, um sentimento de desafio e estímulo para realizar uma investigação, abrangendo as mulheres praticantes deste esporte.

Muitos questionamentos acompanharam os passos iniciais desse percurso investigativo, e dentre as perguntas e descobertas, procurei num primeiro momento, conhecer o *rugby*, perceber do que, exatamente, se tratava esse esporte e as características que tornavam singular este universo cultural. A partir do momento em que delinee o objetivo desta dissertação, qual seja: compreender as formas particulares como as mulheres vivenciavam o *rugby*, dentro e fora do campo de jogo, e as representações de corpo gênero e sexualidade que emergem deste universo; foram elaboradas questões específicas de pesquisa. A saber: quais os sentidos, significados dessa prática no contexto específico do clube no qual as mulheres estão inseridas? Quais os discursos de feminilidades e masculinidades produzidos e difundidos neste espaço? Por meio de quais processos e aprendizagens estas mulheres se constituíram como jogadoras de *rugby*? Quais representações de corpo, gênero e sexualidade perpassam as mulheres jogadoras de *rugby*? E como as mulheres legitimam seu espaço no clube e permanecem nessa prática?

A busca por contemplar o objetivo e questionamentos propostos, se deu através de um trabalho de inspiração etnográfica realizado durante dois anos nos espaços onde a equipe feminina vinculada ao Charrua *Rugby* Clube desempenhava seus, treinos, jogos, competições, encontros e eventos. Aliado à elaboração de diários de campo (para revisitar as informações observadas), foram selecionadas e entrevistadas (intencionalmente), oito integrantes desse time, as quais assinaram um termo de concessão e tiveram seus nomes preservados. A articulação das observações e depoimentos, com os referenciais propostos para a realização desta pesquisa constituem parte dos caminhos investigativos que forma o corpo deste trabalho.

Ao refletir sobre as justificativas para realizar tal empreendimento científico, valorizei tanto o meu desejo pessoal como pesquisadora de explorar esta temática – as mulheres praticantes de *rugby*, quanto as razões acadêmicas e políticas para tal investimento. Creio que, ao abordar minha trajetória pessoal e os conhecimentos que me motivaram a realizar este trabalho, já tenha contemplado a delimitação das minhas justificativas particulares. Mas, quanto às concepções políticas e acadêmicas, tenho em mente a necessidade de valorizar um maior aprofundamento das análises permeando a participação feminina nos esportes, em especial partindo de problematizações advindas das epistemologias feministas, e de perspectivas pós estruturalistas dos estudos de gênero.

Sobre o foco específico dessa pesquisa – as mulheres praticantes de *rugby* - permito-me afirmar que no contexto internacional a quantidade de estudos produzidos é visivelmente inferior aos trabalhos abordando a prática masculina, e quanto aos textos que tive acesso, poucos se aproximaram da ótica citada e tomada aqui como aporte teórico. Quando observo a produção nacional sobre este esporte, se o *rugby* ainda está em desenvolvimento e é alvo de poucas investigações acadêmicas², percebo que à respeito das mulheres praticantes no Brasil, são praticamente invisibilizadas. Assim sendo, pretendo explorar uma temática ainda pouco explorada, com uma visibilidade também mínima, utilizando referenciais, que acredito, carecem, também, de mais estudos no meu campo de conhecimento – a Educação Física.

Articulei esta dissertação de forma a inicialmente apontar os campos teóricos através dos quais procurei embasar minhas análises. No capítulo intitulado: “Aproximações teóricas e apontamentos em torno do tema, busco revisar e identificar noções fundamentais para a compreensão do termo gênero, ao mesmo tempo em que realizo a articulação com outros saberes, os

² Digo isso, ao fazer comparação com outros esportes, e ainda por ter encontrado raríssimas referências sobre o *rugby*, em se tratando especialmente do campo da Educação Física.

quais atravessam as discussões envolvendo este conceito. Exponho também discursos acerca da prática esportiva feminina - especialmente aqueles relacionados às representações de corpo, gênero e sexualidade - traçando fragmentos do passado, e argumentos atuais. Em seguida, apresento meu foco de investigação, ao apontar algumas contribuições dos estudos sobre o *rugby*, e o *rugby* feminino, suas aproximações e diferenças, relativas à forma como lanço meu olhar para esta prática.

No capítulo seguinte, trato da construção do caminho investigativo, objetivando trazer elementos que permitam contextualizar a trajetória percorrida para a realização desta pesquisa. Nele rememoro alguns acontecimentos que indicam como se deu meu interesse por pesquisar o *rugby* feminino, esboçando elementos que possibilitam a compreensão de como se iniciou e desenvolveu o processo investigativo. Também neste capítulo, abordo as opções metodológicas, o trabalho de campo realizado através de um olhar etnográfico, e neste a importância das observações, diários, e entrevistas, assim como algumas das especificidades ao se trabalhar com tais ferramentas metodológicas.

Após identificar os referenciais teóricos, e a forma como o trabalho foi construído metodologicamente, adentro especificamente nas categorias de análise tendo em vista a articulação com as especificidades observadas através do trabalho de campo, das falas sistematizadas nas entrevistas e da necessária interpretação à luz dos saberes apresentados nos capítulos anteriores. Desta forma, foram elegidas as três temáticas a serem trabalhadas: a construção de uma jogadora de *rugby*; as discussões referentes aos atravessamentos de corpo, gênero e sexualidade; e a negociação de espaços no clube e permanência no esporte.

No capítulo referente as formas como as mulheres se inserem no universo *rugby*, e aprendem a jogar e ser uma novata. Tendo em vista as particularidades da inserção de novas praticantes no clube onde se deu a investigação, percorro os processos através dos quais se constituem como

jogadoras de *rugby*, a iniciação ao esporte através da categoria formativa, e incorporo a idéia de que há muito mais para se tornar uma jogadora de *rugby*, do que o aprendizado das especificidades técnicas deste esporte. Assim, discorro sobre os processos de socialização, as pedagogias envolvidas no contexto do clube, e como se institui “o sangue nos olhos e a doce bravura dessas moças praticantes de *rugby*”.

As discussões envolvendo o corpo, gênero e a sexualidade dessas mulheres são o objetivo do capítulo “Jogamos *rugby* mas gostamos de ‘homem’!” Nesse tópico, a partir de alguns elementos apresentados no capítulo anterior, e outros apontamentos importantes sobre esse esporte, aprofundo a discussão e interpretação dos meus dados de campo, e entrevistas. Os corpos transformados pela prática do *rugby*, as estratégias de auto-afirmação da feminilidade e sexualidade – heterossexual, as relações entre os membros do Charrua, serão trabalhadas no decorrer desta sessão.

A terceira categoria de análise elegida, refere-se à negociação de espaços e permanência no clube e no esporte. Como na “família Charrua”, as mulheres legitimam sua presença, participam da tomada de decisões, e organizam-se frente à este esporte amador, mas cuidadosamente institucionalizado. Detenho-me ainda, na diversidade de formas com que significam e vivenciam a experiência no *rugby*, e assim, buscam estratégias para permanecerem neste esporte.

1. Aproximações teóricas e apontamentos em torno do tema

Nesta pesquisa, ao analisar a temática “mulheres e esporte”, inspiro-me em referenciais que ao mesmo tempo me mobilizam, aguçam meu desejo de adquirir conhecimentos, e ainda desestabilizam representações as quais eu estive por um longo tempo apoiada. Proponho-me a olhar as mulheres praticantes de *rugby*, envolta por uma concepção de ciência, que não é neutra, muito menos totalizante e definitiva, e sim, reflexo das opções e interesses individuais dos(as) pesquisadores(as). Dessa forma, o fazer científico é realizado de forma pessoal, e também provisória, localizada e parcial.

É neste sentido, que busco embasamento nos estudos de gênero numa perspectiva Pós-Estruturalista, e esta opção me faz andar por caminhos que são fluídos, repletos de instabilidades, os quais permitem que eu me nutra de referenciais constituídos e atravessados por pluralidades, como as epistemologias feministas, e as concepções de poder apresentados por Michel Foucault.

Ao apropriar-me dos estudos de gênero neste trabalho, observo que na minha área de formação (Educação Física), desde as suas origens esteve predominantemente envolta por um viés biologicista das análises e pesquisas. Razão pela qual, priorizar as questões referentes ao gênero, em comparação a esta e outras perspectivas, pode ser considerado um campo relativamente novo de atuação. Esta temática, vem sendo discutida por pesquisadores(as) dedicados à Educação Física e esportes desde a década de 80 do século XX, e convém destacar que este foi considerado um momento chave³, para na sociedade brasileira, emergirem as investigações abrangendo esta área. Porém, cabe apontar, que as pesquisas em sua maioria denunciavam a inferioridade da mulher em relação ao homem, os estereótipos sexuais

³ Um período representativo no cenário brasileiro, marcado pelas manifestações políticas como os movimentos sociais na luta contra a ditadura e redemocratização da sociedade.

estabelecidos pela Educação Física na escola e pelos esportes praticados fora da mesma, e ainda sobre diferença sexual entre homens e mulheres, em níveis de performance e afins, sendo gênero tomado muitas vezes como sinônimo a sexo (LUZ, 2003).

Desta forma, um crescente número de trabalhos emerge nas décadas de 80 e 90, e no contexto atual, pode-se afirmar que no Campo epistemológico da Educação Física há um visível aumento de estudiosos(as), pesquisadores(as)⁴, e grupos de pesquisa se aprofundando nas discussões de gênero, isto é possível de ser visualizado pelo aumento do número de publicações em congressos⁵, periódicos e produção acadêmica, contudo, ainda hoje busca-se ampliar os espaços de divulgação e fóruns de discussão.

É pertinente destacar, que os estudos atuais abrangem perspectivas teóricas diversas, e tendo em vista as concepções abrangendo, como neste trabalho, uma perspectiva feminista pós-estruturalista dos estudos de gênero, parece-me ainda pequeno o contingente de trabalhos que focalizam as análises nessas teorizações. Silva (2006), aponta para a relevância de introduzir e dar visibilidade para as perspectivas de investigação feminista relacionadas às ciências do desporto, no contexto português e para além do mesmo. Pois segundo essa autora, assim como os estudos sobre mulheres no esporte não foram priorizados durante muito tempo na área de pesquisas do desporto, assim também as epistemologias feministas pareceram não olhar

⁴ Dos quais destaco os trabalhos de Fabiano Devede, Elaine Romero, Eustáquia Souza, Helena Altmann, Ludmila Mourão, Mirian Adelman, Silvana Goellner, assim como as produções que estão sendo realizadas pelo Grupo de Estudos Sobre Cultura e Corpo – GRECCO, do qual sou integrante.

⁵ Como por exemplo, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (realizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências de Esporte), reconhecidamente um dos mais importantes locais de divulgação do conhecimento da Área, e onde, apesar de haverem inúmeros trabalhos abrangendo a temática de gênero, não há um grupo de trabalho específico para a apresentação de pesquisas sobre esta temática. Já o Congresso internacional Fazendo Gênero, um espaço de exposição de pesquisas que abrange diversas áreas do conhecimento (antropologia, educação, sociologia, história, entre outras), em sua última edição (2006), contou com um Grupo de Trabalho Temático específico sobre gênero nas práticas corporais e esportivas. Tal fato repercutiu, do ponto de vista político e de inter – relações entre as áreas, como uma importante aquisição de representatividade e visibilidade, porém, não deixa de evidenciar que na realidade são ainda escassos, os espaços de discussão promovidos pela própria Educação Física.

para as experiências das mulheres nas práticas esportivas, caracterizando uma “dupla marginalidade” (SILVA, 2006, p. 367).

Observando essas relações entre os campos de conhecimento, este trabalho foi construído em grande medida, através do diálogo com outras áreas, como por exemplo os referenciais advindos do campo da Educação e das Ciências Sociais, possibilitando ampliar as configurações das abordagens e o desenvolvimento dos temas na especialidade onde me localizo, a Educação Física.

Os aportes teóricos com os quais pretendo trabalhar neste texto, em especial os estudos de gênero, possuem uma trajetória de rupturas, desconstruções, questionamentos, de modo que requisitaram um significativo investimento de tempo, e esforço pessoal para serem compreendidos e relativizados com a temática desta pesquisa. Em meio à tamanha complexidade, não trago o anseio de esgotá-los nos seus múltiplos sentidos, mas sim, indicar em quais definições me apóio, em quais campos circulei, e como pretendo incorporá-los à minha linha interpretativa.

Em termos estruturais deste capítulo, num primeiro momento, busco revisar e identificar noções fundamentais para a compreensão do termo gênero; ao mesmo tempo em que realizo a articulação com outros saberes, os quais atravessam as discussões envolvendo este conceito. Expor alguns dos discursos recorrentes acerca da prática esportiva feminina - especialmente aqueles relacionados às representações de corpo, gênero e sexualidade - traçando fragmentos do passado, e argumentos atuais é o desafio a que me proponho após a passagem pelos campos teóricos. E por fim, iniciar a aproximação com meu foco de estudo, ao apontar as contribuições dos estudos sobre o *rugby*, e especificamente acerca do *rugby* feminino; estabelecendo aproximações e se for o caso, marcando as diferenças, com a maneira como lanço meu olhar para esta prática.

1.1 Dialogando com os Estudos de Gênero e seus desdobramentos

Ao abordar a temática de Gênero neste trabalho, parto do princípio de que nos muitos contextos onde é utilizado, esse referencial apresenta divergências de sentidos e até mesmo contradições; não existindo uma definição única para o termo gênero. Sendo assim, não carrego a pretensão de fixar um conceito para esse referencial, mas, assinalar os autores(as) nos quais embasei minha compreensão deste termo, e indicar que seja qual for a perspectiva adotada, as interpretações convergem para a noção de que em se tratando de gênero, este contrapõe-se à naturalização do feminino e do masculino; e ainda por ter sido formulado “no contexto da luta discursiva feminista, o conceito carregou as marcas dessa luta” e, por isso, foi (e em muitas instâncias ainda é), referido fundamentalmente às mulheres (LOURO,2002, p.229)”.

Para início de reflexões, considero importante frisar que os estudos de gênero não nascem prontos, surgem em meio às contestações do movimento feminista, através do qual o termo “gênero” foi ressignificado, e em certa medida, politizado. Buscando um ponto de partida, observo que diversos autores(as) identificam neste movimento, uma primeira e segunda onda. A primeira onda, datada do final do século XIX, envolvendo a luta das mulheres pelo direito ao voto (sufragistas), organização do trabalho, oportunidade de estudos, objetivos em sua maioria vinculados aos interesses de mulheres brancas e da classe média, seguido de certa acomodação do movimento (LOURO,1997; MEYER, 2003). Já a segunda, nos anos 60 e 70 do século XX, emergindo, no contexto de grande agitação de movimentos sociais e de uma efervescência intelectual (PSCITELLI, 2004), e é justamente a partir desse segundo momento que se iniciam as discussões sobre a utilização do conceito de gênero.

É pertinente destacar, que o movimento feminista, desde o início da segunda onda, já se constituía por agrupamentos de idéias múltiplas, diversificadas, e por vezes conflitantes. Apesar dessa pluralidade, as várias vertentes do movimento convergiam numa característica comum: o interesse em estudar a posição muitas vezes inferior da mulher na sociedade, e a discriminação decorrente; clamando ainda, por ações de mudanças. Além disso, as diferentes formas de feminismos procuravam identificar as causas da desigualdade entre homens e mulheres, sendo a questão de qual o(s) agente(s) que produz(em) essas desigualdades a fonte de muitas das diferenças nos enfoques dos feminismos⁶ (SILVA, 2006).

No conjunto das discussões do período inicial da segunda onda, estavam também a emergência dos questionamentos acerca da centralidade do homem branco de classe média, e a crítica à ciência ao saber - o qual identificava o universal como masculino - salientando que o feminino quando contemplado constituía o desviante, a nota de rodapé. As feministas problematizavam, subvertiam e transgrediam os discursos científicos tradicionais, os quais eram caracterizados pela ênfase na objetividade, neutralidade e distanciamento; de modo que, era assumida a valorização da linguagem pessoal e política no discurso feminista (LOURO, 1997).

Portanto, entre o final da década de 60 e ao longo dos anos 70, as feministas se colocavam contra as idéias de que justificativas biológicas, teológicas e até mesmo relacionadas à classe social, poderiam explicar e dar sentido às diferenças e desigualdades entre homens e mulheres (MEYER,

⁶ Segundo Silva (2006), podem ser identificadas algumas vertentes principais dos feminismos: Radical, Liberal, Social-marxista, as psicanalíticas, as raciais e étnicas. as culturais e aquelas vinculadas ao pós – modernismo. Sem querer dar a idéia de avanço, progresso linear dos estudos feministas, (visto que são marcados por rupturas e descontinuidades), é interessante citar que podem ser identificadas algumas fases no feminismo. Inicialmente, a questão da *visibilidade*, situando as mulheres enquanto sujeitos da ciência (mulheres enquanto sujeitos históricos, políticos e epistemológicos), com a eclosão de estudos sobre as mulheres. Uma outra fase, seria caracterizada pela questão da *diferença*, cujos estudos se debruçavam sobre o que diferenciava homens e mulheres. Num viés mais contemporâneo, a fase das *relações de gênero*, a qual centra nas relações entre mulheres e homens os estudos de gênero (ibidem).

2003). Dentro desse contexto, o movimento feminista se viu frente ao desafio de demonstrar que as “diferenças percebidas entre masculino e feminino”, não poderiam ser explicadas isoladamente por fatores biológicos e ainda sócio-econômicos. Mas sim, através das distintas representações (mais ou menos valorizadas), do que se considera sobre homens e mulheres, masculinos e femininos, “especificamente numa dada cultura em um determinado momento histórico (MEYER, 2003, p.14)”.

A incorporação do conceito de gênero pelas estudiosas feministas foi considerada um marco para o movimento; inicialmente utilizado pelas estudiosas anglo-saxãs, o termo *gender*⁷ passou a ser usado como distinto de *sex*, “visando rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual”, ou seja, enfatizando o caráter “fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, P.72). Para Guacira Louro (2002), a emergência de gênero enquanto categoria, representou uma “virada epistemológica”:

Ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos em meio a relações sociais de poder. O impacto dessa nova categoria analítica foi tão intenso que, mais uma vez, motivou veementes discussões e mesmo algumas fraturas internas. Também as relações de gênero passaram a ser compreendidas e interpretadas de muitas e distintas formas, ajustando-se (a) ou interpelando referenciais marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaultianos, pós estruturalistas (2002b, p.15).

A pesquisadora Linda Nicholson, ao teorizar sobre o período inicial das discussões de gênero, traz importantes contribuições para o debate, ao afirmar, por exemplo, que gênero não seria um conceito substituto para sexo, mas no sentido de atuar como suplementar ao mesmo, visto que: “[...] Mais do que isso, não só o ‘gênero’ não era visto como substituto de ‘sexo’ como

⁷ Traduzido para o português como gênero.

também 'sexo' parecia essencial à elaboração do próprio conceito de gênero (NICHOLSON, 2000, p.11)".

Outro aspecto interessante apontado por Nicholson refere-se ao fato de que, as feministas da segunda fase, embora tenham procurado se afastar do determinismo biológico⁸, e ainda se aproximado da idéia de uma construção social dos sujeitos; mantiveram a perspectiva de que a construção social se faz "sobre" ou a "partir" de um corpo. Essa visão foi denominada por essa autora de "fundacionalismo biológico", na qual dados da biologia permanecem como uma espécie fundamento para o social; ou seja, haveria algumas constantes da natureza que seriam responsáveis por certas - constantes sociais. Para ela, esta posição cria obstáculos para uma melhor compreensão das diferenças entre as mulheres e entre os homens.

Uma perspectiva importante dos estudos de gênero, e tomada como referência para esta pesquisa, é a que trata da necessidade de valorizar o aspecto relacional entre masculinidades e feminilidades. No trabalho da historiadora Joan Scott (1995), foram assinalados elementos significativos para a compreensão desse atributo "relacional", pois para a autora não se está colocando em oposição homens e mulheres, mas sim, aprofundando a necessidade de se desconstruir a histórica supremacia do gênero masculino sobre o feminino. O gênero, entendido como elemento que constitui as relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, trataria de pressupor quatro elementos relacionados entre si: a) os símbolos culturalmente disponíveis, que evocam representações simbólicas; b) os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos; c) as instituições e organizações sociais, tais como o mercado de trabalho, as relações de parentesco, a educação e o sistema político; d) as identidades subjetivas, cujas representações não devem ser reduzidas apenas às concepções bio-psicológicas, pois assim sendo, nega-se o aspecto histórico e sócio-cultural dessa categoria (1995, p.86-87).

⁸ Uma corrente que supõe especificamente que nossas vidas são determinadas pelas características biológicas de nossos corpos.

Para Scott, o gênero ainda é uma forma de se dar significado às relações de poder. Sob esse prisma, nota-se muitas vezes a existência de uma idéia já superada, de que os estudos de gênero tratam apenas de estudos sobre mulheres, enquanto numa linha de pensamento pós-estruturalista, tomada como referência para esta autora, e assumida também neste trabalho, entende-se tratar de estudos que trabalham na ótica das relações de poder abrangendo as diversas formas pelas quais produzem-se sujeitos carregados por feminilidades e masculinidades.

Compreendendo os sujeitos como plurais (com diversidades de gênero, raça, etnia, classe, religião, entre outros), as aproximações com o pós-estruturalismo são tidas, como um marcador importante para os estudos feministas e de gênero; visto que abrangem concepções contrárias aos essencialismos, os quais pressupunham a existência de : “[...] uma mulher e um homem universais e trans-históricos (LOURO,1997, p.16)”. A relação entre os estudos feministas e os pós-estruturalistas, longe de se expressar de uma única forma, abrange algumas idéias compartilhadas, como a crítica aos sistemas explicativos da sociedade; as limitações das formas de organização e de compreensão do social abraçadas pelas esquerdas; a problematização dos modos convencionais de produção e admissão do que é considerado “ciência”; questionando ainda a idéia de um poder localizado e central regendo o todo social (LOURO,1997).

Considerando que as relações de gênero seriam constituídas por relações de poder⁹, o envolvimento com os estudos de Michel Foucault, pareceu um caminho fértil para as estudiosas feministas. Atendo-se à concepção de que o poder se exerce em várias direções, as compreensões de poder disciplinar e biopoder, pareceram relevantes para examinar a produção dos sujeitos sociais. E quando utiliza-se o termo poder, numa visão foucaultiana, de fato, assume-se que este não está localizado num lugar,

⁹ Numa teia em que estariam articuladas ainda outras divisões sociais, como etnia, classe, raça, sexualidade, etc. (LOURO, 2002(b), p.17).

instituição, mas se exerce em rede, circula, através de estratégias que ao invés da repressão/negação, incitam, seduzem, estimulam (LOURO, 2002b) .

Cabe ainda, destacar que a forma como o gênero é compreendido neste trabalho, aponta para um afastamento de idéias que pressupõem papéis e funções estritamente femininas ou masculinas. Conforme os apontamentos de Louro (1997), essa relação seria reducionista, pois não estariam sendo priorizadas as múltiplas formas pelas quais os sujeitos constituem-se masculinos e femininos, “[...] como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (p.24).”

Desta forma, numa sociedade circulam representações plurais sobre feminilidades e masculinidades, e especificamente o termo ‘representação’, relaciona-se a um conceito que também possui sentidos diversos nos contextos em que é utilizado. Cabe portanto aqui, sinalizar que a noção de representação apresentada nesta pesquisa, refere-se àquela “compreendida como inscrição, marca, traço, significante e não como processo mental – é a face material, visível, palpável do conhecimento” (SILVA, 2001, p.32). Nesse sentido, trago a contribuição de Meyer, segundo a qual:

Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos. [...] A representação envolve, pois, as práticas de construção e partilhamento de sentidos na cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação (2000, p. 58).

Nesse contexto, a linguagem seria percebida num sentido amplo, ou seja, não estaria restringindo-se apenas à linguagem falada, mas também à linguagem escrita, visual, musical, corporal, midiática, entre outras; há portanto, uma infinidade de linguagens que circulam e nos atravessam. Dessa forma, a linguagem desempenharia um papel essencial, como o “[...] meio

privilegiado pelo qual nós atribuímos significado ao mundo e a nós mesmos e que a linguagem é, pois, um elemento central da organização social e da cultura (MEYER, 2002, p.58 -59)". Esses processos estariam envoltos em relações de poder, concebido segundo a noção de Foucault (2002), como um organizador de relações sociais, culturais, políticos, onde os sujeitos ocupariam seus lugares em meio às representações que estão em circulação.

Sendo assim, a linguagem atribui sentido ao mundo construindo a realidade na qual vivemos de uma forma instável, múltipla, assumindo centralidade também nos processos de constituição de sujeitos masculinos e femininos. Ou seja, a linguagem: "[...] como lócus de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder (MEYER, 2003, p.16)".

Trabalhar com o conceito de representação em uma análise privilegiando os Estudos Culturais, remete ainda, ao fato deste referencial estar estreitamente vinculado às investigações de Foucault, em especial à sua formulação do conceito de discurso¹⁰. Numa realidade construída discursiva e lingüisticamente, "[...] o discurso não deve ser visto simplesmente como o registro ou o reflexo de objetos que lhe são anteriores, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT *apud* SILVA, 2000, p.43). Portanto, a representação é ativa e produtiva em mais de um sentido, produtora dos objetos, e, além disso, produtora dos sujeitos aos quais nomeia. A representação ainda é sempre "[...] 'autorizada': sua força e sentido dependem também dessa autoridade que está necessariamente ligada ao poder. O processo de significação é também um jogo de imposição de significados, um jogo de poder.(SILVA, 2000, p.67)".

Outra categoria considerada relevante para se compreender as representações, e, diretamente relacionada a essas é a da identidade.

¹⁰ Os discursos estão localizados entre, de um lado, relações de poder que definem o que eles dizem e como dizem, e de outro, efeitos de poder que eles põem em movimento: "o discurso é o conjunto das significações constrangidas e constrangedoras que passam por meio das relações sociais"(FOUCAULT *apud* SILVA, 2000, p.45).

Partindo-se do pressuposto de que “essa é uma atribuição cultural, que sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura (LOURO, 2000, p.62)”. A identidade, ajuda a compreender aquilo que os sujeitos são, e ao mesmo tempo o que “não são”, e é nessa relação do “Eu” versus “não eu”, que se reconhecem enquanto seres distintos. Conforme Silva:

A identidade não é um produto acabado, ela é demarcada por meio de processos de produção da diferença. A diferença, portanto a identidade não é um produto da natureza: ela é produzida no interior das práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados (2000, p.25).

Ou seja, ao tratar de identidades, considera-se aqui, que é no âmbito da cultura e da história que essas se definem. Os sujeitos se constituem então, de múltiplas e distintas identidades de gênero, de raça, etnia, sexualidade, etc. Estas identidades são também provisórias, mutáveis e até mesmo contraditórias, na medida em que passam por diferentes situações. Para Stuart Hall (2005) a identidade pode ser considerada como um ponto de apego provisório a uma determinada posição de sujeito, uma relação de pertencimento, negando outras identidades no processo de diferença. A partir dessas colocações, me permito concordar com Louro (2000) ao afirmar que somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes, e tudo isso se aplicaria às identidades sexuais e de gênero.

A sexualidade nesse contexto é compreendida como um dispositivo de poder, envolvendo os discursos acerca dos rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, processos profundamente culturais e plurais (Louro,1998). Os meios, modos e formas através dos quais esses discursos são produzidos, possuem uma carga social e histórica, porém, “[...] não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder (WEEKS, 1999, p.42)”.

Na sociedade atual, em se tratando das discussões envolvendo a sexualidade, o que comumente se confunde é a premissa de que um determinado sexo (biológico) indicaria conseqüentemente um gênero específico, e, este indica o desejo sexual - indubitavelmente o sexo oposto. Para Louro, essa tríade: sexo - gênero - sexualidade; não é uma seqüência natural nem segura, muito menos indiscutível, “para assegurar o seu funcionamento são necessários investimentos continuados e repetidos (2004, p.81)”. As identidades sexuais, portanto, não são naturais e sim adquiridas, a heterossexualidade como norma, aponta para o fato de que “ [...] talvez não necessite de uma definição explícita; ela se torna o quadro de referência que é tomado como dado para o modelo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos (WEEKS, 1999, p.62)”. Pode-se ainda, refletir sobre a idéia de que existe um discurso de heteronormatividade, isto é, uma obsessão com a sexualidade normatizante através de discursos que freqüentemente descrevem por exemplo a condição de homossexual como desviante (BRITZMAN, 1998). Neste sentido, os estudos feministas, e também gays e lésbicos, vem buscando propostas, ações e teorizações no sentido de resistir às naturalizações, procurando demonstrar o quanto a sexualidade na sociedade moderna, esta envolvida por relações de poder (WEEKS, 1999).

A cultura, a linguagem, as representações de gênero e sexualidade, estariam agindo e interagindo sobre os corpos, sobre a forma primeira através da qual os sujeitos se apresentam, onde estão as ‘marcas’, os traços culturais, que os posicionam entre semelhanças e diferenças perante seus pares. Desta forma, creio ser necessário esclarecer a compreensão adotada de corpo, que vai além da dos aspectos naturais e biológicos, para ser analisado como sendo um construto histórico, social, cultural, lingüístico e político.

Ou seja, é priorizada a necessidade de refletir sobre o corpo como algo produzido culturalmente, através de uma construção histórica, mutável, e suscetível aos diferentes discursos que cada cultura, nos mais diversos contextos produz. Concordando com as palavras de Louro quando refere que: “[...] os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente

(LOURO, 2000, p.62)”. E ainda para pensar na produção cultural do corpo, conforme Le Breton:

[...] o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais (2006, p.29).

Em se tratando de problematizar as questões referentes ao corpo, é pertinente citar o trabalho de Foucault, para o qual nas distintas sociedades, o corpo tem ligação com o poder e vice versa. Através de estratégias de poder que por exemplo incitam, estimulam os corpos ao invés de reprimi-los, assim, o corpo é docilizado, disciplinado, normatizado, mas não sem resistência, característica fundamental para que se estabeleçam relações de poder, em detrimento de constituir-se apenas um estado de dominação (FOUCAULT, 1989).

Especificamente ao olhar para as mulheres no esporte, penso nos seus corpos, transformados e ‘marcados’ por determinadas práticas; da erotização dos corpos considerados dentro das concepções de feminilidade valorizadas socialmente, ao estranhamento com corpos que fogem às normas vigentes, ganhando músculos, contornos, aparência que as posicionam como menos femininas, e desta forma mais masculinas - masculinizadas. No território esportivo, os corpos femininos atléticos, nas suas múltiplas apresentações, carregam também os discursos que sobre eles se impõem, os quais freqüentemente questionam a legitimidade do ser mulher, quando destoam em termos de normalidade daquilo que é esperado, seja pelo seu tamanho; definição; massa corporal: “[...] afinal julga-se o quão feminina uma mulher é também pela exterioridade de seus corpos (GOELLNER, 2006)”. E é através desta exterioridade, das diversas feminilidades que se apresentam e representam, que chegam a ser levantados questionamentos acerca da sua sexualidade, da autenticidade de seu sexo.

O universo esportivo, ou melhor, a análise das mulheres que se inserem neste, levam-me a refletir sobre as relações com referenciais trazidos neste texto, nas representações de corpo, gênero e sexualidade que interpelam as mesmas. Contudo, este também é um meio repleto de pluralidades, e em especial acerca da participação feminina, diferentes abordagens, enfoques, e problematizações, podem ser lançados. Deste modo, creio ser necessário e esclarecedor apontar fragmentos significativos, envolvendo esta temática, mulheres e esportes, para posteriormente adentrar nas discussões referentes à prática feminina do esporte *rugby*.

1.2 As Mulheres e as Práticas Esportivas

Refletir sobre o esporte na sociedade contemporânea, denota compreendê-lo como um fenômeno cultural repleto de significações, presente em praticamente todas as camadas sociais, em suas diferentes formas, que vão do lazer ao esporte de rendimento, mulheres, homens, crianças e idosos, mobilizam-se em torno das suas mais diversas manifestações. Alvo de constantes investimentos, sejam políticos, econômicos, midiáticos, entre outros; as práticas esportivas mobilizam multidões, sentimentos, paixões, e como produtoras e reprodutoras das relações sociais e culturais, o meio esportivo encontra-se permeado por disputas, interesses, e negociações, ou seja, imerso em relações de poder¹¹. Um território, onde fazem-se presentes discursos e representações de corpos, feminilidades, masculinidades, sexualidades.

Justamente por essa multiplicidade de sentidos, e relevância adquirida na sociedade moderna, o esporte passa a ser alvo de interesse científico, em especial das investigações sociológicas, que já a algum tempo vem compreendendo a partir de diferentes olhares e contextos, as problematizações

¹¹ Poder aqui compreendido a partir de Foucault (2002), como algo que não se localiza em instituições, dando uma idéia de fixidez, mas algo que possui mobilidade, circula, se exerce em rede, possibilitando resistências.

que emergem deste campo¹². Porém 'o esporte', assim como outros tantos temas abordados academicamente, em sua forma ampla de análises, continuamente foi, e, é relativizado como masculino, branco, heterossexual, e isso ao meu ver, já sinaliza para a necessidade de abordagens envolvendo as exceções à essa 'regra', especificamente neste trabalho, onde busco também, conferir visibilidade à participação das mulheres que insere-se neste meio.

Estrangeiras ou não nesse território, interessa aqui observar que de diversas maneiras, atitudes, ambientes, contextos, as mulheres fizeram e fazem-se presentes no esporte. Em espaços mais ou menos 'aceitáveis' para a sua adesão, é possível afirmar que atualmente elas estão inseridas em praticamente todas as modalidades e práticas esportivas, mas, muitas das representações e discursos que buscavam restringir seus 'lugares' no esporte, ainda produzem efeitos nas mulheres esportistas.

A partir dessas afirmações, acredito que apesar de pesquisar as mulheres no esporte num viés contemporâneo, considero de suma importância observar as práticas esportivas como cultural e historicamente construídas, e, desta forma, perceber que tanto a vinculação do esporte aos homens e às masculinidades, quanto o interesse das mulheres em adentrar no universo esportivo, é algo que transcende os dias atuais. Assim sendo, num primeiro momento, me remeto a traçar alguns fragmentos históricos sobre a inclusão/adesão esportiva feminina, deixando claro que, não pretendo de forma alguma dar uma idéia de linearidade, da evolução das mulheres no universo esportivo. Mas, demonstrar significativas rupturas, conquistas de espaço, visibilidade, acesso, abrangendo a prática esportiva feminina em diferentes épocas e contextos sócio-culturais.

Para início de diálogo, observa-se o esporte como prática social moderna, foi desde suas manifestações iniciais concebido como masculino,

¹² Investigações que abordam as análises dos esportes de rendimento, dos grandes eventos, atletas, àquelas que consideram outros contextos particulares, permeados de sentidos e especificidades, como aponta Stigger (2002).

essa afirmação parte da análise do trabalho de Elias e Dunning (1992) de acordo com os quais, o esporte já na sua concepção, poderia ser considerado uma das principais formas de canalização do *ethos guerreiro* masculino - para uma prática domesticada, permitindo novas formas de controle sobre o incontrolável. Essa característica fica visivelmente demarcada a partir da institucionalização de práticas como o futebol e o *rugby*, nas *Public Schools* inglesas, no final do século XIX, onde dentre as principais motivações estavam, o controle da agressividade dos garotos, a qual através da prática esportiva poderia ser extravasada.

Nesta mesma época, para as mulheres, os argumentos envolvendo a canalização da violência não eram vigentes, tendo em vista que as escolas eram apenas para garotos, e no contexto da sociedade inglesa, as práticas esportivas eram restritas ao universo masculino. Ou seja, esse aspecto contribui para refletir sobre as mulheres e sua participação no campo esportivo, levando em consideração a longa trajetória para serem incluídas e permanecer neste terreno, especialmente o contexto social e cultural no qual desde suas manifestações iniciais, o esporte era endereçado aos homens. Na arena esportiva, como aponta Rubio:

[...] a mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino. Fosse como atividade de lazer, fosse como prática sistemática com finalidades bélicas o esporte unificou, desde então o conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites (1999, p.50).

Esse discurso se reflete também ao observarmos os jogos olímpicos - palco privilegiado da manifestação esportiva mundial – pois não foi permitida a participação feminina em suas primeiras edições. Esta restrição, justificou-se para Pierre Cobertin, idealizador dos jogos modernos e primeiro presidente do Comitê Olímpico Internacional, ao afirmar que a retomada dos jogos, deveria corresponder: “[...] tanto quanto possível o formato dos jogos Gregos

da Antigüidade (WELCH e COSTA apud KNIJNIK, 2003, p. 24)”, os quais não admitiam mulheres¹³.

Se nos jogos da Antigüidade Clássica, às mulheres era vetada a participação, no início dos Jogos Olímpicos Modernos, essa ressalva permaneceu sob novos contextos, mas contendo algumas justificativas centradas num modelo de concepção dos jogos do passado. Conforme os ideais do Barão de Cobertin, a função das mulheres nos jogos, em muito se distanciava das práticas esportivas dos atletas olímpicos: “[...] as mulheres, possuem uma única tarefa, ou seja, o papel de coroar o vencedor com a coroa de flores como era o seu papel na Grécia Antiga (COBERTIN apud ROMERO, 1994, p.5)”. Para Rubio, as reservas quanto a participação feminina nos jogos da Antigüidade, mesmo tendo em vista o caráter religioso dos jogos, era mais um argumento político do que biológico, ao observar os registros de habilidades e práticas das mulheres espartanas desde aquela época com ideais de uma maternidade sadia, a autora acredita que em relação aos direitos de cidadã: “[...] a mulher também é impedida de gozar do convívio social e das glórias concedidas aos competidores vencedores (RUBIO, 1999, p.52)”.

Ainda sobre o início dos Jogos Olímpicos modernos, em relação à postura de Cobertin, Mourão tece o seguinte comentário: “[...] era uma idéia ancorada no mito da maternidade e no papel de reprodutora que a mulher desempenhava na sociedade radicalmente patriarcal do fim do século XIX (2003, p. 128)”. Mesmo após a entrada das mulheres nos Jogos Olímpicos em Paris, Cobertin mantinha-se contrário a essa participação, pois para ele a figura de mulheres competindo era considerada prejudicial aos ideais de exacerbação

¹³ Na Grécia Antiga, a participação das mulheres era proibida, entre outros fatores, assim como os escravos as mulheres não eram consideradas cidadãs, e acreditava-se principalmente que a atividade física vigorosa, poderia deteriorar sua saúde e afetar a sua capacidade de ter filhos, sendo assim, as práticas esportivas eram tradicionalmente de domínio masculino. Porém mesmo naquele contexto existem relatos de mulheres que rompiam as normas impostas se aventurando nas práticas esportivas (CHIÉS, 2006).

do potencial masculino dos homens, da virilidade e da força, valorizados naqueles eventos, e contrários às concepções feminilidades.

A inclusão feminina nos jogos só foi permitida por intermédio do tênis e do golfe, esportes nos quais as vestimentas cobriam todo o corpo¹⁴ (LENK apud ROMERO, 2003), onde também não havia contatos físicos entre as praticantes, e eram consideradas práticas esteticamente belas (RUBIO, 1999). A partir desta primeira participação, foram ampliando-se¹⁵ as modalidades permitidas às mulheres ao longo das edições dos jogos, e assim, esta inserção auxiliou em parte, para que caíssem em desuso algumas das restrições apoiadas no mito do sexo frágil.

Afora a questão do esporte olímpico, é importante salientar que mesmo invisibilizadas, e tendo seu acesso restrito, negado, e até proibido, longe de serem apenas 'vítimas', as mulheres se aventuravam nas mais diversas práticas corporais e esportivas. Sobre este enfoque, Knijinik (2003) ao pesquisar sobre a história das mulheres no esporte salienta a existência de registros de que no final do século XVII e início do século XVIII, as mulheres européias praticavam diversas atividades físicas. Apesar de serem atingidas por inúmeras restrições políticas e sociais, eram praticadas atividades como o Cricket, boliche, e outras atividades comuns especialmente nos festivais comunitários. Salvo a exceção das corridas femininas, que em certos momentos chegaram a ser "mais freqüentes e populares que as masculinas

¹⁴ Foram permitidos ainda o ciclismo (não competitivo), a montaria (adaptada para que não abrissem as pernas), e em 1912 as mulheres começaram a competir na natação (LENK apud ROMERO, 2003, P. 70).

¹⁵ A primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos aconteceu em 1896 na cidade de Atenas. Em 1900, Paris sediou o evento e, nessa ocasião, participaram 16 mulheres em apenas duas modalidades: golfe e tênis. Em Saint Louis (1904), foram 6 as participantes, todas no arco e flecha; Em Londres (1908) somaram o número de 36 a disputar o arco-e-flecha, a patinação e o tênis. Em Estocolmo (1912), dos 2548 atletas inscritos 57 eram mulheres. A natação feminina foi admitida nesses jogos, medida que causou reação de grupos conservadores que fizeram protestos públicos chamando as atletas de "mulheres sem moral". Na Antuérpia (1920) foram 64 as participantes; em Paris (1924) 136 e em Amsterdã (1928) eram 290, representando pela primeira vez, o percentual de 10% em relação ao número de atletas homens (ROMERO, 2003). E nos últimos jogos de 2000 e 2004 as mulheres somaram por volta de 40% dos atletas inscritos.

(KNIJINIK, 2003, p.42-43)”. Outro exemplo, é o das mulheres forçadas que se apresentavam nos teatros e *music halls*: “na passagem do século XIX para o século XX, várias *strongwoman* adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como “profissionais de força (GOELLNER e FRAGA, 2003, p.73)”. Apesar de adquirirem notoriedade na sua época, com seus corpos e força física transformados pela prática, foram silenciadas e invisibilizadas nas mais diversas narrativas.

Esportes como o hipismo e o ciclismo passaram a ser mais aceitos para as damas européias, mais ao final do século XIX, e em ambos os casos, muitos discursos desaconselhavam a prática desses exercícios para as mulheres, freqüentemente com o intuito de preservar a fragilidade feminina, para uma futura maternidade saudável (KNIJINIK, 2003).

Esse discurso, se reproduz também dentro do contexto brasileiro da prática esportiva pelas mulheres, onde foi observado que no início do século XX, os exercícios físicos eram indicados, visando principalmente o fortalecimento corporal para uma futura maternidade sadia. Porém, ao mesmo tempo em que se recomendavam determinadas atividades físicas como, por exemplo, a ginástica e a natação, houve a preocupação de desaconselhar atividades que poderiam levar entre outros fatores à masculinização da mulher, o que era completamente o oposto dos ideais de beleza e saúde, fatores motivacionais da prática esportiva feminina da época (GOELLNER, 2004).

Com o passar dos anos, a ampliação da participação das mulheres no cenário esportivo, incluindo aí a primeira participação brasileira feminina em Olimpíadas¹⁶, fez com que a já mencionada “preocupação”, pela prática de algumas atividades físicas, fosse oficializada. A partir do período do Estado Novo, houveram intervenções sob forma de decretos-leis, especificamente em 1941, o Decreto-Lei 3.199, ao estabelecer as bases da organização dos esportes no Brasil, incluía um artigo o qual referia: “às mulheres não se

¹⁶ Maria Lenk na natação, em 1932 – nas Olimpíadas de Los Angeles (KNIJINIK, 2003, P. 60).

permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza”. Regulamentado em 1965, por uma deliberação do Conselho Nacional dos Desportos, proibia às mulheres a prática de qualquer tipo de luta, futebol de salão, de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol (ROSEMBERG, 1995, p. 284). Tais leis eram justificadas tendo em vista: “[...] crenças sustentadas pelo mito do sexo frágil e pelas argumentações científicas calcadas na necessidade de proteção à reprodutora (MOURÃO 2003, p. 128)”. A partir dessas restrições, pode-se refletir ainda sobre as categorizações do esporte como um local de reserva masculina, excluindo as mulheres, e na participação do discurso médico, e de diversos profissionais do campo da saúde, que acabaram por contribuir para estas e outras concepções restritivas (DEVIDE e VOTRE, 2005).

A legislação que limitava a prática feminina de esportes ‘viris’ só foi modificada em 1979, através do episódio ocorrido com as atletas participantes do campeonato Sul-Americano de Judô realizado em Montevideu (Uruguai) nesse mesmo ano. De fato, nesse período, as leis proibiam a organização de competições de determinadas modalidades, mas isso não significava que mulheres extra-oficialmente deixassem de praticar, e nesse campeonato específico, a forma encontrada de burlar as leis brasileiras foi, inscrever as competidoras com nomes masculinos, a fim de que saíssem do Brasil sem maiores empecilhos. Em trabalho realizado acerca deste episódio e problematizando a relação das mulheres atletas e dirigentes que o vivenciaram, Mourão e Souza (2007), destacaram que, ao voltar com medalhas e levando o país a ser campeão geral da competição, foram muitos os argumentos de técnicos e dirigentes esportivos a fim de acabar com as proibições, o que realmente ocorreu meses depois desse acontecimento. É relevante apontar que a participação feminina era vista como positiva para os responsáveis técnicos e administrativos do judô, objetivando ganhar pontos necessários na contagem geral da equipe brasileira, onde as categorias masculinas e femininas somavam-se, e desta forma, o país vinha sendo prejudicado em competições internacionais devido à falta de representação das mulheres. Ou seja, através desse interesse, não houveram iniciativas visando o livre-arbítrio

das mulheres - pelas mulheres neste esporte e exemplo factual, mas “[...] a emancipação feminina foi construída nas brechas pelas mãos e pelos atos também dos homens (MOURÃO e SOUZA, 2007, P.106)”.

No cenário atual, atendo-se à realidade brasileira, passados mais de vinte anos da revogação das leis que restringiam a prática feminina em determinadas modalidades, do ponto de vista legal, todos os esportes são permitidos às mulheres. Praticá-los, entretanto, representa uma atitude ainda suscetível a representações por parte de homens e mulheres, que persistem associando determinadas práticas como o futebol, as lutas, o *rugby*, à uma representação prioritariamente masculina, colocando em questão a feminilidade e até mesmo a sexualidade das mulheres que se apropriam deste território, pois: “[...] Quando desporto feminino rima com virilidade, o rendimento assume o protagonismo, a estética ausenta-se e a feminilidade questiona-se. (SILVA, 2005, p.94)”.

As mulheres lutam, correm maratonas, escalam montanhas, fazem acontecer e são acontecimento no universo esportivo, de modo que parece clara a desconstrução de muitos dos discursos em especial os biológicos¹⁷, os quais justificavam as limitações à participação feminina em diversas práticas. Porém, de um modo geral, muitas das representações ancoradas e significadas nesses discursos permanecem ainda, em circulação. Como bem aponta Silva:

[...] O corpo feminino parece ser um corpo condicionado pelos olhares que avaliam as suas formas, que determinam seus movimentos e enaltecem a sua graciosidade e fragilidade. Corpos femininos fortes e musculosos são corpos para os quais o olhar não foi educado (2005,p.89).

A partir dessa afirmação, um exemplo pertinente pode ser o caso do fisiculturismo, onde a exigência de corpos mais femininos acabou medindo e

¹⁷ Por exemplo, da fragilidade feminina, da proteção à maternidade, da inaptidão física.

restringindo o volume muscular das atletas até um determinado limite, ao tornarem-se desta forma menos másculas, seus corpos transgressivos não escapam de um determinado controle, do poder de estipular o aceitável em se tratando de feminilidade:

[...] a IFBB divulgou que atletas de todas as categorias “devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual” (JORNAL DA MUSCULAÇÃO &),71(66, 2005), com o argumento de perda da feminilidade (LESSA e OSHITA, 2006, p.9).

Olhar para as mulheres no esporte, me leva a perceber que mesmo permeado por discursos historicamente construídos¹⁸, o universo esportivo, pode ser considerado também um local de resistência. Ou seja, observando as inúmeras conquistas obtidas, por aquelas que ultrapassam barreiras, transgridem as normas, assumem seu espaço enquanto praticantes, técnicas, gestoras esportivas, permite-me pensar nas mulheres no universo esportivo, não como vítimas de uma eterna discriminação dos homens, mas como agentes em busca de mudanças. Desta forma, o esporte pode ser relacionado também ao exercício do empoderamento feminino. Nas palavras de Adelman:

[...] Nesse contexto, a recusa das mulheres à limitação pode talvez ser entendida como resistência. Queremos entender o que significa, para as mulheres atletas, a entrega à atividade esportiva, podendo representar uma espécie de *empowered femininity*, se for constatada como entrega a uma atividade auto determinada, orientada para a realização de metas e prazeres, mesmo que esses transgridam normas relativas à feminilidade, no sentido de postura, movimento, atitudes ‘agressivas’ ou ‘competitivas’, etc (2003,p.451).

A partir dessas considerações envolvendo as mulheres e o universo esportivo, acredito encontrar pontos de apoio e reflexão comuns, à proposta central desta investigação, qual seja, a busca por pesquisar como as mulheres compreendem, significam e vivenciam a prática do *rugby*. Este esporte social e culturalmente representado como masculino e masculinizador, e para sustentar esta última afirmação, acredito ser necessário revisar trabalhos, os

¹⁸ Sobre quais práticas são mais ou menos apropriadas para as mulheres, o questionamento quanto às identidades de gênero e sexuais, a erotização dos corpos das atletas (daquelas que se enquadram nas normas de feminilidade), etc.

quais me permitiram assim, conceber o *rugby* masculino e me aproximar das especificidades da experiência feminina neste esporte.

1.3 Aproximações com o *Rugby* Feminino

Ao voltar meu interesse para as mulheres que se inserem num esporte como o *rugby*, levo em consideração o fato de encontrarem-se num meio social permeado de símbolos e representações, as quais na maioria das vezes privilegiam os homens, e as masculinidades. Desta forma, acredito que o estudo deste universo particular, permite refletir sobre como estas praticantes vivenciam e são interpeladas pelos diversos discursos relacionados aos seus corpos e sua relação com o gênero e a sexualidade. Discursos esses, constantemente produzidos em meio às formas como tornam-se jogadoras de *rugby*, se socializam com os demais praticantes, negociam sua permanência no esporte e legitimam seu espaço no clube. Porém, antes de adentrar no universo do *rugby* feminino, considero necessária a contextualização de como este esporte, quando da prática masculina, vem sendo interpretado por pesquisadores(as), por mim destacados através das revisões sobre este tema.

O *rugby* pode ser considerado um dos primeiros esportes modernos institucionalizados desde o século XIX, e cabe salientar que os processos e o meio social onde ocorreu o desenvolvimento desta prática, estavam carregados pelos valores e significações que a caracterizavam como confrontos de “luta simbólica”. Em seus trabalhos sobre sociologia do esporte (DUNNING e SHEARD, 1979; ELIAS e DUNNING, 1992), assim identificaram o início do *rugby*, especificamente como uma atividade que baseou-se num *ethos* guerreiro, onde a bola possuía por vezes, pouca importância: “os confrontos eram jogos de pontapés indiscriminados, atos nos quais o componente “viril” consistia em enfrentar o adversário e dar caneladas mútuas” (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 397). Para os mesmos autores, no contexto das *Public*

*School*¹⁹ inglesas onde o *rugby* era praticado, esse aspecto de virilidade, era ideologicamente justificado, por um lado, como campo de treinamento para a guerra, e por outro, pelo seu aproveitamento na educação dos futuros chefes militares e administrativos.

A partir do desenvolvimento e da institucionalização do esporte, especialmente com a formação de clubes de *rugby*, Elias e Dunning (1992) sugerem em sua obra, que esses locais poderiam ser considerados como uma área masculina reservada, onde alguns homens reforçavam a sua masculinidade “ameaçada”. Pois em tais clubes, e no interior dos mesmos o culto às expressões de virilidade²⁰, foram interpretados como uma espécie de reação, numa época em que na sociedade inglesa, percebia-se aumentado o poder das mulheres em relação aos homens, manifestado especialmente pelas lutas das sufragistas.

Mesmo com a institucionalização, o *rugby* ao contrário do futebol, se opôs a profissionalização dos jogadores mantendo-se amador e isso, conservou este esporte como privilégio das classes mais abastadas da sociedade inglesa. Porém como o amadorismo não era um consenso entre seus praticantes e gestores, a partir da *Rugby Football Union* acabaram sendo criadas duas ligas, as quais são mantidas até os dias atuais: a *Rugby Union* e a *Rugby League*. As diferenças fundamentais (salvo outras regras específicas²¹), são que a primeira ressaltava manter-se amadora, e na qual as equipes continham 15 jogadores; já a *Rugby League* frisava a profissionalização, além de manter a formação de 13 jogadores para cada time. No que se refere ao amadorismo, é interessante observar que esta característica também fazia parte dos princípios de *gentlemen* valorizados naquela época, cabe citar como

¹⁹ Escolas que não tinham o sentido de públicas, já que eram pagas e abrigavam os filhos dos membros mais “abastados” da sociedade, além de serem exclusivas para garotos.

²⁰ No capítulo do livro *A Busca da Excitação*, que aborda o desporto como uma área masculina reservada, os autores trazem exemplos do que denominaram de “subcultura macho” no *rugby*.

²¹ Por exemplo, na pontuação: o *try* vale quatro pontos, a conversão e a penalidade valem dois pontos, e o *drop goal* vale um ponto. Em algumas regras básicas na *League* diferem do *Rugby Union*, como no *scrum*, nos laterais, a ausência de *rucks* e na aplicação da regra chamada *play the ball* (a qual não é aplicada no *Rugby Union*).

Especificamente sobre esta temática ver a comparação entre ambas as Ligas em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rugby_league. Acesso em 25/08/2006.

exemplo, a definição do *Amateur Athletic Club* para o amadorismo esportivo, e seguida pelo *rugby* :

É amador todo o *gentleman* que jamais participou de um concurso público aberto por dinheiro proveniente dos ingressos no campo ou outros, ou com profissionais por um preço ou por dinheiro proveniente dos ingressos no campo ou outros; ou que jamais foi, em nenhum período de sua vida, professor ou monitor de exercícios desse gênero como meio de existência, que não é nem trabalhador, nem artesão, nem diarista. (RIAL, 1998, p.244)

Atualmente, o fator amadorismo não é mais um pilar nem mesmo para a *Rugby Union*, modalidade mais popular deste esporte. Mas, ainda que a profissionalização seja evidente, em alguns lugares como por exemplo no Brasil²² e especialmente na Argentina – principal pólo da prática de *rugby* da América do Sul – esta prática continua amadora: “[...] a ponto de sua seleção nacional não convocar jogadores atuando no exterior por estes terem se profissionalizado nos países onde jogam. Jogar por dinheiro seria algo menor nesse esporte que preza tanto a nobreza (RIAL, 1998, p.245).”

Se no percurso histórico, o *rugby* constituiu-se num esporte amador, onde valorizava-se as representações de masculinidades, tomando um exemplo mais contemporâneo Saoutier (2003), ao analisar as relações que os jogadores homens estabeleciam com as mulheres ao longo de toda a carreira, destaca que este permanece como “esporte da virilidade por excelência no imaginário coletivo (2003, p.38)”. Outros autores (WHITE; VAGI; 1990), destacam que esta prática em seu contexto atual atende formas culturais de representação, sobretudo a partir de um complexo de rituais, como por exemplo, no conteúdo das músicas que reforçam a masculinidade, algo considerado pelos mesmos como central na tradição *rugby*.

²² No caso brasileiro, é interessante salientar que não apenas elementos relacionados à tradição esportiva do *rugby* pesam para que este continue amador. A falta de incentivos como patrocínio, investimentos financeiros, a qual abrange a grande maioria das práticas esportivas em âmbito nacional, é relevante para caracterizar essa não profissionalização.

Em suas investigações Hargreaves (1997), considerou o *rugby* como uma modalidade onde a identidade masculina seria ressaltada, e conseqüentemente de maior dificuldade para o acesso feminino, Neves (2003), chega a apontar este esporte como o “epicentro da hegemonia masculina no desporto”. Argumento esse, que explica através de diversos componentes responsáveis por ressaltar a masculinidade como o fato de ser um jogo de confronto envolvendo o enfrentamento entre duas equipes, e nas palavras do autor: “[...] Além disto, obriga a que a mulher se suje, “plaque” e seja “placada” e que tenha contactos “corpo a corpo” violentos (2003, p.3)”. Chocando-se contra outros corpos femininos para o andamento do jogo, as mulheres estariam vivenciando um verdadeiro combate, ponto central de estranhamento para os espectadores, a força, a agressividade, a coragem, os músculos, contrariando as propriedades femininas de delicadeza, fraqueza, sutileza, estariam posicionando-se em representações de virilidade, masculinidade, ou seja, ocupando aquele que não seria o lugar delas, mas sim dos homens (NEVES, 2003).

Observando a produção internacional²³ acerca deste esporte, em especial aquela dedicada a analisar como neste trabalho, os aspectos socioculturais, em se tratando de abordar a prática masculina, essa foi de fato expressiva, com inúmeros artigos, livros e pesquisas. Porém, quanto à prática feminina, a quantidade de trabalhos foi visivelmente inferior, o que veio a concordar com os apontamentos de Saoutier (2003), pois para a mesma, a literatura e imprensa difundem amplamente a tradição ‘machista’ do *rugby*, e a partir da sua observação dos livros e artigos dedicados ao esporte, indicou uma quase total invisibilidade das mulheres neste meio.

Em relação ao contexto brasileiro, Rial (1998), em seu trabalho sobre as masculinidades em esportes como o *rugby* e o judô, identificou o primeiro, como um lugar amplamente vinculado às masculinidades de seus praticantes. A autora deixa em aberto, a idéia de por quanto tempo a supremacia masculina

²³Especialmente em periódicos como o *International Review for the Sociology of Sport, Gender & Society, Sociology of Sport Journal, Journal of Sociology*.

permaneceria incontestável neste esporte, a qual tomo como provocação, ao observar que, mesmo com a inegável inserção das mulheres neste esporte - essa que buscarei demonstrar neste trabalho - ainda há um amplo caminho de transformações para que haja condições em níveis de equidade (de participação, espaço, incentivo, aceitação), relativos à esta prática.

Posso afirmar que, alguns trabalhos em especial, complementaram meus estudos, e formas de conceber a prática feminina do *rugby*, e é inspirada nestes que realizarei a síntese das suas principais contribuições, e até mesmo, contrapontos com minhas interpretações.

Em trabalho relacionado com a historiografia Martin (2001), ao tentar analisar as origens do *rugby* feminino na Inglaterra, menciona a grande dificuldade de se encontrar dados objetivos que tratem do surgimento e desenvolvimento deste esporte, o qual naquela sociedade, como já foi aqui mencionado, se configurou como um dos primeiros esportes modernos institucionalizados “por” e “para” os homens. Com o objetivo de analisar as circunstâncias específicas pelas quais alguns grupos de mulheres no passado decidiram jogar *rugby*, a autora utiliza a estratégia de estabelecer uma rede de contatos com informantes que, através das suas histórias de vida, levaram-na a conhecer mais dessa história “não contada”. Martin, afirma que as motivações destas mulheres para praticar o *rugby*, podem certamente estar ligadas a contextualização social na qual viviam, a maioria delas estudantes universitárias no final dos anos 70, período de intensas reivindicações políticas e sociais nas questões de gênero. Assim sendo, esta autora considera que a relação dessas mulheres, como jogadoras de *rugby* teria mais ligação com o fato de serem todas estudantes universitárias, compartilhando dinâmicas e vivências universitárias conjuntas, do que constituírem-se enquanto mulheres querendo imitar os homens, e para isso jogarem um esporte com altas conotações masculinas. Este último argumento, foi apontado pelas pesquisadas, como um dos problemas enfrentados quando da tentativa de montarem clubes femininos fora das universidades. Como conclusões do estudo, a autora aponta para a necessidade de ampliar tanto as fontes, como

as concepções de feminilidades, para poderem ser incorporados mais tipos de mulher, e assim colocar em questão a concepção hegemônica de feminilidade. Desta forma, superar as crenças de que as mulheres não devem praticar esportes altamente físicos e agressivos - como o *rugby*.

No artigo de Horcajo (2006), a autora examina os apontamentos do feminismo italiano da diferenciação sexual e as análises das experiências de mulheres no *rugby*. Para isso, utiliza os conceitos mais característicos desta teoria, como por exemplo, autoridade feminina, desejo e liberdade feminina. Busca desta forma, mostrar a necessidade de criar uma linguagem que permita pensar e interpretar experiências da prática do *rugby*, desde um ser feminino. Resumidamente, seu texto explora a possibilidade de analisar os significados sociais do *rugby* feminino, como a própria Horcajo aponta, para além dos estereótipos tradicionais de gênero. O artigo finaliza indicando, a importância de criar uma ordem simbólica alternativa à existente, que legitime a mulher como sujeito de suas experiências, independentemente das masculinas. Para a autora, a maioria das mulheres que jogam *rugby*, não está interessada em termos de conquistar a igualdade em relação aos homens, nem por se sentirem masculinas ou excluídas do sistema social, mas a partir das suas relações de coletividade feminina vivenciada no universo deste esporte.

Numa outra linha de argumentação teórica, a qual se aproxima com as concepções que embasam esta pesquisa, Chase (2006), utilizou das noções de Foucault, ao tratar dos processos disciplinares, do poder, e de corpos dóceis, objetivando compreender a complexidade das relações existentes entre o corpo, e os aspectos relativos à performance das *rugby women's*. Através de entrevistas e observações, foram investigadas as múltiplas e complexas formas através das quais o corpo feminino é disciplinado no *rugby*. Para a autora, as mulheres resistiam aos processos disciplinares de feminilidade vigentes, mas ao mesmo tempo, participavam dos processos de disciplinamento de um esporte de competição especialmente investidos sobre seus corpos. As mulheres neste estudo, devido as características da natureza física do jogo, transformavam-se em atletas de competição resistindo de certa forma, as

noções de corpo feminino ideais e normativas da sociedade. Porém, podem ser consideradas disciplinadas em termos de seu treinamento para um esporte de competição, com muitas exigências físicas em termos de contatos, força e agressividade. Desta forma, a autora concluiu que os corpos das mulheres do *rugby*, são construídos através de discursos contraditórios e atravessados, de corpos dóceis, resistentes e transgressivos.

Ao observar esses trabalhos sobre o *rugby* feminino, foi possível constatar diferentes formas de se abordar e compreender esta temática que me interessa potencialmente nesta pesquisa. Cabe, portanto, tecer os necessários comentários, no sentido de estabelecer algumas aproximações, e também marcar as diferenças, da forma como visualizo este esporte, no contexto específico investigado.

As pesquisas de Martin (2001) e Horcajo (2006) localizavam seu olhar na prática do rugby, em países europeus, onde há considerável gama de significados e tradições vinculados à prática do *rugby* por homens. A primeira, realizando suas interpretações a partir dos conceitos de Bourdieu²⁴ como capital econômico, cultural, social e simbólico, já Horcajo, utilizou a teoria da diferença sexual, em especial apoiando-se nos argumentos de Irigaray²⁵. Parece-me evidente o fato de suas opções teóricas serem distintas, e afastarem-se da forma como investirei as análises, pois busco posicionar-me numa linha de argumentação pós-crítica dos estudos feministas e de gênero. As proximidades se situam portanto, no fato de que em ambas as pesquisas, o *rugby* feminino era objeto de estudo, e ainda havia sido praticado pelas investigadoras, estas que, buscaram descrever ao mesmo tempo, sua visão apoiada na experiência vivenciada, quanto no que fora observado no decorrer das suas investigações.

²⁴ BORDIEU, P. *La distinción, criterios e bases sociales del gusto*, Madrid: Taurus, 1998; e BORDIEU, P. *La Dominación Masculina*. Barcelona: Edicions 62, 2000.

²⁵ IRIGARAY, L. *Speculum of the other woman*, Ithaca, Cornell University Press. 1974; IRIGARAY, L. *This sex which is not one*, Ithaca, Cornell University Press.[1977]; IRIGARAY, L. (1993), *Sexes and Genealogies*, Nueva York, Columbia University Press.

Quanto ao texto de Chase (2006), compartilho com suas análises apoiadas em concepções Foucaultianas, assim como nas argumentações envolvendo as jogadoras de *rugby* e suas formas de resistência à feminilidade normativa, e ainda, nas relações com a produção dos corpos no *rugby*. Porém, estou atenta para o fato de que em todos os artigos citados, as autoras tratavam do *rugby* feminino praticado conforme os padrões da *Rugby Union*²⁶, onde haveriam 15 jogadoras para cada equipe, desta forma, o jogo em si, possui características diferenciadas da prática feminina realizada no Brasil, onde joga-se o *rugby* feminino *Seven*²⁷. Situo esta diferença, ao observar que esta constituição com sete jogadoras para cada equipe, acaba exigindo atributos físicos mais relacionados à velocidade e agilidade técnica das praticantes, do que força e resistência – características muito importantes no jogo realizado com 15 atletas, e que marcam seus corpos através de uma estrutura muscular mais desenvolvida. Essa constatação, faz sentido ao se pensar nas diferentes exigências impostas sobre os corpos das praticantes, sobre a forma como se constituem, e como relatei isto ao universo particular pesquisado.

Pensar em *rugby* feminino no Brasil, é percorrer um caminho onde assim como em outros tantos esportes, as mulheres foram praticamente silenciadas e invisibilizadas nas narrativas oficiais. Tendo em vista a produção acadêmica brasileira sobre o esporte *rugby*, nas buscas realizadas nos mais diversos meios tais como artigos, livros, capítulos de livros, textos em periódicos, *sites* de busca na internet, esta pareceu-me realmente escassa, relativa ao *rugby* feminino - praticamente inexistente. Decorre deste aspecto, a prioridade em buscar nas observações e narrativas de mulheres que praticam o *rugby*, a visualização da inserção feminina nesta prática, algo como já foi dito, recente em nosso contexto.

²⁶O *rugby* pode ser praticado conforme as regras estabelecidas pela *Rugby Union*, ou pela *Rugby League*, a primeira com 15 jogadores para cada equipe, e a segunda com 13, possuindo e outras regras específicas para tamanho do campo, competições, etc.

²⁷ Além do número reduzido de jogadoras de 15 para 7, a duração das partidas também é inferior, constituído por dois tempos de 7 minutos cada, ao invés dos 40 minutos utilizados no *rugby* convencional.

Ao afirmar, essa pouca quantidade de dados, sobre o *rugby* feminino no Brasil, saliento que, estando envolvida nesta investigação, a mais de dois anos, não encontrei informações significativas que digam quando e como o *rugby* passou a ser jogado pelas mulheres neste país. As fontes primárias encontradas junto aos órgãos oficiais do esporte, tais como a Associação Brasileira de *Rugby*, referem-se ao início da prática masculina, que se deu no final do século XIX, permaneceu como um esporte amador, e esteve restrito a clubes poliesportivos, com uma ampliação do número de praticantes concomitante a criação de uma entidade representativa (ABR) de ligas e equipes universitárias, no eixo Rio de Janeiro - São Paulo a partir dos anos 1960. Sobre a prática feminina, as informações fazem referência apenas ao contexto atual das mulheres no *rugby* brasileiro, com centralidade em dados sobre competições que começaram a ser realizadas por volta de 1996 e 1997 entre equipes femininas do Rio de Janeiro e de São Paulo, todas fazendo parte de Clubes que já possuíam equipes masculinas, ou seja, a pouco mais de dez anos.

A criação de uma seleção feminina, também é recente no contexto brasileiro, de modo que o acontecimento apontado pela Associação Brasileira de *Rugby*²⁸, como responsável por consolidar o *rugby* feminino no Brasil, foi a participação no torneio sul-americano (na Venezuela no final de 2004), quando mesmo enfrentando países com tradição e excelente nível técnico (como a Argentina por exemplo), a seleção nacional sagrou-se campeã²⁹. Isso levou o Brasil a figurar junto à *Rugby Union* como representante do *rugby* feminino na América Latina.

A partir dessas informações, apresento de forma sucinta o foco desta investigação: as praticantes do Charrua *Rugby* Clube de Porto Alegre. Para iniciar, é pertinente observar que a trajetória da participação feminina neste clube ocorreu recentemente com formação inicial em 2003, essa equipe foi constituída em sua maioria por mulheres que possuíam algum vínculo com os

²⁸ Em nota divulgada pela ABR em seu site: www.brasilrugby.com.br, acesso em 07/10/2006.

²⁹ Atualmente o Brasil é tri-campeão sul-americano de *rugby* feminino.

jogadores do time masculino, sendo parentes, namoradas, amigas, e desta forma, sua adesão como praticante se deu, em certa medida, iniciada a partir do contato com o *rugby* enquanto espectadora.

Segundo relatos das integrantes do Charrua, a existência de equipes femininas com mais de oito anos de formação na região Sul (como por exemplo as equipes da “Universidade Federal de Santa Catarina”, e do “Desterro” ambas de Santa Catarina), serviu de incentivo para a criação da categoria feminina do clube. Também afirmam, que os jogadores do time masculino observavam as equipes formadas por mulheres de outros clubes durante os campeonatos, e achavam interessante para o Charrua contar também com a presença de uma categoria feminina. Com o apoio e estímulo do time masculino, namoradas, irmãs e amigas, começaram a participar dos treinamentos, enfrentando dificuldades em atrair novas adeptas, encarada pelas mesmas como fruto da falta de informações sobre este esporte. Destacaram ainda que, para aquelas possuidoras de algum conhecimento sobre o *rugby*, fatores como a vinculação deste esporte à agressividade, virilidade e força, e em detrimento dessas características, consideradas socialmente como não próprias para a prática feminina, tornavam-se obstáculos para a decisão de algumas jogadoras iniciarem-se nesta atividade.

Freqüentemente esses últimos, são elementos relacionados à idéia de que trata-se de um esporte violento, por apresentar imagens agressivas, duras, relacionadas à prática, e que muitas vezes impressionam os espectadores. Cabe destacar que essa característica não é exclusiva do contexto brasileiro, pois em outros países, mesmo com uma trajetória maior de desenvolvimento desse esporte, como por exemplo nas investigações aqui revisadas, também foi apresentada, visto que os estudos acabaram por retratar o *rugby* como uma prática viril, combativa e masculina.

Essa representação do *rugby* em nosso contexto, pode ser identificada em uma matéria divulgada no *site Rugby News*³⁰ cujo conteúdo aborda a situação das mulheres praticantes deste esporte no Brasil. A reportagem já inicia ressaltando que o mesmo possui características como trombadas, empurrões e jogadas de forte contato físico, e em seguida, refere que no imaginário popular este não poderia ser praticado por mulheres. A partir desta afirmação, é apresentado o crescimento do *rugby* feminino no país, e os resultados surpreendentes da nossa seleção tem conquistado. Segundo o Presidente da Associação Brasileira de Rugby, Roberto Magalhães:

“Estas meninas estão plantando uma semente para quebrar esta imagem que o *rugby* tem de violento. Temos um potencial de crescimento enorme e com o nosso jeitinho brasileiro, que vamos implantar, temos tudo para fazer a diferença no futuro (2005)”.

Ou seja, semelhante ao que ocorreu em outros esportes, como o caso memorável do judô brasileiro, a partir dos resultados é que as mulheres têm chamado alguma atenção dos órgãos oficiais que regem este esporte, o que não significa afirmar que conquistaram um espaço definitivo ou, ainda, que não precisam buscar incentivos e reconhecimento. Em se tratando de práticas consideradas como masculinas, e em especial neste esporte não muito conhecido nesse país, há inúmeras dificuldades em termos de permanência e visibilidade nesta prática.

Explicitadas as distinções consideradas fundamentais para a compreensão do universo esportivo do *rugby*, e neste, as especificidades relativas quanto à apropriação feminina deste esporte, creio ter indicado elementos que considerei significativos para a conjuntura desta pesquisa. Ao tratar dos aspectos envolvendo a participação feminina no *rugby*, acredito que investir meu olhar nessas mulheres, já representa por si, um acréscimo relativo à visibilidade das mesmas, e talvez, a partir das interpretações realizadas, novas formas de se compreender em meio a inserção e

³⁰ Disponível no endereço: www.rugbynews.com.br - acesso em 25/08/05.

permanência das feminina nesta modalidade, as representações acerca de seus corpos, suas feminilidades e sexualidade.

2. A construção do caminho investigativo

E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despessoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. (CLARISSE LISPECTOR)

Inspirada pelas palavras de Clarice Lispector, inicio este capítulo, levando em conta minha trajetória pessoal, a qual permite que eu explicito ser também parte do caminho, das escolhas, perguntas, posições, entrelaçadas na minha forma de olhar para as referências, problemas, os métodos, o fazer investigativo.

Com o objetivo de, trazer elementos que permitam contextualizar a trajetória em que foi construída esta pesquisa, considero necessário rememorar como me interessei por pesquisar o *rugby* feminino, e isto me remete a um percurso que provavelmente não possui a linearidade com a qual poderia traçar fatos, eventos, perspectivas pessoais e acadêmicas, por onde me movimentei e fui orientada³¹ no desenvolver deste trabalho. Creio que essa idéia de movimento, não fixidez, me ajuda a pensar nos diversos embates, novas perspectivas, novos rumos os quais ‘surgiram’ e ‘fiz surgir’ para conseguir olhar as temáticas em que encontro-me envolvida atualmente.

Escrevo hoje, do lugar de uma pesquisadora que, desde a iniciação científica se deparou com as compreensões sociológicas do fenômeno esportivo, se viu frente aos desafios e questionamentos de realizar pesquisas ‘no campo’ da etnografia; uma mulher que percebeu ‘na pele’ os significados de inserir-se em práticas esportivas apresentadas como masculinas e masculinizadoras, e diante da perspectiva dos estudos feministas e de gênero,

³¹ Nesta perspectiva foram fundamentais as disciplinas que cursei no programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento humano na ESEF-UFRGS, E no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade, ainda aos diversos eventos, congressos, seminários, estudos e discussões com o Grupo de Estudos Sobre Cultura e Corpo – GRECCO, coordenado pela professora Silvana Goellner.

encontrou caminhos férteis para compreender cientificamente o que fora observado e vivenciado empiricamente.

Tendo em vista as justificativas apresentadas no início deste texto, parto nesta pesquisa de um fazer investigativo que não é neutro, mas sim, permeado por significações, as quais se refletem nas opções epistemológicas e metodológicas nas quais me apóio. Desta forma, compartilho da idéia de que os trabalhos não buscam verdades únicas e indiscutíveis, generalizações, mas conhecimentos priorizando o particular, percorrendo caminhos mais instáveis e transitórios, através de questionamentos, proposições, os quais afastam-se da posição de autoridade, é frisado o convite ao leitor para concordar ou não com as posições de quem escreve (LOURO, 2004).

Movida pelas perspectivas brevemente revisitadas, posso dizer que esta pesquisa teve início a partir do conhecimento de que mulheres praticavam o *rugby* em Porto Alegre, e da minha ida a campo, no intuito de observar aquilo que poderia ser 'observável', inteligível em termos investigativos, no universo daquele esporte. Um trabalho de esforço pessoal e científico, que posso dizer, faz parte de minha vida desde a metade do ano de 2005, ou seja, levou-me desde a formular a proposta para seleção no mestrado, e que acredito, irá me acompanhar por um bom tempo ainda através de diversos desdobramentos, mesmo que venha a pensar esta mesma pesquisa diferentemente da forma como hoje a concebo e busco interpretar.

Articulei este capítulo, de forma a apresentar os caminhos pelos quais esta dissertação foi construída. Inicialmente abordo as formas como cheguei ao meu objeto de estudo, qual seja, as mulheres praticantes de *rugby*, objetivando esboçar elementos que possibilitem a compreensão de como se iniciou e desenvolveu o processo investigativo. Na seqüência do texto, procuro esclarecer os caminhos metodológicos, o trabalho de campo realizado através de um olhar etnográfico, as observações, entrevistas, assim como a articulação com outros saberes e algumas das nuances de se trabalhar com esses métodos.

2.1 Notas etnográficas de uma novata em campo no *rugby*

No intuito de relatar, como tiveram início as etapas deste processo de pesquisa, me remeto ao percurso etnográfico e no quanto isso tem a ver com todo um movimento de aproximação, imersão no campo, e das descobertas que fui vivenciando e problematizando desde então.

Não é sem propósito que nomeei este subtítulo de “notas etnográficas de uma novata em campo no *rugby*”, pois em muitos momentos desta investigação, inspirei-me no trabalho de Wacqüant (2002), nas suas “notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, sua relação no campo, por dentro de uma escola de boxe, no meu caso, dentro de um clube de *rugby*, dos desafios, riscos, questionamentos, e diversidade das informações apreendidas através deste olhar.

Como ponto de partida, posso afirmar que minha ‘descoberta’ do *rugby* se deu inesperadamente, quando folheava algumas revistas na academia de ginástica da qual era freqüentadora e me deparei com um *folder* promovendo um campeonato deste esporte em Porto Alegre. Instigada para saber ao certo do que se tratava aquela prática, retratada pela imagem contida na capa (um homem agarrado a outro pelas pernas), folheei as páginas onde encontrei algumas informações básicas como objetivos, principais regras e fundamentos do *rugby*. Mas talvez a descoberta mais surpreendente, foi o fato de haver um clube de *rugby* em Porto alegre, o qual, além de categorias adulta e juvenil, contava também com a prática feminina, e como se não bastasse, realizava treinos na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do sul (a ESEF), lugar onde eu recentemente havia me formado, e circulava com freqüência sem nem suspeitar da existência deste clube.

Através do conteúdo do *folder*, pude ainda constatar a existência de um endereço *online* deste clube, uma espécie de sede virtual³², já que o mesmo não dispunha de um endereço físico para tanto, apenas treinava nos campos da ESEF. Numa breve busca no *site*, pude obter mais informações sobre o clube e o esporte, regras, histórico, e aquilo que me interessava naquele momento: dias e horários de treinos.



Imagem 1 – Folder do Circuito Brasileiro de Rugby

Considero importante salientar, que no decorrer da investigação, a página do clube, também foi um importante local para buscar informações, não no intuito de realizar uma densa análise de conteúdo do *site*, mas de obter neste local, fragmentos que me auxiliassem a conhecer e estar ‘por dentro’ do

³² Endereço eletrônico <http://www.charruarugby.com>.

que ocorria no clube. E isto, pude constatar através das minhas visitas diárias ao *site*, onde eram encontradas desde notícias do *rugby* no Brasil e no mundo, a destaques e informativos do clube, como jogos, horários de treinos, eventos, imagens de treinos, jogos, festas³³, e ainda o importante “mural virtual³⁴”. Detive uma atenção especial, nas formas como visibilizavam determinados aspectos das suas categorias em detrimento de outros, como descreviam as participações em competições, as discussões no fórum virtual, e ainda o *link* para a comunidade que mantida no *site* de relacionamentos *Orkut*.

Posso afirmar que a partir desses conhecimentos básicos adquiridos sobre o *rugby*, me senti realmente mobilizada a verificar o que se passava, e isso se deu em grande medida, por saber da existência de um time feminino, algo que talvez pudesse contemplar meu desejo de pesquisar sobre a temática das mulheres no esporte. Então fui a campo, com o objetivo de descobrir se o universo do *rugby* feminino poderia trazer elementos passíveis de investigação. Foi então, que num sábado de sol do dia 18 de junho de 2005, realizei minha primeira incursão no campo para observar a prática realizada pelo clube Charrua na ESEF. Assumo que me senti positivamente surpresa com o cenário encontrado, tendo em vista a transformação ocorrida nas dependências da ESEF³⁵, onde todos os espaços gramados estavam tomados por uma movimentação envolvendo crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, os quais reuniam-se nesse local por estarem envolvidos pela mesma prática: o *rugby*. Para melhor explicitar essa impressão, trago um trecho do meu primeiro diário de campo:

[...] encontrei um número bem maior de pessoas do que eu imaginava, no campo da pista de atletismo me pareceram ser o time masculino e feminino, e ainda algumas crianças em torno da pista, ao

³³ As quais são direcionadas a um segundo site intitulado Morada Charrua cujo endereço eletrônico é : <http://www.moradacharrua.com>.

³⁴ Onde todas as categorias do clube possuem espaço onde os integrantes, após realizar um registro, podem criar tópicos, discussões, informações e avisos: <http://www.charruarugby.com/forum/>

³⁵ Essa ocupação se dá através de um convênio firmado com a Escola de Educação física enquanto projeto de extensão, no qual o Charrua Rugby Clube utiliza-se deste espaço para seus treinamentos aos sábados à tarde.

lado do prédio das piscinas, muitos jovens - no campo cercado também, no espaço entre o campo cercado e as quadras de tênis um misto de todas as idades – sem uniformes - no que parece ser uma iniciação. (NOTAS do D.C. 18/06/05³⁶)

Afora o número de pessoas envolvidas, obviamente detive a atenção nas atividades que estavam realizando: corridas, troca de passes com a bola oval, exercícios onde os jogadores derrubavam uns aos outros, uma espécie de formação na qual as jogadoras se empurravam frente a frente, ou seja, observei um misto de atividades paralelas para cada categoria, adulto masculino-feminino³⁷, juvenil e infantil. Como eu já esperava, passei a tarde observando de longe toda movimentação em torno do *rugby*, sem entender muito bem o que ocorria. Após algum tempo, alguns jogadores(as) se aproximaram oferecendo-se para dar maiores esclarecimentos sobre o que se passava, em especial as jogadoras do time feminino, as quais demonstraram muita receptividade para apresentar-me a esse esporte. Através das ‘meninas’, neste mesmo dia conheci o presidente do clube, os técnicos, as jogadoras mais antigas, enfim fiz ótimos contatos, o que me motivou ainda mais a olhar para o *rugby* com fins investigativos. Cabe ressaltar ainda, que nesta primeira aproximação, me apresentei como professora e interessada pelo esporte, mas como ainda não havia decidido se realmente faria a pesquisa, não explicitarei isso com aos integrantes do clube.

Desse contato inicial, saí inspirada a debruçar meu olhar sobre este esporte, ou melhor, sobre aquelas mulheres que calçavam chuteiras, colocavam protetores bucais, sujavam-se de lama, trombavam-se na tentativa de derrubar uma a outra, enfim, dedicavam suas tardes de sábado para

³⁶ Notas do Diário de Campo.

³⁷ As mulheres mesmo as mais jovens (adolescentes entre 14-16 anos) nem sempre passam pela categoria formativa (mista) e com frequência já iniciam participando do time adulto. Até hoje o Charrua e ao que parece outras equipes que mantêm times femininos não conseguem formar as meninas desde cedo. Os possíveis motivos (os quais tem relação com a inserção das mulheres em outros esportes considerados masculinos, como por exemplo, o futebol), deixo em aberto para discussão posterior no trabalho.

praticar aquele esporte pouco comum, o qual em seguida eu descobriria ter referenciais fortemente atrelados às masculinidades. Em meio a esta primeira visão do *rugby* feminino, alguns questionamentos me acompanharam, tais como: o que levava aquelas mulheres a se inserir e permanecer naquela prática? Quais os sentidos, significados deste esporte no contexto específico do clube Charrua? Quais discursos de feminilidades e masculinidades seriam produzidos e difundidos naquele contexto particular?

Diante destas questões iniciais, me pus a refletir sobre como buscar elementos que permitissem realizar a investigação sobre aquele universo particular, e dentre vários caminhos metodológicos possíveis, optei pela etnografia. A aproximação com este modo de pesquisar, e pensar o fazer investigativo, oriundo de trabalhos Antropológicos (porém não restrito aos mesmos), se deu em grande parte pela minha experiência adquirida enquanto aluna de iniciação científica³⁸, onde, ao longo de quatro anos, estive vivenciando e me familiarizando com a forma de desenvolver o trabalho de campo - no campo - pela qual sinto hoje, uma especial identificação enquanto pesquisadora.

Em se tratando de etnografia, me remeto inicialmente a Geertz (1989), para o qual o fazer etnográfico como forma de conhecimento, como prática, foi considerado não ser apenas uma questão de métodos: “[...] estabelecer relações, selecionar informantes, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante (1989, p.15)”, mas como um “esforço intelectual” que a etnografia representa para os investigadores. Desta forma, o trabalho dos pesquisadores etnógrafos seria o de se situar nos diferentes contextos, para então poder interpretar, como um conhecimento muito

³⁸Nos trabalhos realizados junto ao grupo de estudos socioculturais em educação física (GESEF), orientados pelo professor Marco Paulo Stigger. Dentre os quais destaco: “Gateball”: Jogo, cultura e identidade Nipônica no Parque Farroupilha.; Por Trás do Quimono: Representação Social das Mulheres Praticantes de Jiu-Jitsu. Este último, minha monografia de conclusão da graduação.

extensivo, específico, assuntos extremamente pequenos, não buscando considerações generalizadoras de aspectos culturais, mas valorizando as interpretações de um universo particular. Ou seja, a chamada “descrição densa”, em profundidade, das culturas como textos vividos, como “teias de significados”, que devem ser interpretados:

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta de fato, - a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (1989, p.20).

Em seu texto intitulado “descer ao campo”, Winkin (1998) ao tratar de etnografia, aponta para as dificuldades, as situações imprevistas e imprevisíveis, com as quais os investigadores freqüentemente se deparam, e a validade dos métodos de registros, diários escritos, desenhos e esquemas. Para Winking a etnografia é compreendida como - a arte de ver, ser e escrever:

Para mim, a etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em saber ver. E em seguida uma disciplina que exige saber estar com, com os outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e portanto que se saiba escrever. Arte de ver, arte de ser, arte de escrever. São estas três competências que a etnografia convoca (1998; p.132).

Considero essencial ainda, situar que este campo de investigação, com uma trajetória vinculada à antropologia e ciências sociais, é também constituído por uma série de debates e questões, as quais abrangem seus estudos mais contemporâneos. Um bom exemplo das recentes discussões acerca da etnografia pode ser encontrado no trabalho de Peirano (1995). Essa autora, cujo título do livro já dá pistas do que pretende “a favor da etnografia”, além de refletir acerca das tradições do campo, tece também argumentos

sobre as críticas³⁹ modernas. Ao realizar suas constatações envolvendo o trabalho etnográfico, a autora demonstra acreditar que a vivência de campo depende da subjetividade, experiência de vida do pesquisador, dos referenciais teóricos nos quais se apóia, e das inúmeras situações que se repara em suas rotinas investigativas. Peirano ainda afirma que:

Toda boa etnografia precisa ser tão rica que possa sustentar uma reanálise dos dados iniciais. Nela, as informações não são oferecidas apenas para esclarecer ou manter um determinado ponto de vista teórico, mas haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa (1995, p. 56).

A partir desse olhar etnográfico, trazido através dos referenciais citados, é que inspirei a forma de conceber a etnografia nesta pesquisa, onde ao observar o que ocorria no Charrua enquanto lócus, detive meu foco não no sentido de pesquisar o clube, mas as mulheres praticantes de *rugby* a ele vinculadas. Uma investigação no campo, a qual foi constituída por observações participantes (por muitas vezes participações observantes), onde anotava os fatos, conversas e aquilo que julgasse importante em diários de campo.

O trabalho de observação participante, como já foi citado anteriormente, teve início antes mesmo da minha seleção para o programa de mestrado, e considerei fundamental esta aproximação com o *rugby*, até mesmo para que eu pudesse levantar os questionamentos iniciais, os quais me mobilizaram para investir nas mulheres praticantes deste esporte enquanto sujeitos de pesquisa.

Uma das dificuldades e alvo de constantes questionamentos durante o processo de observação foi o meu papel como observadora. Algo que não definido previamente, tendo em vista existirem diversos níveis de interação com o grupo, e sobre este aspecto Minayo (2002), cita em seu trabalho algumas categorias que me ajudaram a pensar sobre tal problemática: o

³⁹ Em especial no segundo capítulo do livro, quando realiza um debate fictício entre as críticas de Nicholas Thomas e os ditos modelos canônicos da etnografia .

participante como observador, o observador como participante, ou ainda o observador total. Tendo em vista ainda, que essa relação não se realiza puramente, ou seja, em diferentes fases do trabalho de campo, “[...] um procedimento pode ser privilegiado em relação aos outros, dadas às condições de pesquisa, aos acontecimentos considerados mais ou menos importantes e à própria finalidade da investigação (MINAYO, 2002, p.142)”.

A observação participante é entendida, portanto, como um processo construído duplamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos envolvidos, sendo complexo estabelecer antecipadamente a forma pela qual o investigador vai atuar, tendo em vista que:

Em parte o pesquisador de campo define seu próprio papel, em parte seu papel é definido pela situação e pela perspectiva dos nativos (ou grupos). Sua estratégia é a de quem participa de um jogo. Ela não pode prever as jogadas precisas que o outro lado vai fazer, mas pode antecipá-las da melhor maneira possível e fazer suas jogadas de acordo (BENJAMIN apud MINAYO, 2002, p. 144).

Um fator considerado essencial para que houvesse a inserção de fato no grupo, e no universo *do rugby* feminino (até mesmo para a compreensão das especificidades desta prática), foi o momento em que de observadora ‘de fora’, passei a efetivamente estar observando ‘dentro’ do grupo, como praticante daquele esporte. Acredito que, de forma mais distanciada, talvez pudesse compreender muitos dos acontecimentos encontrados no campo, mas com o processo de entrada efetiva no grupo de jogadoras, passei a ser vista como mais uma naquela coletividade e não apenas como pesquisadora. Essa maior socialização com as praticantes a meu ver, foi propiciada através do acompanhamento das rotinas dentro e fora de campo, da vivência ‘conjunta’ de acontecimentos julgados importantes para as mulheres pesquisadas, e desta forma, o estreitamento dos vínculos e a maior compreensão do que se passava naquele contexto particular.

Acredito que a relação de estar “lá”, como uma novata no *rugby*, me levou a fazer num determinado momento um efeito contrário ao estranhamento

inicial percebido ao entrar naquele universo, digo isso, observando que em diversos momentos, me senti tão familiarizada, que buscava novamente estranhar aquilo que estava acontecendo ao meu redor. Ou seja, por vezes parecia estar tão imersa, que me sentia mais uma no grupo, porém qualquer sutil comentário, expressão, história relatada, enfim, todo tipo de informação que pudesse ser relacionada, somada, a minha pesquisa, me faziam “voltar”, o olhar de pesquisadora despertar novamente. Com isso, me remeto ao que Santos traz em seu trabalho ao abordar as possibilidades do investigador estar em campo na etnografia:

Possibilidades essas que variam em intensidade, em risco, em capacidade de se “miscigenar”, de se misturar com hábitos, valores, crenças, modos de ver, enfim, de tornar-se mais um(a) daquele lugar (de ser menos estrangeiro(a). Efetivamente, esta é uma das tentativas do(a) etnógrafo(a). É também por esta experiência que ele(a) é autorizado a falar (2005, p.11)

Sendo assim, considero que os riscos de tamanho envolvimento (como por exemplo, de perder a objetividade da pesquisa), foram relativizados, através das revisões críticas do trabalho de campo, e compensados pelas possibilidades que se abriram para um maior aprofundamento das questões levantadas pelas observações do grupo. Foi exatamente, através desta inserção no time feminino de *rugby*, que investi no processo de escolha de informantes para a realização de entrevistas, ou seja, uma escolha intencional, pois julguei necessário valorizar elementos como: a minha relação com as praticantes, a disponibilidade delas para conceder seus relatos, e a busca por abranger a diversidade encontrada no grupo. Desta forma, selecionei oito mulheres para as entrevistas, utilizando de critérios como a disponibilidade para prestar seus depoimentos, a abrangência de entrevistar iniciantes, intermediárias e veteranas, e a proximidade estabelecida com as mesmas durante o processo de investigação. Assim, as entrevistas me permitiram, de acordo com os objetivos do trabalho, “formalizar” muitos dos discursos anotados em meus diários, ou em outras conversas gravadas, mas sem um roteiro como guia, assim como obter novas informações relevantes.

As entrevistas foram semi-estruturadas, com um roteiro formulado a partir das observações e concomitante aos objetivos do trabalho, abrangendo: a compreensão de como se constituíram jogadoras de *rugby*, as especificidades do esporte, pedagogias do *rugby*, processos de socialização no clube, as questões de gênero, corpo e sexualidade, que emergem naquele contexto e a participação negociando espaços no Charrua. O conteúdo das mesmas foi gravado e transcrito, para a utilização de fragmentos das mesmas no corpo do texto desta dissertação, não realizei alterações gramaticais das falas, e garanti a preservação das identidades das entrevistadas, acordo formalizado através de um termo de concessão de direitos sobre as entrevistas, assinado pelas entrevistadas.

É interessante ainda, citar que nesse processo de investigação no campo, o momento de afastamento e saída do mesmo, também foi uma experiência fundamental para minha formação como pesquisadora. A relação estreita com as investigadas, obtida principalmente com a entrada no time como jogadora, as amizades, os encontros, muitas vezes colocava-me em conflito interno, sabendo que em determinado momento necessitaria afastar-me novamente, observar, estranhar, e assim concluir o trabalho. Esse movimento foi, de certo modo, facilitado quando tive uma lesão (que nada teve a ver com o *rugby*), mas que, afastou-me da prática efetiva, e posicionou-me novamente como observadora fora do campo de jogo, na mesma época em que passei a dedicar-me às entrevistas e ao trabalho de escrita. Quanto à minha relação com o grupo, permaneci comparecendo aos encontros e viajei para três competições⁴⁰ como observadora, mas ainda era considerada como mais uma do grupo, em detrimento da figura distanciada da “pesquisadora”. Mesmo com tamanha interação, a partir dos esclarecimentos sobre os objetivos desta investigação prestados junto ao grupo, pude perceber além da receptividade, uma valorização para este trabalho em termos de visibilidade,

⁴⁰ Duas etapas do Campeonato gaúcho (2007) ocorridas no interior do estado, e o Torneio Internacional de Rugby Valentín Martínez (2007) realizado em Montevideo – Uruguai. Afora os campeonatos onde participava como integrante da equipe, como as etapas da Liga Sul 2005/2006 realizadas em Porto Alegre e Florianópolis, e os jogos amistosos internacionais realizados em Riveira e Porto Alegre no mesmo período.

como declarou umas das entrevistadas: “Acho bem legal, isso de colocar que a gente joga aqui, eu mesma não encontro pessoas que falam do *rugby* feminino, então é muito bacana isso, a gente entrar no mapa (Isadora, 26 anos)”. Cabe por fim registrar, que foi combinada uma apresentação do trabalho, aberta a todos(as) interessados do Clube, assim como, a entrega de uma cópia da dissertação para o acervo de materiais sobre *rugby* do Charrua.

No momento em que foram revisitados durante a construção deste texto, os registros das observações, dos encontros, das experiências com as praticantes de *rugby*, os textos encontrados no site do clube, e as entrevistas transcritas, pareciam ganhar voz, imagens, sensações. E tomada pelas minhas memórias e materiais produzidos, lancei-me ao desafio de interpretar esse mosaico, constituído pelo o entrecruzamento dessas informações. Para tanto, procuro nos capítulos subseqüentes desta dissertação, expor os conhecimentos empíricos, construídos ao longo desse processo de dois anos de investigação, interpretadas sob a luz das argumentações teóricas propostas para a realização desta pesquisa.

3. Como se constrói uma jogadora de *rugby*: o sangue nos olhos e a doce bravura dessas moças

Ao retomar o olhar para alguns dos fragmentos obtidos no processo desta pesquisa, e questionar-me sobre como abordar as formas, meios, contextos em que se constitui/constrói uma jogadora de *rugby*, envolta por minhas indagações, voltei a atenção para o mais recente cartaz de divulgação do clube investigado. Este material, segundo seus criadores, objetivava convidar, seduzir, estimular, novos praticantes para este esporte. Ao revisitar este artefato, fui levada a pensar nos tais “requisitos”: “disciplina, respeito, determinação, coragem, espírito de grupo, dedicação”, refletir sobre como esses condicionantes interpelam as mulheres inseridas e envolvidas neste universo, e em como, através de quais mecanismos e discursos, tornam-se *rugby woman's*.

**DISCIPLINA • RESPEITO • DETERMINAÇÃO
CORAGEM • ESPÍRITO DE GRUPO • DEDICAÇÃO**

VOCÊ PREENCHE OS REQUISITOS?
VENHA JOGAR RUGBY COM O CHARRUA !

VENHA TREINAR RUGBY CONOSCO E FAZER PARTE DO PRIMEIRO CLUBE DE RUGBY DO RS
APRENDA UM NOVO ESPORTE. APRENDA A ADMINISTRAR SEUS MEDOS.
FAÇA NOVOS AMIGOS. DESCOBRA NOVOS VALORES E PORQUE
ESSE É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO.

*"Eu comecei a jogar rugby no Charrua
e em três meses de treino fui
convocado para Seleção Brasileira"
Bruno S. dos Santos
Atleta da Seleção Brasileira Juvenil 2005*

Local de treino:
Faculdade de Educação Física da UFRGS
Rua Felizardo 750 em frente ao Jardim Botânico

Dia/Horário:
Todos os sábados a partir das 13:30h

Categorias:
Adulto, juvenil, infantil, mirim e feminino

Para maiores informações entre em contato:
charrua@charruarugby.com **www.charruarugby.com**

Imagem 2 – Cartaz de Divulgação Charrua Rugby Clube

Neste capítulo objetivo, portanto, explorar os modos através dos quais as mulheres observadas nesta investigação se constituíram enquanto jogadoras de *rugby*. Para isso, priorizo as particularidades da inserção de novatas no clube onde se realizou esta pesquisa, lugar em que também fui iniciada no universo desse esporte, e através desse olhar imerso no campo, pude constatar que há uma ampla gama de aspectos envolvidos no tornar-se, constituir-se uma jogadora de *rugby*, aspectos estes, que vão além do aprendizado das especificidades técnicas deste esporte.

Nas páginas que seguem, discorro sobre as formas de socialização, os trotes, as relações entre os membros do clube mulheres e homens, os meios de iniciação ao esporte através da categoria formativa, ou seja, aquilo que identifiquei como sendo as pedagogias do *rugby*. Nesta direção, estabeleço relações com os dados vivenciados e observados no campo, os discursos das(os) praticantes, os depoimentos registrados através das entrevistas, descrevendo e assim, apontando as formas como interpreto as especificidades que destaquei em meio a diversidade de informações obtidas no processo investigativo.

3.1 Ser ou não ser novata?

“Senhoras e senhores, bem vindos ao Charrua *Rugby* Clube!”
(Nota do D.C. 30/07/2005)

A partir desta saudação é que geralmente tem início a apresentação da categoria formativa, onde as primeiras instruções são transmitidas aos novatos e novatas recém chegados a este clube de *rugby*. Porém, antes de me deter nas informações apreendidas nesta categoria, julgo ser necessário, realizar um breve esclarecimento do conjunto de fatores, que levaram-me a fazer a

pergunta que intitula este tópico, e decidir tornar-me de fato, uma novata no *rugby*.

Anteriormente, refiz parte da trajetória, e das motivações que inspiraram-me a observar o *rugby* com fins investigativos, a aproximação com o clube, com o time feminino, e a receptividade que encontrei para a realização desta pesquisa. Mas talvez eu correria o risco de deixar uma lacuna entre estes contatos iniciais e a decisão de inserir-me na prática deste esporte. Tendo em vista que esse foi, um processo onde várias questões acadêmicas e pessoais estiveram em jogo.

Posso hoje, assinalar (em síntese), os seguintes fatores, que julgo terem sido decisivos para esta imersão no campo: em primeiro lugar, meu desejo de saber e estar por dentro do universo *rugby* para além de observadora, em conjunto com a constante insistência das jogadoras para que eu me integrasse ao time⁴¹. Para tanto, utilizavam entre outros argumentos, meu porte físico o qual renderia “uma boa *foward*”⁴², e minhas vivências anteriores em esportes de contato (lutas como judô, jiu-jitsu), estas que dariam conta de “vencer o desafio dos *takles*”⁴³.

Outro aspecto valorizado se refere às opções metodológicas que a etnografia permite, neste caso, a inserção em campo como praticante, de modo a contemplar uma evidente curiosidade que eu carregava, de sentir vibrar em mim os enfrentamentos e desafios daquele esporte novo, e evidentemente o que isso poderia trazer de contribuição ao meu trabalho.

⁴¹Neste aspecto, isso reflete a necessidade manifestada pelas mesmas, de aumentar o número de adeptas uma discussão que abordarei de forma mais específica posteriormente.

⁴²Denominação dada as jogadoras que possuem uma posição mais avançada no campo, dando conta dos primeiros contatos com o time adversário, no sentido de suportar sem prejuízos os contatos, seriam também jogadoras mais ‘fortes’ comparadas com outras posições onde o atributo da força física não seria tão priorizado.

⁴³Jogada em que se derruba a adversária que está carregando a bola, agarrando-a preferencialmente pelas pernas ou cintura, objetivando assim “desarmá-la” e recuperar a posse de bola.

Todo esse processo de motivações e hesitação, aconteceu após pouco mais de um mês observando os treinamentos, e da experiência de ter presenciado como espectadora uma partida amistosa de *rugby* feminino. Considero relevante descrever e comentar alguns dos acontecimentos presenciados por ocasião deste primeiro jogo que assisti, durante um encontro para amistosos internacionais entre as equipes do Charrua e Salto (Uruguai), ocorrido nas dependências da ESEF-UFRGS⁴⁴. Neste dia, além da dificuldade em compreender as regras da partida, impressionei-me com as jogadas de forte impacto, a quantidade de atletas lesionadas no decorrer do jogo, e pela relação entre os espectadores presentes na beira do campo (a grande maioria composta pelos próprios jogadores dos clubes). Ocorreu que, um número significativo de pessoas estava assistindo o jogo feminino, e num primeiro momento, percebi comentários depreciativos vindos dos observadores, mas conforme as jogadas apresentaram um nível técnico qualificado, o interesse dos espectadores foi aumentando, e os mesmos passaram a torcer e vibrar com os lances e pontos marcados. No final, a equipe feminina do Charrua venceu e foi ovacionada, inclusive por aqueles que inicialmente pareciam desvalorizá-las.

Com essa observação de um jogo de *rugby* de fato, em conjunto aos motivos anteriormente apresentados, encontrava-me motivada a conhecer de forma aprofundada o que se passava, e tomei a decisão de inserir-me parafraseando Wacqüant (2002) “de corpo e alma” no time feminino do Charrua, através da participação como jogadora nas atividades dentro e fora de campo. Decidida a ‘entrar’ no *rugby*, comprei um par de chuteiras e dei início à integração junto a categoria formativa do clube.

Quanto a esse começo das atividades no clube, cabe citar que nem sempre as novas jogadoras passaram por esta iniciação ao esporte, ou seja, muitas acabam entrando diretamente no time feminino. Essa inserção sem que houvesse um aprendizado dos respectivos fundamentos do *rugby*, foi relatada pelas próprias praticantes como fora da condição ideal, e justificada por

⁴⁴ No dia 25/06/2005, reunindo as equipes juvenis e adultas masculina, além da feminina de ambos os clubes.

diversos fatores, como por exemplo, da formativa ainda não estar estruturada quando as jogadoras mais antigas uniram-se para formar a categoria feminina, sendo referido como uma dificuldade a mais enfrentada pelas mesmas.

Atualmente, foi observado que com freqüência, praticantes novatas preferem integrar-se desde o início aquela que será sua categoria definitiva - a feminina. Para tanto, utilizam de motivos 'em princípio', ligados às suas características físicas como força e resistência, estes considerados em níveis inferiores aos dos outros jogadores homens, tendo em vista o fato da formativa ser mista e em sua organização prática, conceber todos os exercícios igualmente para ambos os sexos. Tal característica se reflete num dos depoimentos das entrevistadas quando questionada sobre o seu início em treinamentos de *rugby*:

Eu já entrei com as gurias, porque eu fui e só eu entrei assim naquele dia, então não ia ficar só eu com os guris da formativa, eles corriam muito e eram mais pegados nos contatos, então fui com as gurias e foi assim que eu comecei. (Clarisse, 22anos).

Quando me refiro 'em princípio' a essas motivações, me detenho nos discursos e no que foi observado em campo, porém, considero que muito provavelmente esses não são fatores que possam ser simplificados ou descontextualizados, tendo em vista que, para além das dificuldades físicas, há uma multiplicidade de sentidos, ligados ao corpo gênero e sexualidade em negociação constante, e talvez mais facilmente visualizados quando dessa experiência mista na categoria formativa. A partir disso, buscarei nas descrições dos aspectos vivenciados e observados nesta etapa de iniciação ao esporte, compreender onde, como, de quais formas, uma jogadora de *rugby* se produz e é produzida.

3.2 A formativa: ensinando a ‘jogar’ e ‘ser’ jogadores(as) de *rugby*

Entrar em campo, enfrentar uma equipe adversária objetivando a marcação de pontos através da posse de uma bola oval e da sua passagem por traves chamadas de H, dispondo-se a derrubar, empurrar, atacar e ser atacado. Essa que poderia ser uma síntese das características do jogo jogado, parece de imediato me remeter à noção de algo que necessitaria obviamente de algum aprendizado técnico para tais especificidades. Ensinar, portanto, ‘como’ jogar, seria a função primeira da categoria formativa no *rugby*, porém essa minha idéia pré concebida, foi tomando outra forma a partir do que observei no campo, ou seja, que esta divisão do clube, não ensinava apenas as técnicas desse esporte, mas uma série de outros conhecimentos como o sub-título sugere: para não apenas jogar, mas ser um(a) praticante de *rugby*. A partir de tal afirmação, procurarei nas linhas que seguem demarcar os fatos e experiências através das quais, passei a visualizar desse modo o processo de aprendizado nesse esporte.

Numa tarde de sábado, nublado e frio, chegando à ESEF, observei os campos já repletos de membros do universo *rugby*, após estar devidamente uniformizada: com chuteiras, meias de futebol, “roupas de guerra⁴⁵”, e protetor bucal, me encaminhei ao campo destinado à categoria formativa. Aproximando-me do local marcado, encontrei um grupo heterogêneo, constituído por 25 pessoas, com idades entre 15 e 40 anos, das quais haviam eu e mais três mulheres, em meio aos companheiros homens.

Desta chegada à formativa, fora a saudação de boas vindas aqui já mencionada, realizou-se uma breve descrição do clube, e foi solicitado aos participantes que se apresentassem e dissessem como conheceram o *rugby*.

⁴⁵ Conforme as orientações transmitidas pelos membros do clube, os interessados em entrar na formativa, devem apresentar-se usando roupas velhas, que possam sujar, rasgar, conforme os mesmos “sem frescuras”, denominadas desta forma “roupas de guerra”.

Enquanto nos apresentávamos, foi questionado em termos de ‘descontração’, para as mulheres o “estado civil”, e para os homens “se gostavam de mulher”, questões estas, que dimensionaram de imediato, meu olhar para os discursos abrangendo a sexualidade naquele contexto, especificamente, na heterossexualidade normativa, e sua relação com os modos de ser homem e ser mulher no universo *rugby*. Neste sentido, diversas foram as situações envolvendo discursos similares, de formas sutis ou não, as quais apresentarei e discutirei no decorrer deste texto.

Voltando aos aspectos desse início na formativa, considero pertinente citar os objetivos desta categoria, os quais nos foram explicados na seqüência do primeiro dia de treinamento, estes que seriam: trabalhar em aproximadamente um mês os principais fundamentos do esporte, as regras, técnicas, valores, e iniciar a preparação física para que novatos e novatas já chegassem mais adaptados aos seus futuros times (juvenil masculino, adulto masculino, adulto feminino).

Desta minha ‘entrada’ no clube como novata, senti um considerável estranhamento com as especificidades técnicas, os passes somente para trás, a difícil recepção da bola que parecia (sem a técnica adequada) escorregar pelas mãos, a força exigida para empurrar os adversários(as) nas formações chamadas *scrum*⁴⁶ e neste aspecto, também a dificuldade que a linguagem do *rugby*, em meio a *tackles*, *rucks*, *fowards*, *backs*, e *halfs*⁴⁷, representava. Fora os elementos relativos à prática em si, ao final do encontro nos foi ensinado o grito de guerra do Charrua, uma saudação onde, todos evocam uma frase constantemente repetida pelos integrantes do clube: “Não tá morto quem

⁴⁶ Em síntese, o *scrum* é uma formação para cobrança de faltas, onde duas equipes com oito membros colocam-se frente a frente dispostas num esquema 3 - 4 - 1, formam um único bloco de pessoas encaixadas pelos ombros nas pernas dos jogadores à sua frente, e se empurram para disputar a bola que é posta entre os dois times.

⁴⁷ Termos estes que, nomeiam determinadas jogadas, ou posições dos jogadores, *tackles*-desarmar o adversário derrubando-o, *rucks* – formação em que os jogadores empurram os adversários com a bola sendo disputada em pé pelas equipes, *fowards*- jogadores da linha de frente, *backs* - jogadores mais recuados no campo, e *halfs* – jogam próximos dos *fowards* adversários, devendo ter um passe rápido para evitar os contatos.

peleia”⁴⁸, algo que é reproduzido pelos jogadores(as), em círculo e abraçados, sempre ao final dos treinos, e imediatamente antes e após os jogos e competições.

Em relação a esse começo de prática, me permito dizer que experimentando um esporte completamente novo, até não me saí tão mal, mas as dores no corpo que senti na semana seguinte, e nos treinos subseqüentes, foram intensas, e davam conta de me relembrar o quanto a participação nessa atividade, necessitava de características singulares, vivenciadas desde a adaptação e aprendizado. Esta experiência corporal percebida em mim, foi similar à alguns dos relatos das entrevistadas, dos quais destaco:

Assim, na formativa até foi legal, mas assim, quando fiz o meu primeiro treino foi um caos, porque era tudo muito difícil, uma coisa muito diferente de assimilar. E aí a dor né, eu me lembro que eu treinei no sábado e passei praticamente toda a semana seguinte deitada, sem conseguir mover um músculo, e eu não era uma pessoa sedentária, tava jogando vôlei e tal... Sempre fiz musculação e tudo... E ainda tinha as regras, e eu fiquei impressionada como o corpo doía, era tudo, ainda bem que eu estava de férias porque foi uma semana, na segunda, na terça, na quarta é que eu fui melhorar um pouco, na quinta eu já estava melhor, mas aí no sábado tinha treino de novo. E de novo eu fiquei toda a semana me recuperando pra voltar a treinar (Olga, 29 anos)

Ao mesmo tempo em que, me habituava às especificidades técnicas, físicas e lingüísticas do *rugby*, durante os treinamentos, pude constatar uma série de outras aprendizagens, postas aos novatos e novatas naquele universo através de diferentes meios e abordagens. Trago como exemplo disso, algo recorrente no clube investigado, a troca de informações através da *internet*, seja pelo seu *site* próprio, mural virtual, ou pela troca de *emails* coletivos.

⁴⁸Segundo explicações dadas pelos integrantes do clube, essa frase popular, encontrada em músicas tradicionalistas gaúchas, evoca e traduz o espírito guerreiro e regional dos Charruas.

Através desses contatos, conteúdos anteriores ou posteriores aos encontros eram repassados, dados como a formalização das regras, a história do *rugby*, os principais eventos, e sobre o “espírito do *rugby*”, um aspecto que me chamou especial atenção. Este, “espírito”, foi caracterizado por termos como valores; condutas; *fair play*; cavalheirismo; disciplina e companheirismo. Nesse sentido, pude constatar que um texto em especial, possui uma relevância destacada, não apenas no clube em questão, mas em diversos outros espaços do *rugby*, como sites, blogs, manuais, e comunidades virtuais por mim observados. Dada essa importância, reproduzirei o texto, para após tecer alguns comentários:

*As Razões do rugby*⁴⁹

Como saberá o que é o amor se sua velha nunca costurou sua camiseta apesar de sofrer cada vez que você entra em campo. Como saberá o que é a dor se você nunca tomou um tackle de ficar sem poder amarrar o tênis por um mês. Como saberá o que é o prazer se nunca ganhou um clássico no barro. Como saberá o que é chorar se jamais perdeu uma final na última hora com um penal duvidoso. Como saberá o que é carinho se nunca acariciou a ovalada sem perceber enquanto escutava o técnico falar. Como saberá o que é a solidariedade se jamais protegeu um companheiro indefeso no chão. Como saberá o que é a poesia se nunca deu um drop com a marcação em cima. Como saberá o que é a humilhação se nunca te presentearam com um chute perfeito que você simplesmente não chegou na bola. Como saberá o que é o pânico se nunca te surpreenderam mal posicionado em um contra ataque. Como saberá o que é morrer um pouco se você nunca foi buscar a bola depois do H. Como saberá o que é a solidão se nunca ficou de fullback para parar um ataque de gente disposta a acabar com suas esperanças. Como saberá o que é o barro se nunca se atirou aos pés de ninguém para evitar um try. Como saberá o que é o egoísmo se nunca perdeu a bola por ir sozinho enquanto o ponta estava livre. Como saberá o que é o sacrifício se nunca treinou no inverno, chovendo, depois de trabalhar o dia inteiro. Como saberá o que é a arte se nunca improvisou uma jogada com o half. Como saberá o que é o subúrbio se nunca acabou ficando de ponta. Como saberá o que é ser prestativo se nunca foi forward. Como saberá o que é a injustiça se nunca foi penalizado por um árbitro que estava longe da jogada. Como saberá o que é a insônia se nunca caiu na tabela do campeonato. Como saberá o que é o perdão se nunca encheu a cara com o que te mandou pro hospital. Como saberá o que é o valor se nunca virou uma partida que parecia perdida. Como saberá o que é a

⁴⁹ Disponível em: <http://vilarealrugby.tripod.com/vilarealrugbyfc2/id12.html>. Acesso em 08/10/2005.

amizade se nunca participou de um terceiro tempo. Como saberá o que é a VIDA, se você nunca jogou RUGBY.

Este texto, foi transmitido em um dos tantos *emails* enviado ao grupo dos iniciantes, mas só pude compreendê-lo, quando em um dos encontros com outros colegas de formativa, pude realizar a escuta atenta da “tradução”, não apenas dos termos técnicos como *takles, try, half*, entre outros, mas também dos sentidos presentes no universo do *rugby*, que eram ali representados. Creio que, diversos elementos e interpretações poderiam ser trazidos para a discussão, em especial quando indaguei sobre por quê, ter sido trabalhado justamente no processo de formação dos(as) novatos(as) no clube. Este manifesto pode ser compreendido como uma descrição apaixonada dos ideais da prática deste esporte, pois salienta aspectos como o amadorismo, *Fair Play*, a disciplina, o companheirismo, o desafio, a superação de limites, etc. Meu interesse principal, ao destacar este texto, é o de concordando com diversos autores (ELIAS e DUNNING 1992; CHASE 2006; HORCAJO 2006; RIAL 1998; SAOUTIER 2003; WHITE e VAGI 1990), identificados na revisão de literatura sobre o *rugby*, os quais demonstraram que, um dos aspectos a singulares deste esporte, é justamente essa gama de significados expressos através de tradições inventadas, e que em grande medida, referem-se não apenas as especificidades técnicas do *rugby*, das partidas e jogadas, mas aos modos de ser um jogador, homem, viril, masculino. Discursos esses, que percebi de um modo geral parecem ser aceitos, e até mesmo reproduzidos pelas mulheres que ingressam nesta prática; no sentido de não serem efetivamente questionados, problematizados, mas relativizados como parte do conjunto de valores *rugby*.

Ao realizar essa afirmação, me remeto em grande medida, aquilo que identifiquei através das vivências e observações durante o trabalho de campo, especificamente no que se refere aos processos de socialização, envolvendo novatos e novatas, a partir dos trotes, das relações entre os membros do clube, ou seja, pelas diversas formas como são ‘iniciados(as)’ ao universo *rugby*.

Essas características, são intensamente demarcadas em ocasiões próprias deste esporte, chamadas de terceiro tempo. Em síntese trata-se de uma 'continuidade da partida', tendo em vista serem de fato jogados dois tempos, o terceiro tempo configura-se como o encontro das equipes adversárias para juntas confraternizarem. É efetivamente neste espaço, em que muitos dos símbolos e rituais deste esporte são apresentados, ensinados, reproduzidos e assim, mantém-se a chamada tradição do espírito *rugby*. Anne Saoutier (2003), em seu trabalho, procurou compreender entre outros fatores o "espírito do *rugby*", acompanhando as atividades fora do campo de jogo, com ênfase especial justamente no terceiro tempo. A autora descreveu que nessas ocasiões, ocorriam ritos de passagem, discussões, conquistas amorosas, e assim, a integração entre os jogadores, treinadores, e veteranos dos clubes. Porém, na pesquisa citada, os encontros do terceiro tempo eram restritos aos homens do *rugby*, pois não foram descritos times femininos nos clubes estudados, e a presença de mulheres mães, esposas, namoradas, era negada, salvo as chamadas *groupies*⁵⁰.

No contexto do clube onde realizei a investigação, uma característica interessante é que geralmente os(as) jogadores(as) reúnem-se após os treinamentos de sábado num bar próximo da ESEF, lugar onde além de lanchar, conversam sobre como foram os treinamentos, combinam encontros para assistir partidas, confraternizações, e aproveitam para estreitar os vínculos de amizade. Contudo, esses encontros não são considerados terceiros tempos, tendo em vista que para essa atividade, há uma série de outras relações da cultura *rugby* representadas. Especificamente no Charrua, identifiquei dois tipos de terceiro tempo: os mais 'tradicionais', após as partidas aclamando a integração com os adversários 'de fora'; e outros de proporções menores, ocorrendo ao menos uma vez por mês, somente com os integrantes do Charrua e que, de acordo com os seus idealizadores, é uma forma de manter a "família sempre unida"⁵¹. Neste espaço do terceiro tempo, mais restrito aos membros do clube, é que muitas vezes se fizeram presentes as

⁵⁰ Garotas de programa.

⁵¹ Reúnem-se praticantes e os chamados "agregados", familiares, amigos(as), namorados(as).

manifestações particularmente significativas da cultura *rugby*, e onde novatos e novatas, passam por alguns “troles”⁵², interpretados como ritos de passagem, ao mesmo tempo em que se constituem enquanto meios de socialização com essa “família *rugby*”.

No decorrer do trabalho de campo, presenciei inúmeros trotes, e pude visualizar, a demarcação de importantes diferenças endereçadas aos praticantes homens e mulheres, das quais descreverei, aquelas que julguei mais significativas. Nesses ‘eventos’, com freqüência eram, cobradas aos novatos e novatas músicas e danças do “folclore *rugby*”⁵³, uma característica que também foi apontada por Elias e Dunning (1992) como particular deste esporte, as canções, seus conteúdos e danças específicas. Observando o conteúdo das canções foi percebida uma forte vinculação à afirmação dos valores masculinos como a virilidade, agressividade (rememorando jogadas mais violentas ocorridas nas partidas), e em especial o caráter central da heterossexualidade, de modo que, as mulheres eram caracterizadas como objetos de conquistas, no que se refere aos prazeres sexuais, mas contudo, isso não era motivo para que elas deixassem de cantar e dançar como todos. As novatas que concordavam em participar do trote faziam ainda, declarações de amor ao clube, cantavam o hino, e por vezes cedendo às pressões e incentivo do grupo entravam num jogo, onde tinham que passar com os dentes, uma bala recebida da mesma forma (com os dentes), por veteranos escolhidos entre os integrantes no time adulto.

Já aos novatos homens, eram cobradas tarefas como: cortar cebolas, carregar os materiais utilizados nos treinamentos, e por vezes em trotes apenas com integrantes (jogadores/as adultos) do clube, desfilar trajando

⁵² Geralmente, os novatos e novatas, passam pelos trotes mais de uma vez, pois há diversos motivos “inventados” pelos veteranos para a realização dos mesmos, por exemplo, trote da primeira viagem, primeiro *try*, primeira viagem internacional, entre outros.

⁵³ As canções são geralmente, versões traduzidas de músicas sobre o *rugby* em Inglês. Adaptadas às características do Clube, ou daqueles(as) que estão passando pelos trotes, são constantemente re-inventadas. Por possuírem um conteúdo muito específico e particular do universo investigado, detenho-me a não reproduzi-las na íntegra, mas, apenas descrever as características que considerei relevantes.

roupas femininas (vestidos, saias, e até mesmo calcinhas utilizadas na cabeça), freqüentemente emprestadas pelas próprias jogadoras. Nesses momentos, os novatos, faziam encenações, dançavam, caminhavam fazendo trejeitos femininos caricaturizados, e inclusive alguns *strip teases* para o deleite dos veteranos. Algo improvável conforme as praticantes, seria que elas se vestissem com trajes masculinos, ou que os novatos considerassem um trote desagradável fazer o jogo da bala com as veteranas, contudo elas pareceram não se importar em emprestar as roupas, apenas não gostam muito da brincadeira com a bala, e ficam supervisionando para impedir qualquer 'abuso' com as novatas. Através desse breve relato sobre o conteúdo dos trotes, creio ter dado pistas de como, na conjuntura do *rugby*, de diversas formas permanece garantida a manutenção da sexualidade normatizante, neste exemplo descrito, através de novatas erotizadas, e novatos reafirmando sua masculinidade ao travestir-se, demonstrando de forma caricata para o grande grupo, aquilo que não são.

3.3 Depois da formativa: o aprendizado continua...

Após passarem pela categoria formativa, as novatas se dirigem ao seu time definitivo, o feminino, onde pude constatar, são bem recepcionadas pelas veteranas, e isso também foi apontado nas entrevistas como uma característica positiva das mulheres do Charrua :

Fui super bem recepcionada assim, pelas meninas, me cumprimentaram todas, e eu treinei muito pouco no primeiro dia, mas cansei pra caramba... Eu me lembro que ele (o técnico) mandou dar uma volta por dentro do gramado verde e eu morri, foi extremamente horrível, porque eu estava muito, muito parada fazia uns dois anos eu acho. Foi horrível. Mas daí ele chamou o P. pra me dar mais noção assim, me explicar como era, dar os fundamentos, conversar comigo, tirar minhas dúvidas, as meninas sempre me ajudando muito,mas isso levou muito mais tempo do que eu imaginava. (Clarisse, 22 anos)

Foi legal, e eu notei que as gurias foram bem receptivas, apesar de eu chegar meio de pára-quedas, notei que tinha uma ânsia por jogadoras novas e hoje eu entendo porque, foi muito legal assim, a recepção foi tudo de bom [...] (Frida, 26 anos).

A inserção na equipe, e o fato de terem passado por trotes, não significa que as novatas sejam consideradas veteranas, pois só alcançam essa condição após participarem de partidas, campeonatos, e vivenciarem com o grupo dentro e fora de campo, as múltiplas formas pelas quais tornam-se efetivamente jogadoras de *rugby*.

O momento de chegada à categoria feminina é importante, pois freqüentemente requer uma carga de responsabilidade que surpreende as novatas. Algo relacionado pelas mesmas, ao desenvolvimento atual desta equipe, o qual pode ser demonstrado através da sua significativa participação em competições, tais como a Liga Sul-Brasileira de *Rugby* (atuais campeãs), e também a presença em torneios e amistosos internacionais⁵⁴ com equipes do Uruguai e da Argentina. Há ainda, o fato de algumas jogadoras do clube, pela sua capacidade técnica, participarem dos treinamentos e jogos da Seleção Brasileira Feminina de *Rugby*, e isso foi apontado nos relatos das novatas e veteranas, como motivo de orgulho para o grupo e um incentivo a mais para se dedicarem ao *rugby*. Quanto a essa 'dedicação', observei e pude perceber as muitas mudanças que acompanham as novatas nesse começo no time principal, em primeiro lugar os treinamentos, que passam de um para três encontros semanais, com as exigências físicas também aumentadas, os encontros extra campo (seja para discutir projetos, planejamento de atividades, assistir à jogos), e também o nível de cobranças com pontualidade, disciplina, por esses aspectos repito, a palavra de ordem no grupo é 'dedicação'.

⁵⁴ Em parte pela proximidade geográfica, o Clube Charrua mantém contato com equipes argentinas e uruguaias, realizando torneios chamados de "*Gira*" ou "*Integración*" onde o Charrua desloca-se até as cidades das partidas, ou ainda recebendo as equipes em Porto Alegre. Destacamos ainda, o torneio de equipes infantis juvenis e femininas Valentin Martinez, realizado anualmente em Montevideu – Uruguai, ficando o Charrua feminino com a taça bronze em 2007.

No que concerne aos treinamentos, algo que particularmente me chamou a atenção foi a experiência do *touch*, um jogo geralmente praticado como aquecimento das equipes antes dos treinos, ou ainda de forma recreativa. Resumidamente, trata-se de uma prática similar ao *rugby*, mas sem os *tackles* (jogada em que se desarma o adversário derrubando-o), e posições fixas nas cobranças de faltas, desta forma, as equipes posicionam-se frente a frente e praticam o *touch* utilizando o toque ao invés do *tackle*, para interromper os ataques. Ou seja, enfatiza a troca de passes e estratégia em detrimento dos contatos físicos mais intensos de um jogo normal. O fato crucial e que realmente despertou meu interesse, foi o de ser este o único momento em que os times adulto masculino e feminino, jogam juntos, em termos que afirmaram ser de pretensa “igualdade” de condições. Isto é, jogam confrontando equipes formadas somente por homens ou mulheres, e quando há diferença numérica significativa, praticam com equipes mistas. Os jogadores ao explicarem essa visão de que haveria condições mais igualitárias do que no *rugby* (Nota do D.C. 06/04/2006), priorizando o fato de que sua força física superior não importaria tanto, sem precisar derrubar as adversárias e “empurrar” nas cobranças de faltas. Mais do que isso, relataram gostar deste tipo de treino, pois achavam as mulheres mais rápidas na troca de passes, e criativas nas jogadas, deixando as disputas acirradas, opiniões estas compartilhadas pelas jogadoras. Apesar dessa valorização das adversárias, pude perceber dentro e fora de campo, que esse discurso da igualdade de condições possui suas fragilidades, como constatei em um dos meus diários:

Saí do touch hoje por estar com dores musculares, mas acredito que de fora reparei algo que não parecia tão importante no calor das jogadas, a cobrança forte sobre os guris, se xingavam o tempo todo, pois estavam nos deixando jogar muito. Pareceu que não era um mérito do feminino estar jogando bem, mas uma falha deles nos deixar jogar [...] (Nota D.C. 08/04/2006).

A partir desse dia referido, passei a observar com atenção redobrada os acontecimentos ocorridos naquele espaço, e inúmeras vezes, assisti as mulheres perdendo, e mesmo assim, focando o jogo em si ao destacarem os

aspectos positivos e onde deveriam melhorar. E surpreendi-me ao ver que quando o grupo feminino ganhava, eram recorrentes as discussões do masculino, e conforme uma fala mais enfática que escutei de um jogador: “afinal de contas jogando contra mulheres, o mínimo que esses caras tem que fazer é jogar a sério e ganhar (Nota do D.C. 30/05/2006)”. Deste modo, me pareceu evidente, que mesmo no *touch* - prática considerada mais igualitária, as diferenças entre os homens e mulheres não passavam despercebidas, as expectativas de que ‘eles’ se sobressaíssem em campo, bem como, os debates ocorridos durante os treinamentos por não cumprirem com essa ‘obrigação’.

Quanto aos demais treinamentos específicos da categoria feminina, lembro-me de ter descrito as primeiras tardes de exercícios como uma preparação para a guerra, palavras como desafio, superação de medos, força, e tolerância a dor, acompanhavam os rascunhos e anotações. A parte física do ‘estar’ em campo, as jogadas rudes, os confrontos, os choques, que a todo momento, faziam-me perceber a evidente força necessária, a diferença de lidar com o desafio permanente do inesperado, ante aos limites das jogadas e embates imprevisíveis postos às praticantes de *rugby*.

Força, desafio, confronto, essas características relacionadas a este esporte, produzem efeitos para além do que acontece dentro das quatro linhas dos gramados, pois afora os embates, jogos, treinamentos, parecem demarcadas através dos discursos que circulam na conjuntura do clube. Não raras vezes, observei relatos e apontamentos positivos (de treinadores, jogadores e demais membros do Charrua), referentes à bravura dessas moças, aliás, à doce bravura dessas moças (relatada num dos inúmeros emails coletivos que destacava e parabenizava “a doce bravura das moças do Charrua”). Tendo em vista que, a doçura acompanhava a bravura para lembrar estarem falando sobre mulheres, meninas, como geralmente são chamadas pelos companheiros.

Essa doçura contrasta quando ao entrar em campo para defender as cores do seu time, a coragem e a característica aguerrida representada pela

figura masculina e indígena do brasão Charrua, é amplamente direcionada à essas mulheres, orientadas a demonstrar “sangue nos olhos”, e dar sentido ao grito de guerra “não tá morto quem peleia”. Os efeitos desses discursos podem ser percebidos, através das distintas configurações apresentadas pelas jogadoras nas ocasiões em que disputam uma partida. Se por um lado, existem aquelas que se remetem à garra, ao gosto pela excitação, quando por exemplo enfrentam adversárias maiores e mais fortes, ou quando permanecem, mesmo machucadas em campo:

No início, me sentia muito mal, me senti desafiada, eu queria estar perseguindo aquelas pessoas que passavam por mim e eu não conseguia *tacklear*, por exemplo, e eu via as minhas colegas se esforçando, dando o máximo, porque de repente eu não conseguia ajudar tanto. Mas aí tirava forças não sei onde e virava um guerreira mesmo, essa coisa de entrar com tudo e não se abalar (Clarisse, 22 anos).

[...] Na hora do jogo tu sabe que a guria que ta na tua frente vai querer te derrubar, te roubar a bola, e tu tem que manter a tua bola ou tentar roubar a bola dela, só vale eu e ela, um time contra o outro, é ali. Não tem frescura, e dentro da regra tu pode fazer tudo. Pode ser maior que tu e te assustar no início, mas também, tu pode partir pra cima, mostrar a tua garra que fica tudo dentro de campo (Isadora, 26 anos).

Na hora em que eu to jogando, acho que pode acontecer qualquer coisa comigo, porque passa muito, muito rápido, então eu acho que só se estiver quebrada mesmo pra parar, se não eu sinto a dor mas continuo, desde que não prejudique o time, parece até que quebra alguma coisa, e eu tiro força pra continuar jogando até mais (Aída, 20 anos).

Apesar dos argumentos mencionados pelas entrevistadas, não posso deixar de citar que há aquelas praticantes que se sentem pressionadas, ou pouco à vontade com esses atributos, assumindo ou não estarem nesta posição. Permito-me fazer essa constatação, por ter observado e escutado falas relativas ao medo, à tensão, expectativa, antes de entrar em campo, e como forjam estratégias para enfrentá-las ou protelar essa situação, como por exemplo: pedindo para ficar no banco e não entrar em campo, percebendo

súbitas lesões, e assim, afastando-se do grupo.

Olhar para as jogadoras após as partidas, com seus corpos suados, sujos de terra, barro e sangue, devido aos ferimentos, arranhões⁵⁵, constatar as expressões de seus rostos, cansadas, muitas vezes sem voz (possivelmente de tanto gritar as jogadas para as companheiras), e mesmo assim satisfeitas, me levou a refletir sobre as relações entre os discursos de bravura citados e os corpos construídos e transformados por este esporte. Nesse sentido, acredito que cabe aqui, salientar as especificidades percebidas no grupo investigado, pois, exceto quando estão uniformizadas ou sujas, com hematomas, feridas abertas, decorrentes dos choques que acontecem durante as partidas, não me parecem ter inscritas marcas que as posicionam visivelmente como praticantes de *rugby*.

Questionadas sobre as mudanças percebidas em seus corpos, fora as dificuldades relatadas quanto ao início da prática, como falta de resistência, habilidades específicas, entre outras, relativo aos seus corpos, citaram alterações quanto ao ganho de força, peso, condicionamento físico, conforme os fragmentos abaixo reproduzidos:

A mudança foi o tipo de resistência que o *rugby* te proporciona, porque eu jogava vôlei e tal, fazia Educação Física, `as vezes se joga uma bolinha e tu cansa sabe? E a gente já tava jogando *rugby* a um tempo, e teve a idéia de ir jogar um futebolzinho, a gente correu o jogo inteiro e as gurias com a língua de fora e agente que jogava *rugby* passeando no campo, e fora as pernas né, tem toda a função de correr, de fazer força, pela função de cair, levantar, fica bem melhor [...] (Isadora, 26 anos)

Ah, eu fiquei bem mais pesada, mas o meu problema é que eu acho que o "*rugby*" ele dá um condicionamento super bom, um corpo super bonito, muita coisa boa, só que eu acho que tem que saber manejar isso, tipo, tu não pode pensar que tu pode comer mais, tipo o que eu pensei. É que eu pensei que podia comer muito mais, e não pode, mas o meu condicionamento eu acho que melhorou bastante, desde que eu comecei, não que eu ache que seja um exemplo, porque não é, mas está bem melhor, e minha força também eu acho que está

⁵⁵ Freqüentemente provocados pelas travas das chuteiras que cortam a pele.

melhor e eu tenho que eu acho que eu ganhei bastante músculos assim, massa muscular. (Cecilia, 22 anos)

Ah No início eu fiquei muito forte, no início eu engordei bastante e fiquei bem fortinha, mas depois deu pra adaptar né, eu acho que é muito, aí é que tá, é muito do ah aquele primeiro impacto, ah quero fazer tudo, e como eu era uma *forward* né, eu tinha que, comecei a ganhar massa, massa, massa, eu tinha entrado pra emagrecer e eu fui engordando, porque tinha, tem muita confraternização, aí tu chega e começa a beber, comer, beber, comer, fazer força, então era musculação, eu encontrava já a Laura na musculação, e a Laura pega peso, pega isso, tem que ganhar isso, tem que ganhar aquilo, aí tu começa ah altas desculpas, aí começava a fazer tudo e ganhei, depois eu perdi tudo de novo[...] (Elis, 21 anos)

Ainda em relação às características corporais, outro fator interessante, foram os relatos sobre ser comum, ao saberem que elas jogam *rugby*, as pessoas olharem seus corpos e questionarem: “Mas você joga *rugby*? Não parece...”, segundo as próprias praticantes explicaram: “Não acreditam! Não acreditam, porque eu sou pequena demais, aí dizem não, tu não joga isso [...] (Elis, 21 anos)”. Ou então como este outro depoimento:

As pessoas se surpreendem, você joga *rugby*? Nada a ver com o meio (onde trabalha) não parece [...]. Ah, aí sempre tenho que explicar, perguntam o que é, e eu me limito muito a dizer que lembra o futebol americano, mas sem proteções (Cecília, 22 anos).

Essas características apontadas levaram-me a perceber que, a prática do *rugby*, em relação aos corpos das jogadoras, difere consideravelmente do que acontece por exemplo, com as fisiculturistas, as quais modelam seus corpos em uma transformação que parece saltar aos olhos (JAEGER, 2007), ou então das mulheres *skatistas* (FIGUEIRA, 2008), que podem ou não ter seus corpos marcados, mas freqüentemente, adotam um *estilo skate* nas suas roupas, adornos, que as identificam dentro e fora do universo esportivo onde estão inseridas.

Nas mulheres praticantes de *rugby* pesquisadas, seus atributos corporais de beleza, a vaidade e a forma como se vestem, são destacados inclusive pelos companheiros de clube, sendo que não raras vezes, ouvi comentários como este anotado em um de meus diários⁵⁶: “dentro de campo, jogam como homens, mas fora deste espaço, são bonitas, vaidosas, e nem parecem as mesmas”.

Em meio aos discursos de bravura, garra, relativos à prática do *rugby*, e visivelmente também endereçados às mulheres, é interessante refletir sobre essa afirmação de “jogarem como homens”, pois mesmo que “aparentemente” não seja algo tão problematizado para as praticantes (tomavam como um elogio, ser forte, derrubar, empurrar, jogar como um homem), por serem mulheres bonitas, vaidosas, mas fortes e aguerridas, por vezes pareciam estar desestabilizando as referências de feminilidade normativas.

Se essas comparações com os homens referidas, aparentemente não abalava as jogadoras de *rugby*, tive a oportunidade de ouvir outras sutilezas que me fizeram pensar de um modo diferente, e isso, ocorreu quando partir de uma maior integração com o grupo, passei a circular nos encontros extra-campo⁵⁷. Nessas ocasiões, ao mesmo tempo em que tomava conhecimento de algumas das muitas histórias peculiares das(os) integrantes do Charrua, em meio à esses relatos, também eram tratados outros assuntos, como as relações com outros clubes brasileiros. Num desses encontros, fui surpreendida com a fala de algumas jogadoras veteranas, quando ao questionar sobre as equipes femininas mais difíceis de serem enfrentadas, além das características do jogo, como a agressividade das jogadoras adversárias, foram citadas suspeitas sobre as preferências, quanto a sexualidade, de determinadas jogadoras. E em termos comparativos frisaram “aqui nós jogamos duro, mas gostamos de homem”.

⁵⁶ Nota de diário de campo do dia 18/08/2007.

⁵⁷ Reuniões para assistir jogos de *rugby*, churrascos, e outras ocasiões onde mesmo não ocorrendo a prática em si, este esporte era um assunto recorrente.

Esse episódio, mobilizou meu olhar para os discursos em circulação nesta equipe, seus posicionamentos, a forma como lidam com suas feminilidades, pois mesmo inseridas nesse esporte, por vezes assumem o que Adelman refere como estratégia defensiva “[...] de identificação com esportes ‘masculinizantes’ e com atletas mulheres que transitam nesses espaços comprometidos, como uma forma de fortalecer sua própria feminilidade (ADELMAN, 2003, p.461)”. Afinal de contas mesmo construídas com bravura, sangue nos olhos, em corpos marcados ou não por este esporte, jogam como homens, mas precisam demarcar serem mulheres “legítimas”, ou seja, femininas e heterossexuais, o que leva-me a pensar em como as relações com os corpos, as feminilidades, e a sexualidade, são constantemente atravessadas no contexto pesquisado, e por isso a necessidade de adentrar mais especificamente nesta discussão no capítulo seguinte deste texto.

4. “Jogamos *Rugby* mas gostamos de homem”: corpo, gênero e sexualidade em jogo

Declarações como a expressa no título deste capítulo, fazem-se presentes nas falas das praticantes de formas assim claras, abertas, mas também, em comentários sutis, indiretos, de como não são, daquilo que rejeitam, e deste modo, as sustentam para definir o que aparentemente consideram ideal: ser jogadora, sem deixar de parecer feminina e gostar de homens. Ao rememorar esses discursos, busco me deter não apenas no que é dito, mas na necessidade dessas afirmações e reafirmações, na contextualização do lugar de onde essas mulheres falam, e em como interpretar a partir do que foi observado em campo, nas entrevistas, nos referenciais teóricos, como são interpeladas, e resistem ou/e não à normatização de seus corpos, suas feminilidades e sexualidade.

Neste capítulo, a partir de elementos apresentados e descritos na sessão anterior, assim como, da descrição de outras situações empíricas observadas e dos discursos identificados nas entrevistas, aprofundo a discussão e interpretação envolvendo os corpos transformados e marcados ou não pela prática do *rugby*, as estratégias de auto-afirmação da feminilidade e as relações com a sexualidade dessas mulheres.

4.1 A força dos discursos materializada nas práticas e corpos das guerreiras Charruas

Diz-se que os corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas “dizem” dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos “não marcados”? Elas, as

marcas, existem, de fato? Ou são invenção do olhar do outro? (LOURO, 2004,p.75)

Para pensar nos corpos das jogadoras de *rugby*, trago os questionamentos de Guacira Louro, os quais me instigam a refletir sobre as marcas produzidas, os sentidos atribuídos, a materialização dos discursos em circulação no universo desse esporte, provocando assimilação, desassossegos e resistência nas mulheres envolvidas com esta prática. Pois, através de uma construção que por vezes parece ambígua, conflitante e contraditória, as jogadoras atribuem diferentes significados, posicionam-se de formas distintas, ante as situações que abrangem sua participação neste território esportivo.

Abordei anteriormente, os processos pelos quais as mulheres tornam-se jogadoras de *rugby*, interessa-me refletir sobre como há também uma produção/transformação de seus corpos para constituírem-se assim. Nesse sentido, interessa rememorar minha observação de que as mulheres do grupo investigado, exceto quando estão uniformizadas, ou com os visíveis traços de que participaram de uma partida (sujas, com ferimentos), não parecem ter inscritas no corpo marcas que as identifiquem como praticantes desse esporte.

Ao acompanhar e vivenciar a preparação realizada antes dos jogos pude perceber a produção corporal, ou melhor, a forma como se “montam” previamente à entrada em campo. Fazendo referência ao trabalho de Vencato (2002), a qual assim descreveu a montagem corporal de uma *drag queen*:

[...] Entramos no camarim de uma *drag*, espaço usualmente interdito aos olhos dos outros. É no camarim que ela “se monta”. A “montaria” consiste na minuciosa e longa tarefa de transformação de seu corpo, um processo que supõe técnicas e truques (como uma cuidadosa depilação, a dissimulação do pênis ou, ainda por exemplo, o uso de seis pares de meias-calças para corrigir as pernas finas): um processo que continua com uma exuberante vestimenta, muita purpurina, sapatos de altas plataformas e que se completa com pesada maquiagem (corretivo, base, batom, muito blush, cílios postiços e perucas). Ao executar, por fim, seus últimos movimentos, retocando o batom ou delineando os olhos, a “*drag* baixa”... conforme uma delas afirma. É nesse momento que a *drag* efetivamente incorpora, que ela toma corpo, que ela se materializa e passa a existir como personagem. Ela está, agora, pronta para ganhar a rua, para se

apresentar num show, a trabalho, para “fazer” o carnaval ou simplesmente para se divertir. Anna Paula reproduz a fala de uma *drag*, já montada e maquiada, numa noite de carnaval, tentando convencer a colega que resistia a se produzir, porque “já não tinha mais corpo”: “Corpo? Corpo se fabrica... eu não fabriquei um agora?” (VENCATO, *apud* LOURO, 2004, p.84-85).

A *drag* se produz para fazer um show, seu palco pode ser iluminado por holofotes, ou mesmo se constituir na própria rua e contextos onde circula, observando essa figura performática, percebo que, no *rugby*, as mulheres montam-se para uma apresentação de seus corpos que se dá quando entram em campo, e creio que, extravasa os aspectos referentes ao seu desempenho esportivo. No *rugby*, o camarim é o vestiário, onde as jogadoras entram com suas vestes comuns, ao invés de maquiagens e perucas, carregam mochilas repletas de aparatos deste esporte (chuteiras, protetores, meias, uniformes), e, neste local “se montam para a guerra⁵⁸”. Desta forma, num ambiente tomado pelo aroma de cânfora⁵⁹ despem-se, retiram os brincos, anéis, pulseiras, colares, *piercings*⁶⁰, amarram os cabelos fazendo tranças, colocam tornozeleiras, munhequeiras, algumas enrolam os dedos das mãos com esparadrapo, vestem seus uniformes, calçam as chuteiras e saem transformadas, preparadas para os confrontos - para a peleia.

A produção desses corpos guerreiros das mulheres no *rugby*, me remeteu à construção do corpo do lutador, referida no trabalho de Nunes e Goellner (2007), no qual foi destacada as variadas e etapas da “fabricação de corpos guerreiros”, formada tanto pela preparação física e técnica, quanto do acréscimo da “cultura de lutador”. Constituem os corpos também através dos acessórios que protegem e complementam a performance, assim como, através dos discursos de virilidade e combatividade presentes no contexto

⁵⁸ Expressão que ouvi repetidas vezes, “vamos lá gurias, vamos nos arrumar pra guerra! (Nota do D. C. 25/05/2006)”.

⁵⁹ Devido a *sprays* analgésicos utilizados mesmo antes do jogo, para aliviar a dor de contusões já existentes.

⁶⁰ A retirada desses apetrechos corresponde, a normas utilitárias deste esporte, visto que, poderiam enganchar nas roupas durante os contatos físicos, os anéis também seriam problemáticos, por exemplo, em caso de contusões nos dedos. Sendo que, as jogadoras são vistoriadas pelos juízes antes do início das partidas.

investigado, e que os preparam para desta forma, entrar em cena no ringue (2007, p.49).

Os corpos das jogadoras quando entram na arena de jogo parecem transgressivos para os olhares advindos dos expectadores, tanto pela sua aparência, repleta dos itens que compõem a vestimenta de jogo (uniforme, protetores, entre outros), quanto pelas ações que desempenham durante as partidas – empurram, derrubam, chocam-se, utilizando de técnicas que exigem atributos como força e agressividade. Tal qual assinalou Chase (2006), em seu trabalho referindo-se ao potencial transgressor das mulheres praticantes de *rugby*, em relação aos ideais normativos de feminilidade.



Imagem 3 – Charrua Feminino em partida do campeonato Valentin Martinez 2007

Ao olhar os corpos das jogadoras investigadas, aproprio-me da concepção de Louro, segundo a qual: “[...] Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder (LOURO, 2004, p.76)”. O poder segundo a noção Foucaultiana, fundamentalmente ligado ao corpo, local onde seriam exercidas

as obrigações, limitações, incitações, estimulações, ou seja, relações de poder. Para Louro, as marcas são ainda, produzidas e significadas discursivamente expressando, por exemplo, as representações de gênero e sexualidade inscritas nos corpos.

A característica transgressiva inscrita nos corpos dessas mulheres ao praticar o *rugby*, está ao meu ver, relacionada à materialização de discursos como a “preparação para a guerra”, o grito “não ta morto quem peleia”, “o sangue nos olhos”. Fazendo com que sejam percebidos seus efeitos, quando atravessados pelas expectativas em torno das feminilidades que são apresentadas e representadas, nas situações anteriormente descritas.

Conforme Adelman (2003), a forma e apresentação dos corpos de esportistas homens e mulheres, importam tanto quanto o seu desempenho efetivo, particularmente sobre aqueles corpos que possuem ou não valor em nossa realidade cultural. Nas palavras da autora:

[...] Assim, na definição social de quais os “corpos que contam” – *which bodies count*, como diria Judith Butler – incorporam-se mensagens conflitantes sobre gênero. Por um lado, afirma-se a capacidade da atleta e se representam corpos femininos ‘fortes’ e fisicamente competentes como ‘desejáveis’, criando-se paralelamente formas estetizadas de representar o corpo de atletas homens muito parecidas com as formas correntes de exposição do corpo das atletas. Por outro, persiste o recurso a noções profundamente estereotipadas e normatizadoras do que uma atleta ‘pode’ ou ‘deve’, que, com certeza, refletem as profundas ansiedades do nosso momento sobre o que é, “afinal de contas”, uma mulher (ADELMAN, 2003, p.42).

Os corpos das mulheres praticantes de *rugby*, apesar de freqüentemente desacomodarem as noções de corpos femininos quando estão “em ação”, também podem ser visualizados como fortemente normatizados no contexto do universo esportivo no qual estão inseridas. Ao treinarem, e constituírem-se enquanto jogadoras, necessitam ser obedientes às orientações do técnico, disciplinadas, competitivas, dóceis. Para Foucault: “É dócil um corpo que pode

ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (1989, p.126)”.



Imagem 4 – Charrua feminino realizando aquecimento antes das partidas - 2007

Muitas são as ocasiões em que obedecem aos comandos de seu treinador, seja no número de flexões durante os treinamentos físicos, ou nas recomendações gerais, como o cuidado com os horários de chegada e saída dos encontros. Um exemplo marcante, que trago para esclarecer que por vezes a disciplina e docilidade assumem uma função destacada para as praticantes, constitui-se em uma situação observada durante um campeonato⁶¹ onde viajei como acompanhante das jogadoras. Detive minha atenção ao fato do técnico proibir que as jogadoras participassem do jantar de abertura do evento, ou que ingerissem bebidas alcoólicas, e muito menos que fossem dormir além do horário estipulado. Mesmo contrariadas com essas restrições às obedeceram, conforme relata Clarisse, 22 anos:

Ah, naquele dia eu fiquei indignada, queria muito participar de tudo depois da viagem, conhecer gente do *rugby* né. Então fomos assim

⁶¹ Campeonato Internacional de *Rugby* Valentin Martinez, realizado em Montevideu – Uruguai, em novembro de 2007.

“proibidas” de participar, e ficaria muito chato desobedecer nosso “trenero”⁶²,

Ou seja, são cambiantes as formas como as praticantes deste esporte posicionam-se no decorrer das situações as quais protagonizam: por vezes aguerridas e transgressoras, por outras obedientes e dóceis. Assim como também, alternam-se as formas como vivenciam e significam as questões relativas às concepções de gênero. Em determinadas circunstâncias, buscam legitimar sua feminilidade, em outros momentos, assumem para si discursos vinculados as formas masculinas de experimentar a prática deste esporte.

4.2 Para olhares desconfiados, afirmações necessárias: quando gênero e sexualidade atravessam as praticantes dentro e fora de campo

[...] E eu queria muito jogar basquete na adolescência mas minha mãe não deixou porque ela dizia que era “esporte de machorra”. Ela dizia que era um esporte de menino, não sei o quê... E olha só, eu acabei vindo parar no *rugby*! (Isadora, 26 anos)

O esporte é sem dúvida, carregado se significações generificadas e generificadoras, estas que acabam por agregar determinadas práticas às masculinidades ou feminilidades, conforme pode-se observar na citação associando o basquete à “esporte de machorra”. Nesse sentido, a palavra pejorativa “machorra”, faz menção à mulher masculinizada, especificamente no exemplo referido, por praticar um esporte masculinizador – o basquete. Mais do que uma expectativa de gênero, a suspeição colocada em pauta através do uso da expressão “machorra”, refere-se provavelmente à sexualidade desta mulher, que sendo masculina/masculinizada, tornaria-se um sujeito desviante,

⁶² Expressão utilizada como sinônimo de treinador.

e assim, borraria também as fronteiras da sexualidade hegemônica colada na tríade sexo (homem/mulher); gênero correspondente (masculino/feminino); sexualidade (sexo oposto - heterossexual), (LOURO, 2004, 1998).

Se no final de sua fala, a jogadora comenta: “e olha só, eu acabei vindo parar no rugby!”, parece posicionar-se como praticante de um esporte tanto quanto (ou mais), associado à idéia de ser uma atividade repleta de valores masculinos e conseqüentemente masculinizadores, para aquelas que envolvem-se com o mesmo. Essa associação do *rugby* como uma área de reserva masculina, foi identificada por diversos autores citados ao longo deste texto (CHASE, 2006 SHEARD, 1979 ELIAS, DUNNING, 1992; HARGREAVES, 1997; HORCAJO, 2006; MARTÍN, 2001; NEVES, 2003; SAOUTIER, 2003; WHITE, VAGI, 1990). Cabe então, analisar como as praticantes lidam, resistindo ou não a essa representação, como legitimam suas feminilidades, e como a sexualidade emerge atravessada às questões de gênero .

As formas como observei e interpretei a relação das mulheres do *rugby* ao lidar especificamente com as representações de masculinidades vinculadas a este esporte não é fixa, por vezes as incomoda ou/e ‘desacomoda’, e em outros momentos esses discursos são concebidos aparentemente de modo positivo, como forma de valorização, e tomados para si, por mais contraditória que essa posição possa parecer.

Tal afirmação pode ser contextualizada ao rememorar algumas situações específicas as quais observei e vivenciei junto ao grupo investigado. Como exemplo, trago a seguinte circunstância: os momentos de preparação pré-jogos. Quando estão às vésperas de disputar alguma partida importante (e na realidade de uma forma ou de outra todas o são), as jogadoras passam a trocar mensagens sobre o espírito guerreiro, a coragem, força, procuram assistir filmes que as inspiram⁶³, ou vídeos de jogos, como os do Campeonato Mundial (masculino) de *rugby* . Quanto a este último fator, é relevante situar

⁶³ Especialmente quando precisam viajar para jogar, vão assistindo filmes no ônibus, para exemplificar, os últimos vistos nessas ocasiões foram *300* (trezentos) e *Tropa de Elite*.

que mesmo havendo um campeonato feminino televisionado, comumente são assistidos os jogos masculinos, em especial os da seleção Neo Zelandesa conhecida como “All Blacks” da qual a maioria das mulheres considera-se fã - tanto pela forma como jogam quanto pela simbologia que carregam:

[...] eu acho o modo de jogar dos All Blacks da nova Zelândia fantástico, eu não gosto do jeitinho da Inglaterra que vai indo aos pouquinhos, indo aos pouquinhos e chuta, eu acho legal o jeito que a Nova Zelândia joga de que vá pro pau mesmo, e tenta jogadas e vai indo, toda aquela simbologia do ‘Haka’, aquela coisa eu achei fantástico! Eu me lembro que eu era piá e a primeira vez que eu assisti um jogo de rugby e não sabia o que era, eu vi aquilo e achei fantástico, eu enlouqueci. Eu disse meu deus, se um dia alguém jogar e eu descobrir eu tenho que jogar isso (Clarisse, 22 anos).

Cabe aqui trazer uma breve explicação sobre essa equipe “*All Blacks*”, pois são reconhecidos no universo *rugby*, para além dos resultados expressivos e forma combativa de jogar, por apresentarem um ritual peculiar antes das partidas, uma dança guerreira chamada “*Haka*”⁶⁴. Nesta encenação, que é na realidade um ritual precedente às guerras dos Maori (povo nativo da Nova Zelândia), o objetivo é intimidar os adversários com gritos e expressões faciais ameaçadoras, e quanto mais agressivo, feroz e brutal, for o tom utilizado para gritar o refrão, maior será o incentivo ao grupo - e a intimidação dos adversários.

Foi instigante perceber a admiração das mulheres por essa equipe e seus rituais guerreiros, os quais me remetem visivelmente à exacerbação da virilidade e masculinidade potente, aguerrida, e como incorporaram essas significações em seus discursos de mulheres aguerridas do *rugby*.

⁶⁴ Essa dança pode ser assistida através dos seguintes endereços eletrônicos:
<http://www.youtube.com/watch?v=8eGCsEQ15L4&feature=related>
<http://www.youtube.com/watch?v=9Zvs4T4RU30>
<http://www.youtube.com/watch?v=kd0kDxP04el&feature=related>

Também faz parte da incorporação dos discursos masculinos a resistência à dor. Conforme citou Aída:

Eu não sei o que acontece, mas sempre acabo machucando alguma coisa, chego em casa cheia de roxos, nem sei às vezes de onde veio o sangue que manchou minha camiseta, se é meu ou de outra pessoa, nem sei... Mas assim, quando tu tá lá, jogando, eu nem sinto nada. Pra falar a verdade já tive muita dor e vontade de pedir pra sair, mas cada uma cuida da que tá do lado, dá apoio, apoio sempre, e a gente se supera. Acho que o peso dessa camisa do Charrua, dá uma força e olho pras gurias precisando de mim e nem sinto mais nada (Aída, 20 anos).

Em seu trabalho Rial (1998), citou que nesse esporte de confronto e fortes contatos físicos, a dor, os ferimentos e lesões são comuns entre os jogadores. Nesse aspecto constatou: “[...] essa dor é vivenciada por Y com uma certa dose de prazer; as cicatrizes são exibidas com orgulho e, não raras vezes, ele e seus parceiros sacrificam-se jogando machucados.(1998, p.235)”.

A autora continua suas reflexões destacando que:

A dor aqui é signo, isto é, representação de outra coisa para alguém. O que está sendo representado? Y responde claramente quando diz que rúgbi “é jogo pra macho”[...] Macho aparece no seu discurso como algo para além do homem, ou seja, o homem nas suas qualidades ideais. A resistência à dor é demonstração para si e para os outros que ali está um verdadeiro macho. (RIAL, 1998, p. 236)

A dor é considerada por Rial como importante no processo de construção da masculinidade, especificamente nos esportes, visto que: “A derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final (assim como a pobreza não desonra). A desonra vem de não se ter sacrificado com o corpo, de não se ter resistido a dor [...] (p. 248).”

Ainda sobre a identificação com as características relacionadas às masculinidades, é interessante observar que, ao posar para fotos estando

uniformizadas, com freqüência procurarem fazer “cara de má⁶⁵”, ficarem com a expressão da face séria, fechada, conforme apontaram em conversas informais, buscando aparentar ser difícil de encarar, combater, *tacklear*⁶⁶, e assim, intimidarem as adversárias. Em contrapartida, justamente nessas mesmas ocasiões (vestidas com as roupas de jogo) é comum, posarem para fotos em poses de “colocar no Orkut⁶⁷”, sorrindo, arrumam os cabelos, deitam ao lado da bola, e conforme uma das entrevistadas explicou: “Gosto de mostrar que jogo *rugby*, mas não preciso ficar um bagulho por causa disso, aquela coisa macha, posso continuar bonita mesmo de uniforme, bonita e poderosa (Frida, 26 anos)”.

Ou seja, desta forma parece-me que em determinados momentos, as praticantes assumem-se bravas, guerreiras, fortes, com sangue nos olhos e assim sentem-se preparadas para enfrentar e intimidar as adversárias; porém há uma linha muito tênue entre o ponto de incorporar tais discursos e o de afastarem-se garantindo assim a legitimidade das suas feminilidades, como na fala citada, marcando continuarem belas, não machas, mesmo de uniforme. Afinal de contas precisam demarcar – “jogam *rugby* mas gostam de homem!”

A sexualidade, emerge no contexto do *rugby* de formas sutis ou mais diretamente como na fala citada, para com freqüência cumprir a tarefa de demarcar o prevaecimento da norma heterossexual. Já na apresentação dos novatos, quando questionados para os homens se “gostam de mulher”, e para as mulheres se “tem namorado”, é possível observar essa necessidade, e isso me faz questionar, por exemplo, se neste esporte, a presença e manifestação de jogadores com “outras” formas de viver sua sexualidade seria tolerada?

No caso específico da equipe feminina, talvez por precisar manter uma postura que as legitimasse e principalmente, demarcasse para os outros sua

⁶⁵ Nota do D.C. (09/06/2007).

⁶⁶ Ser derrubada através do *tackle*.

⁶⁷ Site de relacionamentos, onde há um lugar específico para postar fotos, e segundo as jogadoras, interessante para expor suas melhores imagens para amigos e conhecidos em geral (Nota do D. C. 03/11/2007).

feminilidade por vezes distanciada dos padrões hegemônicos, porém, assegurada pela afirmação da sua heterossexualidade, em detrimento da homossexualidade ou bissexualidade condições desviantes (BRITZMAN, 1998). Nesse sentido, trago a fala de Butler, para a qual:

[...] A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea”. A matriz heterossexual por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2003, p.38-39)

Ao realizarem a comparação com outras modalidades, ou mesmo com outras equipes de *rugby*, a rememoração de histórias, piadas, e brincadeiras com conotações homofóbicas, seria ao meu ver, uma das estratégias de auto - afirmação utilizada pelas mulheres do Charrua. Assim como no já referido trabalho de Adelman (2003), especificamente no exemplo das jogadoras de vôlei que defendiam a feminilidade da sua prática comparando-a à outras consideradas por elas mais masculinas e masculinizantes, como basquete, futebol e handebol.

De outro modo, a participação nos trotes sem que necessitem vestirem-se como homens, mas sim, com a valorização do fato de sentirem-se alvo do olhar e de direcionamento das conquistas amorosas dos homens do Clube, seria outra possibilidade em favor da sua asseguaração como: mulheres, femininas e heterossexuais. Neste aspecto, é comum que os jogadores elogiem a beleza e vaidade delas (fora de campo), e freqüentemente ocorrem relacionamentos entre integrantes do Charrua, namoros, e até casamentos.

A partir dos apontamentos sobre a construção das jogadoras de *rugby*, e as relações com seus corpos marcados ou/e não, transgressivos ou/e normativizados, suas feminilidades, a apropriação dos discursos referentes às masculinidades e a reafirmação da sua representação de

gênero imbricada à sexualidade heterossexual, procurei demonstrar o quanto é múltiplo, cambiante e por vezes contraditório o atravessamento de experiências e sentidos vivenciados pelas mesmas. Cabe ainda, explorar no próximo capítulo, a forma como neste entrecruzamento de significações legitimam seu espaço neste clube e negociam sua permanência neste esporte.

5. Não tá morto quem peleia!

A negociação de espaços e permanência no clube e no esporte

Neste capítulo, o foco das análises é a terceira categoria elegida nesta investigação, a qual refere-se à negociação de espaços, e permanência das mulheres praticantes de *rugby* no clube e neste esporte. Ao abordar os aspectos referentes à estrutura da chamada “família Charrua”, busquei compreender como as mulheres legitimaram sua presença, e assim participam da tomada de decisões, e organizam-se frente à este esporte amador, mas cuidadosamente institucionalizado.

Em um momento seguinte, descrevo especificamente a diversidade de formas com que significam e vivenciam a experiência no *rugby*, os discursos que as interpelam dentro e fora do universo deste esporte, e como traçam estratégias para permanecerem neste esporte, ante aos conflitos que emergem relacionando a prática à suas vidas pessoais, decisões profissionais, entre outros fatores.

Nesta pesquisa, cujo foco de estudo foi a participação feminina num clube de *rugby*, foi essencial pensar algumas questões que permeiam essa prática tais como a inserção das mulheres neste espaço, a busca por representatividade na tomada de decisões, a diversidade das formas com que significaram e vivenciaram a experiência neste esporte e permanência no mesmo. Para tanto, em um momento inicial, questionei como se estrutura essa grande “família *rugby*”? Como é realizada a tomada de decisões neste espaço? E de quais formas, as mulheres negociam sua participação nesse território?

5.1 A estrutura da Família *rugby*

Charrua é uma família,
uma tribo, uma nação,
jogamos sempre com energia
muita raça, pura garra e união.
(ESTROFE DO HINO CHARRUA⁶⁸)

No decorrer da pesquisa de campo pude identificar que o clube Charrua é representado como uma grande família, e essa representação vai além da presença em uma estrofe do hino, a qual é cantada pelos jogadores em momentos de incentivo precedentes às partidas em campeonatos, ou pela torcida em momentos difíceis ou comemorativos destas ocasiões. A caracterização como ‘família’, é uma forma como os/as integrantes freqüentemente referem-se à este Clube. Quando questionadas as razões pelas quais referiam-se dessa maneira ao Charrua, os membros homens e mulheres, justificaram esta afirmação tanto pelo espaço de sociabilidade que esse local representa, quanto pela própria organização estrutural do mesmo: “[...] uma ‘grande família’ onde todos constroem e buscam manter a família sempre unida e forte (Olga, 29 anos)”.

Para refletir sobre a estruturação e gestão deste Clube hoje, é interessante lembrar como este foi concebido por seus idealizadores: um local de lazer para um grupo de amigos que estava interessado em praticar este esporte, e que assim, foram chamando outros amigos, criando espaços, e trabalhando para literalmente construir o Charrua, sem contar com incentivos externos para tanto. Desta forma, a característica do amadorismo apontada por diversos autores como algo amplamente vinculado ao universo do *rugby* desde as suas origens (DUNNING e SHEARD, 1979; ELIAS e DUNNING, 1992; RIAL,

⁶⁸ Disponível em: <http://www.charruarugby.com/oCharruahino.php>.

1998), e uma realidade para as equipes brasileiras dedicadas a este esporte⁶⁹, também se fez presente no clube específico investigado. Quando me refiro ao caráter amador, concordo ainda com as idéias desenvolvidas na pesquisa de Stigger (2002), no sentido de que os(as) integrantes não recebem compensações financeiras pela prática do *rugby*, salientando freqüentemente essa prática como um prazer, divertimento. Porém, como descreverei ao longo do texto, há no grupo por mim observado interesses que se assemelham à concepções profissionais do esporte, lógicas de rendimento, não em ganhos materiais, mas pela satisfação de vencer e possuir prestígio através dos resultados, ante ao olhar alheio, seja de pessoas vinculadas à outros clubes, sua própria torcida, etc. (DUNNING, 1992; STIGGER, 2002).

Pude acompanhar relatos dos próprios fundadores deste Clube sobre o início das atividades envolvendo o *rugby*, os quais ressaltaram sua iniciativa, mesmo sem contar com apoio, materiais, e até mesmo campo para jogar: “tínhamos uma bola de *rugby* e vontade de jogar (Notas do D. C. 03/09/2005)”. Se atualmente, existe mais de cem praticantes, subdivididos em cinco categorias (infantil, juvenil, formativa, adulta masculina e feminina), essa foi e permanece sendo uma construção gerenciada e mantida pelos próprios jogadores(as).

Em termos estruturais, mesmo contando com espaços físicos para jogar, os(as) praticantes necessitam de investimentos financeiros constantes, fora os individuais, como comprar uniformes, chuteiras, protetores, e pagar as viagens. Os materiais coletivos utilizados como, por exemplo, os destinados aos treinos, bolas, cones, entre outros, são adquiridos até hoje através de contribuições dos(as) integrantes. Por mais que procurem fazer campanhas, rifas, projetos buscando parcerias com a iniciativa privada, como

⁶⁹De modo que, nem mesmo os jogadores e jogadoras da seleção nacional são profissionalizados, os quais não recebem para jogar, muitas vezes pagando até mesmo pelos custos dos uniformes que utilizam, sendo a maior parte das verbas para viagens, e materiais advindos da Internacional *Rugby Board*. Cabe destacar, a exceção a essa realidade, tendo em vista que algumas jogadoras da seleção feminina obtiveram nos últimos dois anos (2006-2007), auxílio do Governo Federal – Bolsa atleta.

freqüentemente afirmam: “no *rugby* além de não receber, pagamos para jogar (Notas do D.C. 10/07/2006)”.

Além os aspectos financeiros, a questão administrativa do clube é algo que necessita de esforços pessoais e voluntários. Tarefas como organizar viagens, treinos, participação em campeonatos, terceiros tempos, atualização da página na *web*, e demais assuntos que necessitem de resolução e estejam relacionados ao bom andamento das atividades, são em princípio resolvidos e de responsabilidade da diretoria (Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro(a), Secretário(a) e Diretor(a) Técnico). Esses membros, normalmente orientam as ações, mas, necessitam da participação ativa de jogadores(as) das diferentes categorias para executar de fato as demandas do Clube. Nessa perspectiva, vale apontar que freqüentemente amigos, namorados(as), e familiares acabam envolvendo-se com as ações, como, nas propostas para arrecadar fundos, jantares, mas principalmente, quando o Clube organiza campeonatos e viagens.

Observando essa relação, envolvendo especificamente a presença dos familiares de jogadores(as) com a realização de atividades do Charrua, encontrei algumas similaridades com a estrutura de um Clube se Beisebol descrita no trabalho de Rubio (2000), onde, nesse esporte também amador, o grupo investigado era gerenciado e mantido através da participação das famílias, comprometidas com a organização das equipes, arrecadação de fundos, preparação técnica, entre outros fatores. Salvo diferenças como uma maior flexibilidade em termos disciplinares e hierárquicos, e também de não ser um espaço onde a hereditariedade se faz importante; para o bom andamento das ações do Clube de *rugby*, a atuação das famílias especialmente na realização de torneios e viagens para disputas de campeonatos, pareceu fundamental, assim como no clube de Beisebol referido.

Um aspecto de destaque quando se trata da gestão do Charrua, é a existência de um regulamento, ou melhor, do Estatuto do Clube. Redigido por seus fundadores, dentre os quais encontrava-se um advogado, o Estatuto é

uma das principais formas de demonstrar o cuidado com a organização da gestão, o qual estabelece por exemplo, a forma como ocorrem as eleições para a diretoria - por meio da inscrição de Chapas, de modo que para participar das mesmas e da votação, basta ser sócio(a) há mais de três meses e estar em dia com as mensalidades⁷⁰.

É interessante observar que nas duas primeiras gestões não haviam representantes mulheres na diretoria do Clube, mas a partir de 2005, a diretora técnica e a secretária eram jogadoras da categoria feminina; na última eleição em 2007 novamente duas mulheres ocuparam cargos, respectivamente de secretária e vice-presidente. Essa representatividade feminina na gestão, por diversos fatores deteve minha atenção, ao pensar, por exemplo, na participação mais ampla das mulheres na liderança esportiva, este é um espaço de progressos lentos e local onde buscam-se constantes investimentos em termos de legitimação e uma pretensa (e quase utópica) equidade em termos de representatividade.

Sobre esta temática, Pfister (2003) ao analisar as “líderes femininas em organizações esportivas”, ressaltou que, apesar das conquistas das mulheres no universo esportivo, em se tratando de cargos dirigentes em instituições esportivas ainda há muito para ser modificado. Tomando como base os dados do Comitê Olímpico Internacional (COI), cita que esse se configurou como um “clube de homens”; e apenas na década de 90 propôs iniciativas para ampliar o número de mulheres em cargos de liderança no esporte. Em fatores numéricos, desde 1996 teria de ser aumentada a presença feminina em Comitês Nacionais, chegando a 10% em 2000 e 20% em 2002. Apesar das indicações, nem mesmo o COI conseguiu corresponder suas orientações “[...] em 2001, quando 10% dos membros deveriam ter sido mulheres, entre cento e vinte e seis membros do COI apenas onze eram mulheres⁷¹ (8,7%) (PFISTER, 2003, p.13)”.

⁷⁰ A cobrança de mensalidades dos praticantes é recente, um valor relativamente baixo, cerca de 10 a 15 reais mensais que são utilizados para compra de materiais básicos para o clube.

⁷¹ “Em 2002, cento e treze dos duzentos CONs alcançaram a meta imposta pelo COI, ou seja, as mulheres chegaram a 10% dos membros nos comitês deliberativos (MINISTERIUM FÜR

A pouca representatividade, e processo lento de mudanças nos cargos diretivos, é algo que pode ser percebido também no contexto brasileiro, onde, apesar de políticas para a diminuição das desigualdades de participação no campo esportivo, ainda há muito a ser realizado. Um exemplo positivo, foi a tentativa estipulada na proposta apresentada na II Conferência Nacional do Esporte – a qual estabeleceu um critério para as bases municipais e estaduais de participação mínima de 20% do sexo feminino para o exercício da gestão local do esporte⁷²; das 57 Confederações⁷³ apenas a de ginástica é presidida por uma mulher. A Associação Brasileira de *Rugby*, por exemplo, em seu quadro diretivo, possui apenas uma mulher participando como secretária⁷⁴. Quanto às Federações Estaduais, em pesquisa realizada por Gomes (2006), dentre as 584 existentes, apenas 38⁷⁵ possuíam mulheres nos cargos de presidente, ou seja, 6,5% do total. Especificamente no estado do Rio Grande do Sul, das 80 federações esportivas existentes, atualmente há apenas 4 presidentas nas modalidades: badminton, ginástica, jet-ski e patinagem (MAURMAN, 2007), números que expressam o quanto esse é um território ainda predominantemente masculino.

A partir desses breves recortes sobre as mulheres na gestão esportiva, detenho-me na situação encontrada no clube onde se deu esta investigação, especificamente ao visualizar aquela que é a categoria feminina e de menor número de integrantes do Charrua, questionei como se tramou o conjunto de fatores que possibilitaram a aquisição deste espaço, ou melhor, sobre como as praticantes conquistaram essa participação nas decisões do clube?

STÄDTEBAU 2003, 25). Ainda assim, as mudanças nos números não dizem nada a respeito de influência e poder. As mulheres, por exemplo, ainda são excluídas de participação em reuniões internacionais, como revelou Gunilla Lindberg, a única mulher no Conselho Executivo do COI, em um discurso no congresso anual do ANOC no Rio de Janeiro (2000) onde, dos quatrocentos delegados de cento e noventa e dois Comitês Nacionais, trezentos e noventa e dois eram homens e oito mulheres (LINDBERG 2003). (PFISTER, 2003, p.14)”.
⁷² GOMES, Euza; MOURÃO, Ludmila. As Mulheres na Gestão das Federações Esportivas no Brasil. Documento eletrônico, disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/5.pdf>
Acesso: 22/11/2007.

⁷³ 57 Confederações: 29 filiadas e 28 vinculadas. Listagem das confederações e presidentes disponível em: <http://www.cob.org.br> acesso em 12/01/2008.

⁷⁴ Fonte: <http://www.brasilrugby.com.br/diretoria.htm>, acesso em 15/12/2007.

⁷⁵ Sendo 18 de ginástica, 7 de desportos aquáticos, 03 de ciclismo, 03 de hipismo, 02 de *Badminton*, 02 de boxe, 02 de handebol, 01 de futebol.

Ao indagar as integrantes da equipe feminina sobre esta representatividade, entre diversos fatores destacados, enfatizaram a necessidade de constantemente participar das atividades extra-campo do clube, organizando viagens, terceiros tempos, campeonatos, por iniciativa própria ou atendendo ao chamado dos demais integrantes; ao que elas afirmam atender prontamente visando o bem da “família Charrua”:

A gente ajuda desde a juntar dinheiro, tudo assim, mas eu acho que pega bem a questão que o Charrua tem essa questão da família, que a gente pega isso que é o Charrua, e eu acho perfeita assim, essa participação, porque não é por que a gente não estava jogando que não vai valorizar o esporte dos guris. Eu acho as gurias super engajadas, sabe, porque se preocupam com o feminino, masculino, juvenil, se preocupam com os pais, documentos, eu acho que o grupo feminino, principalmente as mais antigas, é o que mais faz coisas dentro do Charrua na verdade. Porque cuida desde a parte burocrática, até.. bom é campeonato, jogo, o feminino tá em tudo, não tem nada que o feminino não esteja. Até nos trotes dos guris agente vai sempre, agente tem que doar até nossas roupas né! (Clarisse, 22 anos)

Relataram também, que o desenvolvimento e lugar de destaque adquirido pela categoria em seus quatro anos de existência, foram relevantes, para a sua valorização no clube, pois para os demais integrantes, isso foi visto como se realmente estivessem “levando o *rugby* a sério⁷⁶”. Nesta direção, as praticantes salientaram os resultados expressivos⁷⁷ conquistados nas diversas competições por elas disputadas, em comparação às demais categorias masculinas do clube, foram por diversas vezes superiores. Mesmo que a equipe feminina em diversas ocasiões se sobressaia perante as demais do

⁷⁶ Relato de conversa informal anotado em Diário de Campo – 17/06/2006.

⁷⁷ 2007 - Campeãs da Liga Sul e Taça Bronze Valentin Martinez; 2006 vice-campeãs da Liga Sul; 2005 - vice-campeãs do Circuito Brasileiro Feminino etapa Porto Alegre e vice-campeãs da Liga Sul; 2004 - Campeã da 4ª Copa Sul De Rugby.

clube, através da sua atuação ‘em campo’, creio que isso não significa possuírem uma valorização condizente em termos de eqüidade neste espaço.

Para ilustrar essa última afirmação, trago um exemplo que considerei marcante, ocorrido em detrimento do campeonato Liga Sul no último ano (2007). Neste evento, as equipes adultas feminina e masculina, estavam com chances de sagrarem-se campeãs, as mulheres após dois anos seguidos de vice campeonato, conseguiram vencer as partidas e ficar com o título, o time masculino obteve o vice campeonato. Objetivando a contextualização da situação vivenciada pela equipe naquele evento, é importante destacar que foi superada a dificuldade do time encontrar-se num estado de reestruturação, e mesmo assim, ter vencido sem contar com duas das suas principais jogadoras veteranas, pois conforme o relato: “num jogo com sete não contar com duas pesa bastante! (Olga, 29 anos)”. Nesta situação considerada não ideal, elas disputaram o campeonato e na partida final venceram suas maiores rivais na região sul, a equipe catarinense do Desterro, a qual era a atual bi-campeã.⁷⁸ Essa superação, comemorada com grande entusiasmo pelas mulheres, pareceu contrastar em relação à equipe masculina do lube, essa que, após um jogo também muito “duro” (assim os jogadores descreveram – Nota do D.C. 25/08/2007), acabou perdendo para o time masculino do mesmo Clube Desterro. Interessa particularmente constatar, que tal fato repercutiu tanto na contenção das comemorações na viagem⁷⁹ de retorno do campeonato, quanto na divulgação posterior dos resultados daquele evento.

Quanto ao primeiro ponto, a animação de terem sido campeãs foi contida pela tristeza com a derrota deles, algo para algumas jogadoras compreensível, mas, para outras incômodo:

⁷⁸ Derrotando o Charrua nos dois anos anteriores (2005/2006).

⁷⁹ É comum, após derrotas ou vitórias, que as viagens de retorno das competições sejam marcadas pelas brincadeiras, trotes, integração entre os membros dos times. Nesta ocasião específica, o abatimento da grande maioria dos presentes (tendo em vista a delegação masculina do clube era bem maior, pois os homens jogaram *rugby* 15, e na feminina eram apenas nove integrantes para jogar *seven*), acabou por ofuscar a alegria das mulheres ali presentes.

Eu acho que a gente apóia pra caramba eles, e a relação deles é bem menos assim. Eu fiquei muito chateada com o que aconteceu na liga, eles perderam, e eles achavam que iam ganhar, e a gente que achou que ia perder, ganhou. E a gente não veio fazendo festa porque os guris não se mobilizaram pra fazer festa com a gente, e eu fiquei extremamente chateada. Porque se fosse o contrário, se a gente tivesse perdido e eles não, a gente ia estar pulando com eles, curtindo pra caramba e eles não conseguiram botar a nossa vitória na frente da derrota deles e isso eu fiquei muito chateada, a gente fica super feliz quando eles ganham, faz um *auê* desgraçado, daí a gente que tem muito menos meninas sabe, que se quebra muito mais pra estar, poxa eles não conseguem nem torcer pela gente. Tinha lá no campo, tinha sabe, mas a maioria não estava nem aí entendeu? E isso me chateia muito, podia ter assim um pouco mais de querer assim, pelas gurias de estar junto. E porque não é fácil sabe, eu sinceramente acho pra eles muito mais fácil, eu acho muito egoísmo na verdade sabe, muito egoísmo da parte deles, eu acho que eles tinham que ver mais isso pra melhorar, porque no mais eles são muito queridos com a gente (Clarisse, 22 anos).

Sobre esta temática, foi interessante visitar o *site* do Clube nos dias seguintes ao campeonato, onde era destacado a seguinte notícia: “Charrua Feminino Campeão da liga sul 2007⁸⁰”, ao clicar neste título, cabe descrever o que foi visualizado: Uma imagem do jogo masculino, seguida da notícia da viagem, e de que o time feminino havia vencido e sagrado-se campeão, com o placar total de 5X0, num jogo emocionante, que ultrapassou o tempo permitido, num parágrafo com cinco linhas de descrições. Em seguida, apontavam que a equipe juvenil masculina mesmo perdendo, havia realizado um belo jogo; entre alguns elogios e palavras de incentivo (totalizando 2 linhas). A partir disso, começava uma descrição bem mais elaborada sobre a partida em que o time masculino foi derrotado (em cinco parágrafos totalizando 27 linhas!).

A partir desse fragmento, penso nessa pouca visibilidade das mulheres praticantes de *rugby*, mesmo obtendo resultados significativos e participação ativa no Clube em que jogam. Tanto a página virtual, como outros meios de divulgação do clube (jornais, cartazes, etc.), são produzidos por membros do time masculino, e a partir das minhas observações, identifiquei que esta não foi uma situação singular, visto que, as mulheres freqüentemente são menos visibilizadas nestes espaços. E esta é uma situação infelizmente ainda recorrente, quando se trata em termos comparativos a visibilidade de homens e

⁸⁰ Texto nos anexos.

mulheres esportistas, para não dizer ainda, das diferentes abordagens utilizadas, onde, geralmente valoriza-se a performance masculina, e, para as mulheres, outros atributos como beleza, vaidade, e sexualidade são colocados prioritariamente, afora seu desempenho (ROMERO, 2005; GOELLNER, 2006).

Uma situação semelhante, em se tratando da visibilidade das mulheres no esporte, foi trazida no trabalho de Figueira (2008), a qual narrou o episódio onde a mídia invisibilizou a conquista de um campeonato mundial pela *skatista* Karen Jones, enquanto noticiou as vitórias (em suas respectivas categorias), de outros competidores (homens) brasileiros no mesmo evento. Em contrapartida, ao anunciar para o site “*Skate para Meninas*” que havia sido vencedora, a atleta referida não deixou de citar os nomes dos outros brasileiros, assim como ela vitoriosos naquela competição. A partir desses apontamentos, a autora assinala ser a invisibilidade feminina na primeira manifestação midiática como a manutenção da representação do atleta de *skate* como sendo do sexo masculino. O silenciamento do expressivo resultado de Karen Jones, daria conta de reforçar: “[...] a permanência da norma desfavorecendo, de certo modo, o desenvolvimento do *skate* feminino no Brasil (FIGUEIRA, 2008, p.16) ”.

Em termos de visibilidade, ainda que em conversas informais, e por vezes nas suas falas durante as entrevistas, as jogadoras de *rugby* demonstrem-se incomodadas com as diferenças quanto ao seu espaço significativamente inferior em relação aos jogadores homens, não há uma movimentação no sentido de manifestar sua insatisfação e promover mudanças para uma maior visibilidade, reconhecimento e valorização nos locais onde o *rugby* é divulgado. Meu estranhamento por não perceber nas mulheres investigadas atitudes para ampliar seu espaço, se dá por justamente perceber o quão engajadas são nas atividades paralelas ao jogo, e relativas ao clube, e do lugar onde me situo, esperasse talvez atitudes como fizeram as mulheres Skatistas pesquisadas por Figueira (2008), as quais, vivenciando situações de

praticamente invisibilidade no universo esportivo no qual estavam inseridas, promoveram ações⁸¹ para questionar e modificar este quadro.

Contudo, as praticantes não deixam de prestar o referido apoio à “família Charrua”, e um dos pontos de destaque é a participação na organização de competições, como a etapa do Circuito Brasileiro de *Rugby* realizada em Porto Alegre, anualmente nas partidas pela Liga Sul, e desde o ano passado no Circuito Gaúcho de *Rugby*. Estas foram experiências consideradas também essenciais, para a valorização da presença feminina dentro do Clube, e sobre o campeonato estadual, é pertinente ressaltar que apesar de haver nove Clubes⁸² em atividade, não existem equipes femininas para competirem com a do Charrua, e essa situação leva as praticantes a tomar iniciativas - tanto para mudar esse quadro, quanto para legitimar a sua participação nesses eventos.

Em relação à ausência de outros times femininos no estado do Rio Grande do Sul, as mulheres desse Clube, ao mesmo tempo em que consideram este fato uma barreira limitativa para o desenvolvimento do esporte, e expõem seu descontentamento afirmando, por exemplo: “se treinamos é para jogar”. Pois, uma característica específica desta equipe, é de que, na rotina de treinamentos, realizam o jogo de forma fragmentada, atendo-se à jogadas ensaiadas, cobranças de faltas, ou então, jogam em áreas reduzidas, adaptações com regras diferenciadas, e assim, algo que se difere de uma partida convencional. Daí a importância dada ao fato de que “[...] jogar *rugby* de verdade, é outra coisa (Frida, 26 anos)”, sendo esse “verdadeiro *rugby*”, aquele vivenciado nos confrontos com outras adversárias.

Um momento memorável relativo a essa dificuldade de jogar, ocorreu no campeonato interno do Charrua, realizado na modalidade *seven*, no final de

⁸¹ Como encontros de mulheres skatistas, e, especificamente dois sites: www.skateparameninas.com.br e www.garotasnocomando.com.br; produzidos pelas próprias skatistas, locais onde abordam temas relativos ao universo do skate feminino (FIGUEIRA, 2008).

⁸² São elas: Charrua *Rugby* de POA (2 equipes), Farrapos *Rugby* de Bento Gonçalves, Lanceiros *Rugby* de Canoas, Minuano *Rugby* de Osório, Nóia *Rugby* de Novo Hamburgo, San Diego *Rugby* de POA, Santa Maria *Rugby* de Santa Maria, Serra *Rugby* de Caxias do Sul e o Guaíba *Rugby*.

2007. Havendo desistências de última hora, as jogadoras não conseguiram integrantes para montar dois times, e assim, tiveram sua participação restrita à arbitragem, venda de lanches e torcida. Porém, já uniformizada e disposta a entrar em campo, uma veterana integrou-se a um dos times infantis (com meninos de 10-12 anos de idade), disputando duas partidas do torneio. Após os jogos, conversamos informalmente, e ela declarou que não conseguiria passar a tarde apenas observando os jogos, elogiou a receptividade dos “meninos” que jogaram com ela, e reclamou que mais uma vez se sentiu frustrada pelo feminino não poder participar (NOTA do D. C. 15 /12/2007).

Tendo em vista as dificuldades descritas, as praticantes tratam de buscar outras possibilidades para manterem esse objetivo (de efetivamente jogar, competir), e nesse sentido, priorizam a participação em torneios interestaduais, e nos campeonatos em países vizinhos como o Uruguai⁸³. É pertinente destacar, que em relação às dificuldades de participação em torneios, por vezes chamam jogadoras de outras equipes para completar o time, e assim manterem o objetivo de jogar e ampliar suas experiências. Acontece também em situações particulares, de irem até as competições e não conseguindo completar seu quadro, destituírem o grupo e encaminharem as jogadoras do Charrua para defender outras equipes. Apesar desta não ser uma situação ideal, visto que gostariam de jogar efetivamente pelo seu Clube, por manterem o objetivo de jogar, as praticantes freqüentemente valorizam os aspectos positivos dessa participação:

Ah foi tri bom, aí é que tá, a gente em outro time é bem recebido de qualquer jeito, elas incentivaram, tinham me colocado de half scrum no início mas logo logo o treinador me jogou pra ponta, deu tranqüilo também. Fiquei jogando de ponta e *hooker*, daí eu voltei até lá as origens de *hooker*, mas até foi melhor jogar de *hooker* do que de *half scrum* porque o *scrum* tem que conhecer muito a tua linha, conhecer a velocidade dos jogadores, então como não era com aquele grupo que eu treinava, eu não sabia muito bem como elas procediam. Foi muito legal, porque depois dos jogos a gente trocou camisetas, elas me deram várias coisas do time delas, foi uma experiência bem

⁸³ Por exemplo, no torneio internacional Valentin Martinez, realizado em Montevideu e do qual participam anualmente, ficando em 2007 com a taça de bronze equivalente ao terceiro lugar na competição.

importante pra mim, tirei aquela coisa de achar que elas eram fechadas pro pessoal de fora. (Elis, 21 anos)

Quanto à preocupação de expandir o *rugby* feminino no Rio Grande do Sul, fazem jogos de exibição e organizam clínicas de *rugby* no interior para tornar a prática ao menos visível: “[...] queremos no mínimo mostrar que mulheres também podem jogar (Simone, 28 anos)”. Assim, ainda que não estejam em campo devido à falta de competidoras, as mulheres ‘Charruenses’ participam das competições estaduais organizando, preparando os terceiros tempos, arbitrando (como bandeirinhas, juízes de linha), e torcendo:

“[...] eu acho que o feminino está sempre envolvido, assim, elas são poucas, mas estão sempre envolvidas né, se não é jogando, é organizando alguma coisa, é fazendo cachorro quente, é arbitrando, tudo pelo clube assim a gente não deixa de participar (Frida, 26 anos)”.

Tamanho envolvimento desta categoria, contribuiu para o convite direcionado a algumas jogadoras para que integrassem a diretoria do clube, e desta forma, como já foi exposto, desde a gestão 2005-2007 duas integrantes do time feminino ocuparam cargos, em especial na última eleição 2007 - a importante vice-presidência do Charrua. Sobre essa representatividade, uma das ocupantes da diretoria teceu o seguinte comentário:

Eu não tinha esse contato, e eu me sentia triste, porque eu não tinha, eu via as outras meninas super envolvidas com os negócios do time e eu não tinha esse contato, então eu fiquei bem contente com o convite, e eu acho que todo mundo tem que ter pra entender realmente, tem que ter rotatividade, tem que todo mundo participar, porque a gente acha que fazer isso é normal, agente acha que fazer agora como foi a viagem, nem imaginam o *stress* generalizado, então, isso partiu do convite dele fazer parte da diretoria, mas eu acho que todo mundo tem que ajudar. A gente não faz idéia, não é só ir jogar, e é isso que diferencia um time de um clube, a gente não é só um time, um time vai, joga e pronto, mas a gente é um clube, a gente tem uma estrutura, tem pessoas que dependem também de toda equipe que está lá no clube e o clube não vai andar sozinho (Cecília, 22 anos).

Com isto, pode-se perceber que essa participação na diretoria, não foi uma questão de lutas das mulheres por espaço no clube, apesar do seu envolvimento em tarefas que extravasam as questões específicas do jogo, sua entrada neste território, partiu do convite dos membros que compunham a Chapa. Como no exemplo trazido anteriormente neste texto, o qual salientou que, a ampliação de espaços para as mulheres no judô foi construída através do interesse dos homens, e não por iniciativas ou organização específica das mulheres (MOURÃO e SOUZA, 2007).

Cabe ressaltar que na última eleição, o presidente eleito e um dos principais responsáveis por indicar as mulheres aos cargos, foi justamente aquele que até então era técnico da categoria feminina, retirando-se do cargo para se dedicar à gestão do clube, ou seja, uma pessoa muito próxima, que as conhecia bem, e talvez justamente por isso, tomou essa iniciativa. Desta forma, também não é possível afirmar que houve um consenso entre os integrantes do clube, no sentido de optar explicitamente por eleger as mulheres aos cargos, visto que, votaram na chapa e não individualmente nos membros(as) que a faziam parte daquela composição.

Por caminhos construídos (ou não) por essas mulheres, interessa observar que elas conseguiram ocupar essa posição, e desse lugar, afirmam buscar constantemente atender as necessidades do Clube, em especial nas iniciativas para o desenvolvimento do Charrua e do esporte e, aliado a isso, atender com especial atenção os interesses da sua categoria - a feminina - tanto nesse espaço na tomada de decisões, quanto no reconhecimento e valorização das ações do time feminino perante os demais:

Eu acho que é super importante assim, quando tem muitas pessoas querendo uma coisa nem sempre se acertam nas decisões. De repente a gente não conseguia sempre ter nossa opinião colocada pros guris, então essa coisa de estar engajada mesmo, falar e ter mais noção e ação [...] A gente fica sempre buscando o que fica bom pro clube e pro feminino também (Frida, 26 anos).

5.2 “Afiml queres ser Doutora ou jogadora de *rugby*⁸⁴?” Negociando a Permanência no esporte

A afirmação expressa no título desta sub-sessão, foi escolhida entre tantas outras como forma de explicitar alguns dos discursos que, mais cedo ou tarde, são colocados a essas mulheres praticantes de *rugby*. A questão sobre, afinal de contas “o que” querem ser, reflete a complexa e por vezes conflituosa relação, entre sua dedicação, permanência nesse esporte amador, em contraponto as outras atividades pessoais e profissionais que fazem parte das suas vidas. Afinal de contas, não são apenas jogadoras de *rugby*, são filhas, mães, namoradas, esposas, estudantes, profissionais, as quais negociam e significam esta atividade de formas muito particulares, e assim sendo, é fundamental a análise dessas particularidades para a pretensa compreensão das mesmas.

Parece-me inegável que a presença feminina nos esportes desde as suas manifestações iniciais, e continuamente através de diferentes épocas suscitou múltiplos discursos, em especial aqueles que davam conta de limitar, estabelecer o que seria adequado ou não, tendo em vista fatores biológicos, sociais e culturais. Atualmente, a aparente superação de determinadas barreiras, auxiliada tanto pelas descobertas científicas relacionadas ao corpo, quanto pelas mudanças obtidas pelas problematizações do movimento feminista na sociedade, por vezes mascara obstáculos que ainda persistem, nas palavras de Adelman:

Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos. A literatura internacional sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte assinalam tanto os avanços quanto os pontos de conflitos, antigos e novos [...] (2003, p.448).

⁸⁴ Recorte do depoimento de Olga, ao fazer referência à forma como sua mãe questiona a permanência da filha no *rugby*.

Marcadores essenciais, e que abrangem antigas e recentes discussões envolvendo as mulheres esportistas são as questões referentes ao corpo, gênero e sexualidade das mesmas, e já referidas neste texto, porém, cabe ressaltar que intrinsecamente relacionadas à essas discussões, estão também as distintas formas como significam sua prática, como lidam com suas atividades dentro e fora do universo esportivo, e negociam a continuidade do seu envolvimento com o esporte.

Como foi descrito no início deste capítulo, o clube de *rugby* onde foi realizada esta investigação é amador, mas altamente institucionalizado, com estatuto, cobrança de mensalidades, comissões, e nesse contexto, possui um caráter muitas vezes profissional, com uma lógica de rendimento - treinar para jogar, e ser competitivo para vencer. Neste ambiente também chamado de “família Charrua”, existem as praticantes que assumem esse lado mais competitivo do esporte, mas também, aquelas que o tomam como uma atividade de lazer. Com isso, levo em consideração, que neste grupo onde há diferenças desde as capacidades técnicas, praticantes que estão iniciando, aprendendo a jogar, outras que já possuem uma certa experiência, e ainda, veteranas com mais de três anos de *rugby*, e cujas atividades paralelas ao esporte são também diversas, sem dúvida, desta forma, existem inúmeras possibilidades de significação para a prática esportiva que realizam. Nesse sentido, na maioria dos relatos as jogadoras ao mesmo tempo, não estabeleceram: “o *rugby* para mim é isso”, enfocando apenas uma maneira de vivenciar esse esporte, manifestaram sim, o entrelaçamento contínuo das formas de significação, por vezes até mesmo contraditórias, expressadas em seus discursos.

Ao salientar a diversidade pela qual, as jogadoras vivenciam a experiência do *rugby*, afasto-me de uma abordagem que poderia acarretar tons de generalização, como se todas as jogadoras pesquisadas compartilhassem dos mesmos sentidos. A afirmação, por exemplo, de que este esporte representa um importante espaço de sociabilidade para as mulheres que o praticam, é condizente à realidade encontrada no clube e destacaria as

similaridades que com certeza existem e importam, porém, correria o risco de deixar uma impressão um tanto reducionista, tendo em vista a considerável heterogeneidade de compreensões, e significados do *rugby* para as suas praticantes.

Para algumas jogadoras, o *rugby* é o esporte de fim de semana, um lazer, como relataram: “[...] uma prática desestressante! Esqueço de tudo, adoro estar lá, gasto as energias, e posso até me machucar que saio feliz (Aída, 20 anos).” Idéia similar à de uma prática prazerosa, foi expressa por Clarisse, para a qual: “No *rugby*, a gente ta lá porque gosta, e se a gente gosta, a gente está lá pra se divertir, mesmo que tenha quem leve a sério, pra mim é uma coisa de prazer mesmo, gostar (Clarisse, 22 anos)”. Essa característica do esporte como forma de prazer, “aliviar o stress”, foi referida no trabalho de Stigger: “[...] no sentido do escape da vida cotidiana (2002, p.226)”, do qual destaco ainda, a idéia de que essa atividade não estaria apenas vinculada ao sentido de relaxar, descansar, mas de desfrutar momentos de “tensão agradável”, diferente das sensações vivenciadas no momento de cumprirem com suas obrigações cotidianas (ELIAS e DUNNING *apud* STIGGER, 2002).

Ao mesmo tempo em que o *rugby* é considerado uma atividade de lazer, e uma prática agradável para ocupar seu tempo disponível, outros aspectos também foram mencionados nos depoimentos, como por exemplo, o fato de que este esporte traz benefícios relativos à composição corporal das praticantes:

Meu corpo melhorou milhões, está um espetáculo! (risos) Apesar de que quando eu era mais nova, sempre ter feito algum esporte, assim, com certeza eu nunca tive um potencial cardiovascular tão bom, minha frequência cardíaca parece de uma atleta, então tu vê que poxa, um baita condicionamento físico, e em termos de musculatura física, eu não faço musculação, porque eu não tenho muito tempo na semana, eu tenho a faculdade, então o tempo que eu tenho, é no fim de semana e é todo do *rugby*. Pra te dizer assim, panturrilha, quadríceps é impressionante, tá muito torneadinho, durinho, deutóide, bíceps, tríceps, grande dorsal, a gente treinando muito fica um pouco mais *paletuda*, então sutiã tem que aumentar de número né, porque não serve mais, eu nunca fui uma pessoa pequena, mas no *rugby* eu cresci e te digo que gostei bem mais assim (Olga, 29 anos).

Essa idéia de um corpo melhor com devido à prática do *rugby*, quando evidenciada em alguns relatos, é mais um ponto significativo para observar como concomitantemente podem ter mais de um discurso, inclusive conflitante, pois com todas as vantagens mencionadas, essa mesma jogadora reclamou que devido ao *rugby*, já teve problemas para ir trabalhar com hematomas visíveis, inclusive com o olho roxo, o que chamou a atenção de seus superiores, e assim, foi repreendida:

“ [...] tenho essa dificuldade né, porque o teu chefe não quer saber se tu joga no fim de semana, só pensa o que as pessoas vão achar de ver uma louca trabalhando toda esfarrapada, não fica bem né. Prometi tomar mais cuidado (Olga, 29 anos).”

Um outro depoimento, envolvendo situação semelhante à de Olga, foi o de Isadora:

[...] O trabalho né. Porque a gente se machuca ‘as vezes, principalmente no início quando agente não tem muito a “manha”.E como é um esporte bem desconhecido,o que as pessoas sabem do “rugby”? “bah aquela pancadaria”, “futebol americano” sabe?...aí tu chega no trabalho com um pé torcido o que as pessoas falam? “Olha também o que é que tu joga!”..as vezes tem que faltar trabalhoe tudo. Horrível, foi quando eu cheguei com pontos na testa (risos), Mas acontece né, a gente acaba aprendendo a se preservar. Mas o pior no início foi o trabalho, com o meu chefe não teve muitos problemas, o pior é com as pessoas, por chegar em casa machucada,roxa,no verão a sainha e aquele roxo. O pior mesmo foi o trabalho, e todo mundo pergunta, o que te aconteceu? (Isadora, 26).

Esta preocupação, pelas “marcas” do *rugby* podendo causar aborrecimentos em seu trabalho, reflete a situação a qual a maioria das jogadoras investigadas vivencia, tendo em vista que, se ocupam com os estudos, emprego, e citam que esses são prioridades em suas rotinas. Portanto, o *rugby* teria um lugar secundário, conforme apontado neste outro depoimento:

[...] É o mesmo que agora assim, o *rugby* não é a prioridade na minha vida, eu estou mais preocupada em acabar a faculdade, começar uma carreira, então não é como quando eu tava no colégio e jogar

vôlei era a minha vida, e eu fazia qualquer coisa, matava aula assim pra jogar vôlei. Eu tenho outras prioridades, então o *rugby* agora eu tenho que dar o tempo que tenho pra ele, pelo prazer, pela coisa boa que sinto, sem me cobrar demais (Cecília, 22 anos).

Por outro lado, há aquelas que mesmo possuindo atividades similares à esses últimos relatos, parecem compreender o *rugby* como um lazer levado a sério, de forma que, além suas tarefas cotidianas, preocupam-se em melhorar sua performance e otimizar seu desempenho em campo, com atividades complementares como musculação, corridas, entre outras:

A minha rotina de treinamentos acontece um pouco por minha conta, como eu tenho faculdade de noite, consigo só treinar mesmo com o pessoal no sábado, então eu faço academia, eu faço treino físico na academia, força também duas vezes por semana bem focado no *rugby*, bem pensando nisso e daí nos sábados é que eu treino, que eu me puxo mesmo pra render (Aída, 20 anos).

No conjunto de praticantes que se aproximam desse caráter competitivo, de rendimento do *rugby*, no sentido de treinar ativamente dentro e fora do clube, há aquelas que buscam ainda, atividades orientadas por profissionais especializados, como nutricionista, fisioterapeuta, *personal trainer*, numa dedicação ao esporte que reflete-se inclusive por convocações para a Seleção Brasileira de *Rugby*. Neste ponto, uma das integrantes do Charrua, chegou até mesmo a disputar competições internacionais, e assim, foi contemplada com uma bolsa atleta⁸⁵. Atualmente, sete jogadoras do Charrua preparam-se para

⁸⁵Auxílio do Governo Federal : Bolsa-Atleta Categoria Internacional - Valor mensal: R\$ 1.500,00 Pré-Requisitos: Maior de 14 anos; estar vinculado a uma entidade de prática desportiva (clube); - Não possuir qualquer tipo de patrocínio, entendido como tal a percepção de valor pecuniário, eventual ou permanente, resultante de contrapartida em propaganda; não receber salário de entidade de prática desportiva (clube); ter filiação à Entidade de Administração de sua modalidade, tanto em nível Estadual (Federação) como Nacional (Confederação Nacional); ter participado de competição no ano imediatamente anterior àquele em que está pleiteando a bolsa, tendo obtido a seguinte classificação: a. De 1º a 3º lugar em Campeonato ou Jogos Sul-Americano, Campeonato ou Jogos Pan-Americano e Parapan-Americano ou Campeonato ou Jogos Mundiais de sua modalidade. Fonte: <http://www.fexpar.esp.br/Noticias/bolsaatleta/prerequisitos.htm>; acesso em fev.2008.

uma viagem para um torneio na Europa⁸⁶ com a Seleção Brasileira, onde pela primeira vez, disputarão partidas na modalidade 15 a *side*. Também planejam disputar um torneio de *seven*, para o qual irão fragmentar a seleção em três equipes, e contarão com a integração de uma ex-jogadora do Charrua que hoje reside na Europa e joga numa equipe Irlandesa. Com isso, além da experiência que irão adquirir, pretendem levar também o nome do clube Charrua, e conforme relataram (em emails coletivos), acreditam que farão contatos importantes para propor iniciativas de desenvolvimento do *rugby* feminino em contexto regional e nacional. Mesmo com essa posição de destaque obtida na Seleção nacional, com a participação na viagem referida, as praticantes estão enfrentando dificuldades, os custos com passagens, por exemplo, serão parcialmente bancados pela Confederação Internacional (IRB), e desta forma, as jogadoras precisarão investir, elas próprias, para garantir a estada neste torneio.

Se ao integrarem a Seleção Nacional, as praticantes enfrentam dificuldades, como a financeira, voltando à realidade da prática no clube, há diversos fatores considerados “problemas”, para a permanência no *rugby*. Foram levantados no decorrer das entrevistas, questões como a já mencionada, preocupação pelas marcas visíveis do *rugby* em seus corpos, especialmente com relação à compreensão (ou não) das pessoas com as quais atuam no campo da sua atuação profissional fora do esporte. Acompanhando essas idéias, as famílias freqüentemente se preocupam com tais marcas, produzidas pelos “perigos deste esporte”, e assim, nem sempre apóiam a prática do *rugby*. Para complementar tal afirmação, trago os seguintes recortes de falas das praticantes:

Ah eu acho que foi um castigo pra minha mãe, porque ela não gostava do futebol, quando ela viu o *rugby*... nossa, ela queria surtar. Parece que foi um castigo mesmo. Primeiro, ela nem sabia o que era, até que ela veio a descobrir, aí surtou! E foi então que meu pai falou

⁸⁶ Conforme a programação divulgada pela Associação Brasileira de Rugby – (em emails coletivos repassados aos clubes), as brasileiras viajarão para a Holanda durante a segunda quinzena do mês de maio e início de junho, farão jogos contra a equipe nacional da Holanda, contra Clubes locais ainda não definidos, e Seleções de outros países também a confirmar.

eu joguei isso no exército... É, no exército era bolão sei lá do que chamavam, aí tá tranquilo, depois que ela começou a conhecer o pessoal, e ver que a galera era do bem, tinha boas intenções sabe, então se acalmou mais. Mas ela surta né, com as roupas sujas, é, roupa suja, carro sujo, tudo sujo, aí ela diz tu vai limpar! E sempre me pergunta como foram os jogos, mas não quer assistir mais não (Elis, 21 anos).

[...] Na minha família foi assim, os homens da família são gente bem “gaudéria”, eu acho que sabem mais ou menos o que é o *rugby*, mas acham um absurdo. Mas eu não perco muito meu tempo com isso. Minha mãe ela apóia, ela ajuda, ela às vezes fala: “ai que grosseria, que horror”, não sei o que... Mas ela às vezes não quer assistir jogo, porque ela não quer nem ver. Mas ela apóia do jeito dela assim, ela apóia bastante. É que ela tem medo que eu me machuque, mas eu sempre a convido pra ver, o masculino, os jogos, mas ela nunca quer. Não sei por que, eu acho que ela tem medo. Bom, mas ela apóia do jeito dela, eu acho que ela gosta, porque é minha única atividade fora da faculdade, então assim, eu acho que ela nem hesita, em querer ficar contra, até porque ela sabe que não vai dar. Não existe essa possibilidade, eu não sou mais criança também. (Olga, 29 anos)

Assim, eu moro com a minha mãe né, e ela não se estressou muito porque eu já tinha feito arte marcial, então eu já tinha chegado em casa muito roxa, esfolada e arrebitada sabe, e ela disse “bom, tu sabe o que tá fazendo”, tranquilo né. Minha vó, minha mãe e meu primo foram uma vez ver um treino lá, eu levei eles, ficaram vendo um pouquinho, pena que não teve *touch* nem nada, foi só físico. Mas foram e ela sabe que eu gosto pra caramba, e não digo que ela apóia nem desapoia, mas ela fica feliz quando eu comento alguma coisa, e principalmente quando não chego machucada. E o meu pai, ele me ajuda mais na questão financeira né, então eu não conto muito com o apoio dele, ele nunca me disse pra não fazer, apesar que uma vez logo que eu comentei com ele, se ele conhecia o “*rugby*” no carro dele, ele falou que, não me lembro as palavras agora, mas como se fosse um jogo de [...] só mais idiota que *rugby* era beisebol. Mas ele não sabia que eu estava fazendo, eu perguntei se ele conhecia, fazia umas 3 semanas que eu estava, e daí eu falei pra ele depois que ele falou isso “ah, porque eu to fazendo”... Mas depois ele não fez nenhum comentário ruim, nem falou mais nada (Clarisse, 22 anos).

A minha mãe incomoda assim desde a coisa de ir treinar na Redenção à noite, eu já disse que os guris vão junto, mas ela sempre me fala dos perigos, isso e aquilo. Também acho perigoso, já fiquei com medo quando cheguei lá sozinha, mas depois que agente tá lá jogando vê que é tranquilo [...]. Ela (a mãe) assistiu uma vez só um jogo dos guris, ficou apavorada e me disse: “é isso que tu faz?”. Aí eu expliquei que era diferente, mais leve e tal, mas acho que ela não confiou muito (risos), e sempre diz pra eu me cuidar, sei que não gosta que eu jogue, mas também ela sabe que eu vou do mesmo jeito (Fida, 26 anos).

Contudo, há também famílias que conscientes do que se trata a prática, seguem apoiando as jogadoras, como no caso da de Cecília:

Tipo, quando eu comecei a jogar o *rugby*, a minha mãe, ela tinha um pouco de receio, minha irmã, ela não gostava. Meus pais, a minha mãe eu acho que leva numa boa, mas, não é que ela goste de verdade. Meu pai foi naquele Campeonato Brasileiro, primeiro que ele viu até... E, na época, até estavam os treinadores uruguaios, e eles estavam falando tri bem da nossa equipe, até do *rugby* da nossa equipe, então ele falou assim: “elas jogam de verdade então o negócio”. Meus pais assim, eles entendiam o negócio do *rugby*, apesar de não ser um esporte feminino na cultura deles. Eles sabiam que se tratava de um esporte de contato e tudo, então, quando eu falei, minha mãe foi a que ficou mais receosa... Mas logo depois dos primeiros jogos, do campeonato que a gente organizou aqui, eles foram lá e já viram, as pessoas iam lá falar com eles então disso tudo eles gostaram. E agora eles acompanham sempre que tem a oportunidade eles acompanham, acho que se preocupam ainda, mas eles olham, então hoje eles já sabem de *rugby* direitinho assim (Cecília, 22 anos).

Nos relatos aqui reproduzidos, e nas observações decorrentes do trabalho de campo, encontrei similaridades com a descrição realizada por Rial (1998), a qual citou a ativa participação da família, para, por exemplo, levantar fundos para financiar a equipe de *rugby* por ela investigada, mas por outro lado, a complexa relação de famílias que resistem à prática deste esporte por seus filhos:

[...] muitos dos pais, porém, se opõem a que seus filhos pratiquem esse esporte, sem contudo impedi-los. De fato o público dos jogos divide-se entre os torcedores (os amigos e familiares que estão ali para incentivar) e os familiares, que vão a campo para certificarem-se de que os filhos terminarão o jogo com saúde e inteiros ou, como me disse o pai de M., atleta do Desterro, “nós viemos porque ele pode precisar (que o leve a um hospital), nem sempre há uma ambulância presente, por mim, M. nunca praticaria isso, não é esporte, é pura violência (RIAL, 1998, p.238)”.

Através da exposição das atitudes da torcida, e, em especial de algumas famílias durante os jogos, a autora enfatizou a preocupação, a tensão

provocada ao assistirem as partidas, e constatou: “[...] É claro que eles não estavam ali para ver o jogo e muito menos para torcer; aliás, o único momento de alegria foi no fim da partida: M. tinha sobrevivido ileso a mais uma prova (RIAL, 1998, p.239).

Em artigo onde analisou a prática feminina do vôlei e do hipismo clássico, em relação às corporalidades e subjetividades das atletas, Adelman (2006), referiu-se às expressões dos familiares para estimular a participação no universo esportivo, especialmente no caso das jogadoras de vôlei. Em contrapartida, citou a influência dos familiares em termos limitativos, desaconselhando a adesão no esporte, especificamente no caso das amazonas, ao alertarem sobre os riscos da prática: “[...] Falei para meus pais que estava a fim de entrar na Hípica para aprender a montar e eles disseram que não, que é muito perigoso, para menina não! (2006, p. 18)”.

No contexto do Charrua, algumas famílias também participam, auxiliam, e em contrapartida, outras desaprovam e recusam-se a assistir suas filhas, em campo, como afirmam os relatos aqui destacados. Esse último posicionamento, se não dá conta de limitar, por vezes interfere direta ou indiretamente na forma pela qual as jogadoras continuam envolvidas com a prática do *rugby*. Além das preocupações com os riscos gerados pelos contatos físicos do jogo, e os subseqüentes sinais visibilizados pelos ferimentos, hematomas nos corpos, outros fatores são considerados relevantes para as críticas à esse esporte.

Um exemplo já citado, são os conflitos ocasionados quando as praticantes são questionadas quanto às prioridades em suas vidas, como as carreiras, trabalho, estudos, e a dedicação ao *rugby*, para tanto, são colocados por outras justificativas além dos elementos corpóreos ocasionados pelo jogo em si. Por ser uma prática amadora, onde trabalham voluntariamente para a manutenção do clube, e freqüentemente, arcam com os custos, esse é também um argumento levado em consideração pelas pessoas que observam de fora, este universo. Questionamentos comuns, advindos dos familiares abordavam falas como: Onde o *rugby* vai te levar? Vais sobreviver jogando *rugby*?

Prejudicará tua carreira por aparecer com um olho roxo no trabalho? Sendo esta mais uma barreira referenciada pelas entrevistadas, e em relação a isso, a trajetória de uma praticante que após jogar *rugby*, durante um breve afastamento, dedicou-se por este período à outra modalidade esportiva – com rendimentos financeiros – e depois, voltou para o Charrua, trouxe através de sua narrativa, uma contribuição importante para compreensão desta realidade enfrentada pelas jogadoras:

Eu acho que precisa de incentivo, patrocínio, claro que qualquer esporte se desenvolve com o esforço das gurias né, mas eu acho que tendo um incentivo externo é muito melhor né, tanto que no início do ano, agora, eu troquei pela corrida porque na corrida eu desenvolvi muito mais rápido do que eu tinha desenvolvido em todos esses anos de *rugby*, Como é que eu vou dizer, eu comecei a correr competindo em janeiro e aí participei de uma competição e daí em duas do início do ano eu já ganhei dinheiro, eu já ganhei patrocínio, eu já ganhei roupa, eu já comecei a ganhar coisas. Assim é que tu te empolga né, estou ganhando coisas... Só que eu comecei a enjoar, como é que eu vou dizer, enjoa de uma parte de pressão, psicológica, ah o meu treinador me ligava toda vez que eu faltava, tinha que estar sempre baixando o tempo, qualquer corrida que eu fizesse um tempinho a mais já rolava um stress, e no *rugby* não, porque é um coletivo né. Não é tão pessoal, claro que a responsabilidade é diferente, porque tu está trabalhando com outras pessoas, tu não ta trabalhando sozinha, mas é muito mais agradável de trabalhar do que essa pressão, é diferente. A vantagem maior que tinha era o lado financeiro de até viajar com tudo pago, e no *rugby* a gente sempre tem que ficar correndo atrás de tudo (Elis, 21 anos).

Essa relação aos aspectos financeiros, afora as cobranças familiares, fica evidenciada quando, por exemplo, se torna um fator que dificulta a participação de algumas jogadoras em competições, ou ainda para integrarem-se nos treinamentos da Seleção Brasileira. Tendo em vista que, aquelas interessadas em jogar, pagam por todos os custos com passagem e hospedagem, para participar das seletivas. Por mais que promovam iniciativas para diminuir os gastos (fazem rifas, jantares, vendem lanches, etc), nem sempre as jogadoras conseguem garantir a participação de todas, e isso, por vezes acarreta sentimentos de frustração por não conseguir viajar pelo clube, participar das seletivas da Seleção, etc. Tal aspecto foi apontado por algumas integrantes como uma das causas por haver uma visível rotatividade no grupo:

Por mais que a gente cuida para receber bem as novatas, a gente sabe que é bem complicado mesmo, só de aprender a jogar já é difícil, e tem ainda várias coisas que dificultam no começo assim, e depois. É difícil ficar assim, sempre gastando, nem todo mundo pode, as gurias pagam faculdade, tem outras coisas também, então a gente cuida para ajudar umas as outras sempre que dá (Simone, 28 anos).

[...] Mudou muito o time assim, olha todo ano o time está diferente, o ano que eu entrei era um espírito, o ano seguinte foi outro, e ah não tem definição muita sabe, agora tudo que é guria nova que entra ela entra com um espírito diferente sabe, ela dá um impulso assim pro time, porque ela entra empolgada. Só que o problema é que cada ano entra uma guria nova e elas saem, tipo elas não permanecem, e isso pode ser uma dificuldade do time também, elas entram mas não permanecem. Elas entram se empolgam só que no momento que elas começam a ter dificuldades, não só para jogar, mas com coisas de fora, gastos, compromissos, elas param (Aída, 20 anos).

Quanto à esse movimento de jogadoras entrando e saindo no grupo, o que me parecia um problema, uma dificuldade para que a equipe se consolidasse, foi relativizado quando uma das entrevistadas citou, haver inclusive, o lado positivo desta circulação de praticantes na equipe. Pois, valorizou o fato de as novas jogadoras em pouco tempo serem já incluídas nos jogos, competições, visto como uma vantagem, no sentido de não haver uma disputa por posições como em outras épocas.

Eu acho isso uma dificuldade de equipe de aprimorar o “rugby”, que equipe tem né, mas eu acho pena não ter mais meninas, mas é que isso, me leva umas questão assim, tá, mas e se tiver mais meninas? Que bom se tivesse pra fazer dois times, porque pra fazer um, se for pra ficar com 4 reservas também é complicado de administrar, entende? Porque daí às vezes não vai ser possível, porque a gente jogou, imagina, 6 vezes esse ano por sorte ainda. Às vezes, pode nem todo mundo entrar, e aí onde é que está a tua motivação de treinar o ano todo pra jogar 5 partidas no final do ano? E se tu não entrar? Ou entra 1 minuto, entendeu? Aí eu acho bem complicado, então não sei, se eu vejo isso assim como só negativo, a rotatividade, ou a falta de mais gurias no grupo, assim é meio ambivalente (Clarisse, 22 anos).

Ao manifestar a diversidade de formas pelas quais as mulheres pesquisadas experienciam a prática do *rugby*, me inspirei em outras pesquisadoras dentre as quais destaco Adelman (2003), a qual analisou as particularidades de amazonas e jogadoras de vôlei, Figueira (2008), ao pesquisar a resistência e busca de visibilidade das skatistas, e ainda Hargreaves (2000), que em seu livro onde retratou a heterogeneidade das experiências femininas nos esportes. Isso, aliado às outras referências trazidas ao longo deste texto, permitiu-me ampliar meu olhar para as formas pelas quais, em meio a disputas, conflitos e muita negociação, as praticantes de *rugby* decidem o que querem ser, como devem ser, e até quando permanecerão neste esporte. Para finalizar, trago a síntese altamente afetiva de Olga⁸⁷, sobre o que o *rugby* representa em sua vida:

Ah, o *rugby* me trouxe muitas coisas boas, eu achava que depois que eu entrasse na faculdade, pronto realizei meu sonho. Não, a gente continua tendo sonhos, e o fato de que eu vivo no Charrua a cada treino, não só nos treinos, mas agente faz parte dessa família mesmo estando fora, estando longe. Eu amo jogar *rugby*, não me importo se os outros vão aprovar ou não. Eu ganhei do Charrua amigas pra sempre, amigos meninos também, verdadeiros pra sempre também. Eu até comecei a namorar, coisa que eu achei que não ia fazer com ninguém assim dentro do esporte [...]. E que mais que eu posso dizer, o Charrua é minha razão de continuar, o Charrua me ajuda a ter disciplina, o Charrua me ensinou a ser uma pessoa melhor em todos os aspectos. E eu achava que coisas que na faculdade, que a minha profissão poderia me trazer... Quem diria! Foi o charrua que me trouxe, e é isso, não tá morto quem peleia! (Olga, 29 anos)

Tal relato é exemplar, tendo em vista algumas das principais argumentações discorridas ao longo deste capítulo. Pois, reflete em parte as diversas significações, as quais permeiam a prática desenvolvida no contexto investigado, e que vão além das especificidades esportivas. Desta forma refere-se, ao pertencimento à família Charrua, aos vínculos afetivos estabelecidos no Clube, a insistência em permanecer no esporte, mesmo que “os outros desaprovem”, e por fim, a representação dessa constante identificação e negociação, expressa na frase “não ta morto quem peleia”.

⁸⁷ Tamanha é sua paixão pelo *rugby* e pelo clube, que ao prestar o depoimento, aqui transcrito, emocionou-se e não conteve as lágrimas.

Considerações finais: para prosseguir...

Para tecer as considerações finais sobre essa pesquisa, procurei brevemente olhar para trás, rememorar os passos, e desta forma, busquei refletir sobre, como no percurso de pouco mais de dois anos nesse fazer investigativo, passei por um conjunto de experiências as quais foram fundamentais para constituir-me enquanto pesquisadora. Nesse sentido, valorizo o quanto o trabalho de campo, as disciplinas, eventos, discussões e aproximações teóricas, possibilitaram a desconstrução e ressignificação de algumas “verdades” que trazia comigo, e as novas possibilidades com as quais me deparei no decorrer deste processo, e carrego hoje, ao olhar, perceber, questionar.

Posso afirmar atualmente, que o *rugby* deixou também em mim suas ‘marcas’, quando, por exemplo, sou questionada e explico as particularidades deste esporte para pessoas que o desconhecem, identifico o quanto minha fala advém não apenas do lugar de pesquisadora, mas de alguém que aprendeu, e por muitas vezes se deixou contagiar pela motivação do grupo de mulheres do Charrua. Uma investigadora que fez parte desta “família”, um envolvimento levado ao ponto de sentir a tensão, preocupação e entusiasmo ao acompanhar os jogos, orgulhar-me em vestir a camisa do clube, e emocionar-se com as vitórias e derrotas daquela equipe feminina.

Ao investigar as mulheres do clube Charrua, considerei este espaço um local privilegiado para buscar elementos representativos da prática desse esporte, compreendido enquanto um território fértil, para a observação dos discursos e representações envolvendo as jogadoras que se inserem, produzem-se e são produzidas, legitimam espaços no Clube, e buscam permanecer nesta prática.

A partir do trabalho de campo realizado, das observações, entrevistas e interpretações, pude identificar os processos através dos quais estas mulheres envolvidas com o *rugby*, constituem-se, aprendendo não apenas as características técnicas desse esporte, mas também a variedade de sentidos em circulação naquele universo. O disciplinamento dos corpos das praticantes através dos treinamentos, a preparação para os jogos, para os confrontos no sentido de serem um combate, e para tanto, a força necessária exigida; a qual era materializada através de discursos envolvendo a bravura, a peleia, o sangue nos olhos dessas jogadoras. Tais fatores, foram considerados como fundamentais em se tratando das formas de como “ser” uma jogadora, e ao se apresentarem acabaram por subverter visivelmente determinados padrões hegemônicos de feminilidades, principalmente ao constatar que essas mulheres assumiam para si, as vantagens de serem viris, de resistir à dor, intimidar as adversárias, elementos em nosso contexto cultural amplamente vinculados ao exercício das masculinidades.

Em função deste discurso de masculinização envolvendo a prática do *rugby*, as praticantes em contrapartida sentiam a necessidade de reafirmar sua posição numa identidade de gênero feminina, a qual estaria imbricada à orientação de seu desejo sexual – heterossexual. Tendo em vista que “jogam *rugby*, mas gostam de homens”, creio terem necessitado esse tipo de afirmação para se posicionarem como mulheres dentro das expectativas normatizantes, ou seja, como femininas e heterossexuais.

Apesar das mulheres pesquisadas possuírem inúmeras diferenças entre si, são também muitas as similaridades que as aproximam, a principal delas, compartilham de uma identidade coletiva e de um pertencimento, ao qual denominam família Charrua. Nessa família onde a maioria dos membros são homens, ao trabalharem de forma voluntária nas diversas situações exigidas, as jogadoras atuam na tomada de iniciativas para o bom andamento das atividades do clube, e ainda buscam legitimar seu espaço para tomada de decisões do mesmo. Mesmo com uma participação destacada, tanto na organização como na atuação efetiva, no *rugby*, sua posição é garantida mais

pelo acesso permitido através do convite dos homens, do que por iniciativas de mudanças tomadas por elas, uma característica percebida em várias outras práticas esportivas, onde houve uma inserção lenta e gradual das mulheres nas áreas de reserva masculina.

Além de trabalhar pelo clube, as mulheres do Charrua buscam constantemente garantir sua permanência no esporte. Negociam com suas famílias, profissões, estudos, seu tempo e forma de dedicação ao *rugby*. Jogam de forma não remunerada, apenas acompanham e auxiliam sem jogar efetivamente as etapas do campeonato estadual por não existirem outras equipes femininas competindo no Rio Grande do Sul, deparam-se com a freqüente rotatividade de jogadoras, dificuldades comuns num esporte amador o qual praticam, com isto, pode constatar que além da chamada “peleia do jogo”, lutam continuamente e em diversos níveis para que o *rugby* não saia da suas vidas.

Através desta investigação, foi possível visualizar a multiplicidade de experiências e sentidos vivenciados pelas mulheres praticantes de *rugby*. As quais, por vezes resistem, transgridem a determinados discursos que as interpelam, e, ao mesmo tempo, podem ser disciplinadas, docilizadas e assim, aceitar algumas das normatizações impostas ao se dedicarem à este esporte.

Contudo, procurei nessas páginas expor a forma através da qual olhei e interpretei as praticantes de *rugby*: guerreiras, fortes, doces, disciplinadas, questionadoras, atuantes, ou seja, envoltas numa diversidade de sentidos cambiantes e que chegam a ser em muitos momentos contraditórios. Em suas vivências, suas bagagens, experiências singulares, essas mulheres aproximam-se por realizar a mesma prática, no mesmo lugar- o *rugby* no clube Charrua, e assim, estabelecem vínculos de amizade, companheirismo, socialização.

Por fim creio que, através desta pesquisa além analisar as questões referentes às representações de corpo, gênero e sexualidade em circulação

nesse esporte, pude conferir visibilidade às mulheres que praticam o *rugby*. Foi possível observar discursos carregados de justificativas, biológicas e sociais, sobre como essas mulheres devem ser e o que podem ou não fazer, os quais, teorias pós críticas dos estudos feministas e de gênero me instigam a desconstruir e ressignificar. Saio do *rugby* como pesquisadora, mas este continuará em minha vida, como uma expectadora e admiradora dessas mulheres que não se deixam abater, e permanecem se esforçando continuamente para manterem-se neste esporte, afinal de contas incorporam o grito de guerra de seu Clube, qual seja: Não tá morto quem peleia!

Referências

ADELMAN, Mirian. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.11, n.02, jul/dez 2003.

_____. Mulheres no Esporte: corporalidades e subjetividades. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n.01, p.11-30, jan/abr 2006.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.21, n.01. p. 71-96, Junho 1996.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CHASE, Laura. (Un)Disciplined Bodies: A Foucauldian Analysis of Women's Rugby. *Sociology of Sport Journal*, n. 23, p.229-247, 2006.

CHIÉS, Paula. "Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!" A História das Mulheres nos Jogos Gregos. *Revista Movimento*, Porto Alegre v.12, n.03 p. 99-121, set/dez 2006.

DEVIDE, Fabiano; VOTRE, Sebastião. Doping e mulheres nos esportes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 123-138, set. 2005.

DUNNING, Eric. and SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players: A Sociological Study of the Development of Rugby Football*. Oxford: Martin Robertson, 1979.

FIGUEIRA, Márcia. *Skate Para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção*. Tese de Doutorado em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – PPGCMH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, 2008.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *História da Sexualidade - O Uso Dos Prazeres V.II*, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOELLNER, Silvana; FRAGA, Alex. Antinüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.09, n.03, p.59-82, set/dez 2003.

_____. Entre o Sexo, a Beleza e a Saúde: o Esporte e a Cultura Fitness. *Labrys: Estudos Feministas*. V.10, p.12, jun/dez 2006.

GOMES, Euza. *A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas*. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, UGF, Brasil, 2006.

HARGREAVES, Jennifer. *Sporting Females: critical issues in the history and sociology of women's sports*. London : Routledge, 1997.

_____. *Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity*. London and New York: Routledge, 2000.

HORCAJO, Montserrat. Contribución del feminismo de la diferencia sexual a los análisis de género en el deporte. *Revista internacional de sociología (ris)* v. XIV, n.44, p.111-131, mai/ago, 2006.

JAEGER, Angelita. Quando o Músculo Entra em Cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, Silvana; JAEGER, Angelita. (Org.). *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. 1 ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, v. 01, p.133 -148, 2007.

KNIJINIK, Jorge. *A Mulher Brasileira e o Esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LESSA, Patricia; OSHITA, Taís. A representação social da atleta e dos esportes sob o olhar lesbiano. *Revista Ártemis*, Paraíba, v. 4, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

LUZ, Agripino. *Educação Física e Gênero: Olhares em Cena*. Editora Universitária, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2003.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós - estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. Corpo, Escola e Identidade. *Educação e Realidade*, v.25, n.02, jul-dez.2000.

_____ Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (org). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Editora 34, v.1, p.225-242, 2002.

_____ Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ASELMAN, M; SILVESTRIN, C. (Orgs). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Editora UFPR. p. 11-22, 2002(b).

_____ Conhecer, pesquisar escrever. Texto apresentado na V *Anped Sul*, Curitiba, 2004.

_____. *Um corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTÍN, Montse. Los orígenes del rugby femenino en Inglaterra. *APUNTS: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.66, p.82-85, 2001.

MAURMAN, Anna. *Mulheres Gestoras em Federações Esportivas no Rio Grande do Sul*. Monografia de Conclusão de curso. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2007.

MEYER, Dagmar. Das (im)possibilidades de se ver como Anjo. In: Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. (Org.). *Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. 01, p. 51-70, 2002.

_____. Gênero e saúde: indagações a partir do pós estruturalismo e dos Estudos Culturais em educação. *Revista de Ciências da Saúde*, Florianópolis, v.17, n. 1, p. 13-32, jan/jun 1998.

_____. Gênero e Educação: teoria e Política. *Corpo Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, p. 09 - 27. 2003.

MINAYO, Maria. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo : Hucitec, 2002.

MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades física e esportivas. *Mulher e Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole. p. 123 -153, 2003.

_____; SOUZA, Gabriela. Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In: GOELLNER, Silvana; JAEGER, Angelita Alice. (Org.). *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 01, p. 103-118, 2007.

NEVES, Vasco. *A mulher no desporto do homem: rãguebi, o epicentro da hegemonia masculina no desporto*. Anais: II Congresso Internacional Mulheres, desporto: agir para a mudança. Porto- Portugal, 2003.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC/CCH/CCE, v.08, n.02, p. 09-41, 2000.

NUNES, Cláudio; GOELLNER, Silvana. O espetáculo do ringue: o esporte e a potencialização de eficientes corporais. In: Edvaldo Couto; Silvana Vilodre Goellner. (Org.). *Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, p. 55-72, 2007.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. *Revista Movimento*, v.09, n.02, p.11-35, mai/ago 2003.

PSCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do Gênero e Feminismo. In: COSTA, C. de L. & SHMIDT, S. P. (Orgs) *Poéticas e Políticas feministas*. Santa Catarina: Ed. Mulheres. 2004.

RIAL, Carmen. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: Pedro, Joana; Grossi, Míriam. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. 1 ed. Florianópolis: Mulheres, p. 229-258, 1998.

ROMERO, Elaine. A educação física a serviço da ideologia sexista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Paulo v.15, n.03, p.226-234, jun 1994.

_____. E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento e a imprensa esportiva. *Labrys. Études féministes / Estudos feministas*, Brasília, v. 8, p. 1-29, 2005.

ROSEMBERG, Fulvia. A educação física, os esportes e as mulheres : balanço da bibliografia brasileira. In: Corpo, mulher e sociedade. Campinas : Papyrus, p. 271-308,1995.

RUBIO, Katia. De Espectadoras a Protagonistas: A Conquista do Espaço Esportivo Pelas Mulheres. *Revista Movimento*, Ano V, n.11, p.50-56, 1999.

_____. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. *Revista Movimento: Revista da Escola de Educação Física*, Porto Alegre, ano VI, n. 12, p.37-44, 2000.

SAOUTIER, Anne. A Mãe e a prostituta: Os homens as mulheres e o Rugby. *Revista Movimento: Revista da Escola de Educação Física*, Porto Alegre, v. 02, n. 09, p.36-52, maio 2003.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, 1995.

SILVA, Paula. Acerca do debate metodológico na investigação feminista. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. V.03, p. 359-370, 2006.

SILVA, Tomaz. *O Currículo como Fetiche: a poética e a política no texto cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STIGGER, Marco. *Esporte, Lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

VIDICH, Arthur; Lyman, Stanford. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman; Lincoln, Yvona; Et Al. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

WACQUANT, loïc *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a sexualidade. In: *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Guacira Lopes Louro (org.) Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus, 1998.

WHITE, Philip; VAGI, Anne. Rugby in the 19th-Century British Boarding-School System: A Feminist Psychoanalytic Perspective. *Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives*. Champaign: Human Kinetics, p. 67-78, 1990.

Apêndice

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

SOBRE ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu, _____

_____ domiciliado (a) e
residente na cidade _____, declaro,
ceder ao trabalho de dissertação de mestrado de Thaís Rodrigues de Almeida, vinculada
ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de
Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os direitos autorais da
entrevista prestada, com a ressalva da utilização de nome fictício da entrevistada, para a
divulgação do conteúdo do depoimento.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2007

Nome da depoente

Roteiro (Parcial)

- 1- Como o *rugby* entrou em sua vida? (Como conheceu e quando se aproximou deste esporte, quando decidiu começar a jogar).
- 2- Já havia praticado outro esporte antes do *rugby*?
- 3- Como foi a inserção no clube, e o aprendizado deste esporte? Resumindo como é ser uma novata no *rugby*? Passou por trotes?
- 4- Enfrentou alguma dificuldade neste início da prática? Qual/quais?
- 5- Como foi o relacionamento com os outros membros do clube e do time feminino? E atualmente como vê essas relações?
- 6- Como é tua rotina de treinamentos no *rugby*? Quais as tuas atividades extra campo?
- 7- Joga em qual posição, por quê?
- 8- Com a prática do *rugby*, sentiu/percebeu mudanças no teu corpo?
- 9- Como é/o que sente quando está em campo?
- 10- Já participou de alguma competição de *rugby*? Qual mais te marcou e por que?
- 11- Tens algum ídolo(a) no *rugby* ou equipe que admira?
- 12- Qual a reação das pessoas quando descobrem que você é praticante de *rugby*?
- 13- Família, amigos, namorados apóiam, participam?
- 14- Como você vê sua equipe em relação à outras equipes femininas que conhece?
- 15- O que você destacaria como positivo e negativo no *rugby*?
- 16- Como vê o Charrua em relação aos outros clubes de *rugby* que conheces?
- 17- Como você vê a participação da equipe feminina, perante as outras categorias do Charrua? (questionar sobre a participação na diretoria e organização de eventos)
- 18- O que o *rugby* representa hoje na tua vida?

Anexos

Anexo A - Guia de sobrevivência para novatos no rugby

Seu primeiro jogo

Vamos manter a simplicidade no início.

1. Derrube qualquer coisa que esteja carregando a bola.

Nota: Geralmente você se tornará mais popular se você derrubar pessoas do outro time, o arbitro também não é considerado um bom alvo.

2. Quando pegar a bola corra como se estivessem querendo te matar!

Nota: Seus companheiros preferem que você corra em direção ao in-goal adversário.

Segundo jogo

Dominando o passe.

1. Passe a bola para trás para um colega que esteja numa posição melhor para avançar com a bola.

Nota: Gritar e jogar a bola pra cima no ar para evitar ser derrubado não é considerado de bom tom.

2. Siga ligeiramente atrás o seu colega de time que estiver carregando a bola, dessa forma você poderá receber um passe.

Nota: Se você derrubar a bola continuamente você se tornara o que eles chamam de "Pilar"

Terceiro Jogo

Dominando o chute.

1. Chute a bola para frente, sobre a cabeça de seus adversários e pegue-a durante a corrida.

Nota: Se você é um *forward*, então deixar a bola cair próximo ao seu pé e chutar qualquer um que estiver nas redondezas já é bom o bastante.

Sutilezas do jogo

Agora que você dominou a corrida, o *tackle* o passe e o chute, nós vamos cobrir alguns outros pontos.

O *Ruck*: Isto é uma situação onde 3 a 20 pessoas se empilham em cima do jogador *tackleado*. A jogada é parada pelo arbitro quando todo o ar do pulmão do jogador *tackleado* for comprimido para fora.

O *Maul*: Ao invés de ser *tackleado* e ir para o chão, o jogador é mantido de pé pelos *tackledores*. O Objetivo é tirar a maior quantidade de dedos do *tackleado* da bola. A jogada é parada pelo arbitro ao primeiro som de ossos quebrados.

O *Line Out*: Quando a bola sai do campo de jogo pela lateral, um lançamento é feito. O objetivo é dar uma cotovelada na cara do seu oponente enquanto tenta pegar a bola.

Offside: Em uma situação de *ruck* ou *maul* não é permitido aos jogadores roubem a bola da oposição entrando pelo lado deles. É obrigatório que você pise no ou por cima do jogador *tackleado* antes.

Scrum: Os oito *forwards* se unam e empurrem juntos os *forwards* adversários. O objetivo é deixar que os *forwards* batam e machuquem uns aos outros e dêem a chance para os *backs* recuperarem o fôlego.

Fonte: Lista de emails da categoria Formativa do Clube Charrua.

Anexo B

Destaques

Charrua Feminino Campeão da Liga Sul 2007



O Charrua Rugby Clube viajou até Florianópolis para decidir a Liga Sul 2007. No primeiro jogo da tarde as meninas venceram o Desterro por 5 a 0, após um final de jogo emocionante com muita defesa gaúcha e 11 minutos de jogo na segunda etapa, o Charrua se tornou campeão da Liga Sul Feminina pela primeira vez na história.

No segundo jogo da tarde o juvenil do Charrua repleto de debutantes foi derrotado pelo seu similar do Desterro por 17 a 5, em um jogo bonito e tranquilo.

- No último jogo da tarde, o time adulto do Charrua entrou em campo em busca da vitória que dava o título da Liga Sul. Logo no início da partida o Charrua foi para cima e o time catarinense cometia muitos penais, 3 destes o Charrua arriscou o chute ao H, convertendo apenas um. Charrua 3 a 0, após isto a partida ficou muito dura e feia, com muitas brigas e discussões em campo. O juiz da partida não conseguia acalmar os ânimos dos jogadores, mesmo dando 2 cartões amarelos.

O Desterro passou a tentar seu tradicional jogo de forwards sem sucesso, os gordos do Charrua defendiam bem e não permitiam o avanços dos forwards catarinenses. O Charrua tentava sempre o ataque, explorando chutes táticos para pressionar a equipe da casa, mas não conseguia chegar ao try. Final de primeiro tempo, Charrua 3 x 0 Desterro.

Logo no início da segunda etapa o Charrua teve diversas oportunidades de marcar o try, mas sempre esbarrava em alguma infração, que logo era marcada pelo árbitro da partida. Isto gerou muita reclamação da equipe gaúcha, o jogo seguiu muito brigado e o Charrua teve outro jogador advertido com cartão amarelo e um jogador expulso com o cartão vermelho, o que obrigou um pilar a jogar na segunda-linha, totalizando para os gaúchos cerca de 50 minutos de jogo com 14 homens em campo.

O Desterro soube aproveitar das oportunidades e da vantagem numérica e virou o placar, através de um try em uma saída de line out, com uma boa troca de passes pelo cego. Logo na sequência, em uma saída de scrum próximo ao in goal, mais um try catarinense.

Para finalizar, em uma distração da defesa Charrua depois de um chute desterrense, um passe foi interceptado e mais um try foi marcado, já nos acréscimos do segundo tempo. E o jogo terminou assim, tristeza para os gaúchos que se sentiram prejudicados, mas terminaram a partida de forma honrosa, lutando até o fim, como sempre.

O Charrua agradece ao Desterro pela recepção e pela partida jogada. NTMQP!

Fonte: <http://www.charruarugby.com/DestaqueIntegra.php?idDestaque=166&boolVerTodas=1&pagina=6>. Acesso em 03/08/2007.